MARIA DAS GRAÇAS S. Q. BITTENCOURT

QUALIDADE DE VIDA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PALOTINA-PR

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)
MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE-MS
2005

MARIA DAS GRAÇAS S. Q. BITTENCOURT

QUALIDADE DE VIDA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PALOTINA-PR

Dissertação apresentada ao programa de mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia – área de concentração: Comportamento Social e Psicologia da Saúde, sob a orientação da Prof. Dr. José Carlos de Souza.

CAMPO GRANDE-MS

2005

FICHA CATALOGRÁFICA

Bittencourt, Maria das Graças S. Q.
Qualidade de vida do professor do ensino fundamental da rede pública municipal de Palotina-PR / Maria das Graças S. Q. Bittencourt; orientador José Carlos de Souza. Campo Grande, 2005.
124 p.; il. + anexos

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco. Programa de Mestrado em Psicologia
Orientador: José Carlos de Souza
Inclui bibliografias

1. Qualidade de vida 2. Professor do ensino fundamental 3. Escolas públicas I. Souza, José Carlos de II. Título

CDD – 372.19

Bibliotecária responsável: Clélia Takie Nakahata Bezerra CRB 1/757

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. José Carlos R. P. Souza (orientador)

_____
Prof. Dr. Adriano Francisco Siqueira

_____
Prof. Dr. Wilma L. C. Cardoso

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/2005.

Dedico este trabalho a todos os professores, especialmente os de Palotina.

AGRADECIMENTOS

Ao Divino Mestre.

Ao meu esposo Adroaldo, pelo amor imenso, companheirismo, compreensão e pelos momentos de silêncio e espera. É uma alegria por tê-lo ao meu lado.

Meu sincero agradecimento ao Prof. Dr. José Carlos, pela confiança em mim depositada, pelo acolhimento nos momentos de dúvida, pela bondade em compartilhar seus conhecimentos, pela dedicação e sabedoria transmitidas durante o processo de orientação.

À Profa. Dra. Sonia Grubits, pelo primeiro incentivo e apoio recebidos.

À Judith Sendko, Secretária de Educação, Cultura e Desporto do município de Palotina, Estado do Paraná, amiga e exemplo de profissional comprometida com sua causa, por permitir o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, pela valiosa colaboração no fornecimento de dados e auxílio material.

À Miriam de Giacometti, primeira dama, Secretária do Trabalho e Ação Social e Presidente do Serviço de Obras Sociais de Palotina-PR, pelo incentivo, apoio e recebidos.

Aos meus pais José e Euremi, pelas orações que tanto me ajudaram a adquirir a força necessária para continuar.

Aos meus tios Antonio e Isabel, pessoas essenciais em todas as etapas deste mestrado. Será impossível um dia retribuir a altura o que fizeram por mim.

À Carla, William e Lucas, pelos momentos de sorrisos que atenuaram esta difícil caminhada.

À Érica Sinzato, querida colega de mestrado e verdadeira amiga, meu anjo da guarda em Campo Grande, por tudo.

A secretária do mestrado Ângela, pela eficiência, carinho, receptividade e preciosos esclarecimentos.

RESUMO

Realizou-se um estudo descritivo e analítico, de corte transversal, referente à qualidade de vida (QV) geral dos professores do ensino fundamental da rede pública municipal de educação no município de Palotina, Paraná. Foram entrevistados, durante o mês de agosto de 2004, todos os professores que se encontravam em atividade de ensino, no local, dia e hora da entrevista e que consentiram em participar da pesquisa, totalizando 80 sujeitos. As datas e horários da pesquisa foram antecipadamente agendados em uma reunião com a Secretaria Municipal de Educação e os diretores das escolas. A pesquisa foi realizada em todas as escolas (nove escolas) municipais do ensino fundamental. Foram excluídos os professores que não se encontravam no local da pesquisa e também aqueles que, por atuarem em mais de uma das escolas, já haviam respondido o questionário. Aplicou-se o questionário de características sócio-demográficas no qual se verificou que a maior concentração da idade dos entrevistados está entre 30 e 39 anos, a maioria profissionais efetivos (54), com predominância do sexo feminino (93,6%), casados (67,5%), com 1,6 filhos em média, renda familiar de 5,9 salários mínimos, 3,2 pessoas vivendo sob a renda, carga horária semanal de 32 horas, com 1,4 vínculos trabalhistas e tempo de magistério 13,1 anos em média. Em seguida os professores responderam ao instrumento genérico da Organização Mundial de Saúde, traduzido e validado no Brasil, World Health Organization Quality of Life na versão abreviada (WHOQOL-Breve) para a avaliação da QV geral em seus quatro Domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente, para verificar uma possível correlação entre a QV e algumas variáveis independentes (sexo, idade, estado civil, renda familiar, número de pessoas que vivem da renda, tempo de magistério, carga horária semanal, tipo de vinculo trabalhista com o município e número de vínculo trabalhista com ou sem registro). O ponto de corte foi 70. A distribuição da pontuação apresentada em cada Domínio foi: físico, 69,5; psicológico, 66,2 relações sociais, 68,7; meio ambiente, 58,5. A análise linear da QV percebida nos diferentes domínios foi menor no Domínio meio ambiente. Quanto à relação das variáveis independentes sobre os domínios e facetas estudadas, o número de filhos, a carga horária semanal, o número de escolas que o professor atua e a renda familiar influenciaram significativamente na QV percebida pelos professores. A dificuldade em conciliar a vida profissional com as atividades domésticas e a insatisfação com as oportunidades de atividade de lazer também foram determinantes para avaliação da QV. Concluiu-se, com base nos dados sócio-demográficos e estatísticos que, apesar de afirmarem satisfação com a QV geral, os professores do ensino fundamental apresentaram resultados abaixo da média na maioria dos domínios avaliados.

Palavras-chave: Qualidade de vida. Professor do ensino fundamental. Rede pública.

ABSTRACT

A descriptive and analytical cross section study, about the general quality of life of the teachers (QV) at Municipal Public Education net was done in Palotina, Paraná state. During all August, 2004 were interviewed all the teachers that were working in the local at the time of the interview and everyone that accepted to participate, it was a total of 80 persons. The schedule and date of the research was booked in advance, in a meeting with the Department of Municipal Education and scholars directors. This research was realized in all municipal schools of fundamental teaching (9 schools). The teachers whom were not at the local of the interview were not questioned and either those that worked in more than one school who had already answered the questionnaire. It was made by a questionnaire of socialdemography characteristics in which we could verify that the interviewed teachers were most among 30 and 39 years old, the most hired effective work (54) prevailing female (93.6%) married (67.5%) on average of 1.6 children each and an income of 5.9 minimum wage per family, each family formed by 3.2 persons that live with that income; a workload of 32:00 hours weekly, and 1.4 with laborite entailment and a teaching time of 13.1 years on average. Following that the teachers answered to the generic instrument of World Organization of Health Quality of Life in abbreviated version (WHOQOL-Breve), translated and validate in Brazil to evaluate the general QV as the four domains: Physical, Psychological, Social Relationship and Environment, to verify a possible correlation between the QV and some independents variables (sex, age, marital status, family income, number of people who live with that income, time of teaching, weekly workload, type of laborite link in the municipality and the number of laborites link with or without registration). The cut point was of 70. The distribution of punctuation showed in each domain was: physical 69.5; psychological 66.2; social relationship 68.7; environment 58.5. The perceived linear analyze of QV. On different domains was not agreeable on the environment domain and the studied facets the number of children, weekly workload, the number of schools in what the teachers worked and the family income influenced meaningfully on the QV detected by the teachers. It is hard to conciliate the professional life with the household activities and dissatisfaction with opportunities of leisure time were also determinant in the QV evaluation. . It was concluded, on the basis of the socialdemografy and statistical data that, although to affirm satisfaction with the general QV, the professors of fundamental teaching had presented resulted below of the average in the majority of the evaluated domains.

Key-words: Quality of life. Fundamental teaching. Municipal public education.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto à avaliação da sua qualidade de vida - questão 1. 63

GRÁFICO 2 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto à satisfação com a sua saúde – questão 2. 64

GRÁFICO 3 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto em que medida que a dor (física) impede-o de fazer o que precisa – Domínio físico – questão 3. 65

GRÁFICO 4 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quanto precisa de algum tratamento médico para levar a vida diária – Domínio físico – questão 4. 66

GRÁFICO 5 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quanto aproveita a vida – Domínio psicológico – questão 5. 67

GRÁFICO 6 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto em que medida que acha que a vida tem sentido – Domínio psicológico – questão 6. 68

GRÁFICO 7 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quanto consegue se concentrar – Domínio psicológico – questão 7. 69

GRÁFICO 8 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quão seguro sente-se em sua vida diária – Domínio meio ambiente – questão 8. 70

GRÁFICO 9 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos) – Domínio meio ambiente – questão 9. 71

GRÁFICO 10 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto a ter energia suficiente para o dia-a-dia – Domínio físico – questão 10. 72

GRÁFICO 11 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto a capacidade de aceitar sua aparência física – Domínio psicológico – questão 11. 73

GRÁFICO 12 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto ter dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades – Domínio ambiental – questão 12. 74

GRÁFICO 13 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão disponível estão as informações que precisa no dia-a-dia – Domínio ambiental – questão 13. 75

GRÁFICO 14 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto em que medida tem oportunidade de atividade de lazer – Domínio ambiental – questão 14. 76

GRÁFICO 15 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão bem é capaz de se locomover – Domínio físico – questão 15. 77

GRÁFICO 16 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com o sono – Domínio físico – questão 16. 78

GRÁFICO 17 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com a capacidade de desempenhar as atividades do dia-a-dia – Domínio físico – questão 17. 79

GRÁFICO 18 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com a capacidade para o trabalho – Domínio físico – questão 18. 80

GRÁFICO 19 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está consigo mesmo – Domínio psicológico – questão 19. 81

GRÁFICO 20 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com as relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas) – Domínio social – questão 20. 82

GRÁFICO 21 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com a vida sexual – Domínio social – questão 21. 83

GRÁFICO 22 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com o apoio que recebe dos amigos – Domínio social – questão 22. 84

GRÁFICO 23 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com as condições do local onde mora – Domínio meio ambiente – questão 23. 85

GRÁFICO 24 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com o seu acesso aos serviços de saúde – Domínio meio ambiente – questão 24..... 86

GRÁFICO 25 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com o seu meio de transporte – Domínio meio ambiente – questão 25. 87

GRÁFICO 26 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto a freqüência de sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão – Domínio psicológico – questão 26. 88

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Estágios no desenvolvimento do WHOQOL-100. 14

QUADRO 2 - Domínios e facetas do WHOQOL 16

QUADRO 3 - Metodologia de tradução da OMS 19

QUADRO 4 - Domínios e facetas do WHOQOL-Breve 21

QUADRO 5 - Categorias conceituais de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) 32

QUADRO 6 - Calendário para a pesquisa de campo 56

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Estatística descritiva das variáveis numéricas, dados da população de professores entrevistados de Palotina-PR – 2004.....59

TABELA 2 - Distribuição, segundo o gênero, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004.....60

TABELA 3 - Distribuição, segundo o estado civil, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004.....60

TABELA 4 - Distribuição, segundo a faixa etária, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004.....61

TABELA 5 - Correlações de Pearson entre as variáveis numéricas e as pontuações nos Domínios, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004.....62

TABELA 6 - Distribuição, segundo o vínculo com o município e o resultado da qualidade de vida no Domínio físico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004.....89

TABELA 7 - Distribuição, segundo o vínculo com o município e o resultado da qualidade de vida no Domínio psicológico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004.....90

TABELA 8 - Distribuição, segundo o vínculo com o município e o resultado da qualidade de vida no Domínio social, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004.....90

TABELA 9 - Distribuição, segundo o vínculo com o município e o resultado da qualidade de vida no Domínio meio ambiente, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 91

TABELA 10 - Distribuição, segundo o gênero e o resultado da qualidade de vida no Domínio físico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 91

TABELA 11 - Distribuição, segundo o gênero e o resultado da qualidade de vida no Domínio psicológico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 92

TABELA 12 - Distribuição, segundo o gênero e o resultado da qualidade de vida no Domínio social, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 92

TABELA 13 - Distribuição, segundo o gênero e o resultado da qualidade de vida no Domínio meio ambiente, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 93

TABELA 14 - Distribuição, segundo o estado civil e o resultado da qualidade de vida no Domínio físico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 93

TABELA 15 - Distribuição, segundo o estado civil e o resultado da qualidade de vida no Domínio psicológico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 94

TABELA 16 - Distribuição, segundo o estado civil e o resultado da qualidade de vida no Domínio social, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 94

TABELA 17 - Distribuição, segundo o estado civil e o resultado da qualidade de vida no Domínio meio ambiente, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 95

TABELA 18 - Distribuição, segundo a identificação do exercício de outras atividades e o resultado da qualidade de vida no Domínio físico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 95

TABELA 19 - Distribuição, segundo a identificação do exercício de outras atividades e o resultado da qualidade de vida no Domínio psicológico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 96

TABELA 20 - Distribuição, segundo a identificação do exercício de outras atividades e o resultado da qualidade de vida no Domínio social, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 96

TABELA 21 - Distribuição, segundo a identificação do exercício de outras atividades e o resultado da qualidade de vida no Domínio meio ambiente, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004 97

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 1

1 INTRODUÇÃO 3

1.1 QUALIDADE DE VIDA GERAL 4

1.1.1 Aspectos históricos e conceito 4

1.1.2 A avaliação da qualidade de vida 9

1.2 INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DA OMS: QUESTIONÁRIO WORLD HEALTH ORGANIZATION QUALITY OF LIFE (WHOQOL) 12

1.2.1 Validação em português do WHOQOL-100 18

1.2.2 Instrumento abreviado de avaliação da QV – WHOQOL-Breve 20

1.3 O TRABALHO 22

1.3.1 As implicâncias do trabalho na saúde do trabalhador 22

1.4 QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO 27

1.4.1 Conceitos de qualidade de vida no trabalho 30

1.5 PROFISSÃO DOCENTE 34

1.5.1 O processo histórico da profissão 34

1.5.2 Magistério e gênero 40

1.5.3 O panorama atual do professor 43

2 A PESQUISA 51

2.1 PESQUISA DE CAMPO 51

2.1.1 Contexto da pesquisa 51

2.1.2 Identificação da SEMED e Palotina-PR 51

2.2 HIPÓTESES 52

2.3 OBJETIVOS 53

2.3.1 Geral 53
2.3.2 Específicos 53
2.4 MÉTODO 53
2.4.1 Sujeitos 53
2.4.2 Recursos humanos 54
2.4.3 Recursos materiais 54
2.4.4 Caracterização da pesquisa 54
2.5 PROCEDIMENTOS 54
2.5.1 Instrumento da pesquisa 57
2.5.2 Análise e processamento dos dados 57
2.5.3 Aspectos éticos da pesquisa 58
3 RESULTADOS 59
3.1 DOMÍNIOS E FACETAS AVALIADOS PELO QUESTIONÁRIO WHOQOL-BREVE 63
3.2 CORRELAÇÕES DO DOMÍNIOS DO WHOQOL-BREVE COM AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES 89
4 DISCUSSÃO 98
5 CONCLUSÃO 107
REFERÊNCIAS 109
APÊNDICES 117
ANEXO 120

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa que trata da Qualidade de Vida (QV) geral do professor do ensino fundamental da rede pública municipal de Palotina, Estado do Paraná, originou-se das observações e da vivência da pesquisadora frente à realidade do professor do ensino fundamental como psicóloga, psicopedagoga, professora do ensino fundamental e professora universitária.

No primeiro capítulo desta dissertação apresenta-se o referencial teórico que fundamentou o estudo e que está subdivido em três etapas distintas. Inicialmente faz-se uma introdução à QV geral, seus aspectos históricos e conceitos, seguidos da discussão sobre a importância da avaliação da QV e do instrumento para a avaliação da QV geral da Organização Mundial de Saúde – WHOQOL-Breve – que foi utilizado nesta pesquisa, relatando todas as etapas do seu desenvolvimento.

Num segundo momento, por se tratar de uma pesquisa referente a uma profissão, o capítulo 2 dirige a teoria para alguns aspectos que envolvem o trabalho e a saúde do trabalhador, focando o lado antagônico do trabalho: promotor da saúde ou do adoecimento. Posteriormente, visando apresentar alternativas para a humanização do trabalho, encerra-se esta segunda parte com a teoria da Qualidade de Vida no Trabalho.

A terceira e última parte do capítulo 2 direciona a teoria para a profissão docente. A introdução no assunto é feita através do relato do processo histórico que gerou a profissão, enfatizando o quanto a idéia que originou o termo professor ainda permeia esta profissão. O magistério e gênero é outro assunto relevante desta etapa, pois esclarece como se deu o ingresso das mulheres na

docência e como esta se transformou numa profissão majoritariamente feminina. Finalizando o primeiro capítulo, faz-se um panorama da profissão docente em face das mudanças da sociedade atual, as novas exigências e os resultados para o professor.

O terceiro capítulo trata da pesquisa de campo e descreve o contexto onde se realizou a pesquisa, sujeitos, as hipóteses, os objetivos, métodos e procedimentos utilizados.

No quarto capítulo, têm-se os resultados, a análise estatística dos resultados, a discussão. E no último, a conclusão dos dados encontrados pela pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

A profissão docente é bastante antiga, no entanto o interesse pelos assuntos que envolvem a carreira do professor é recente, principalmente no Brasil onde os estudos se encontram em caráter inicial e têm seguido na vertente da saúde mental, sendo pouco enfatizados aspectos importantes como as necessidades subjetivas do professor.

Visando explorar outros aspectos relevantes para a carreira docente, esta pesquisa procurou estudar o tema Qualidade de Vida (QV) por ser, no momento, uma das expressões de maior freqüência na literatura internacional. No Brasil, têm sido significativas as referências ao tema, já foram realizados vários encontros de QV, nacionais e regionais; o mais recente aconteceu em Porto Alegre-RS, em agosto deste ano, com a participação de diversos pesquisadores mundiais da área.

O campo da medicina é sem dúvida onde se concentra o maior foco das pesquisas desenvolvidas abordando a QV e diferentes enfermidades, contudo pouco se encontra acerca da QV relacionada ao professor, de forma geral e, em particular, ao professor do ensino fundamental.

O interesse pela QV do professor surgiu pela experiência prática da atuação como professora de um programa de contra-turno social para crianças a partir do ensino fundamental, professora universitária, psicóloga e psicopedagoga. Ao comparar todas as atividades exercidas, percebe-se que a de professora do ensino fundamental é a que mais exige do profissional. Enquanto é possível desfrutar de um certo *status* nas demais atividades além de um controle maior sobre o produto do trabalho, como professora é necessário um intenso envolvimento porque requer que se cumpra um papel semelhante ao da função

materna: cuidar da freqüência do aluno à escola, da higiene, alimentação, saúde e vestuário são atividades rotineiras para o docente.

O tema ‘trabalho’ é uma nova dimensão que tem sido explorada nos estudos que envolvem o assunto QV, notadamente pela condição que exerce na vida das pessoas como preditor da QV, de auto-afirmação e identidade pessoal. Desta forma, a escolha por caracterizar a QV dos professores de Palotina-PR deu-se, também, em função das especificidades envolvidas nessa profissão. Diariamente o professor se defronta com exigências provenientes das grandes mudanças tecnológicas, sociais e de valores com as quais precisa se ajustar com uma velocidade maior do que sua capacidade de adaptação. Soma-se a estes fatores, problemas práticos do cotidiano escolar, a falta de condições básicas para o exercício da profissão, o acúmulo de papéis, que até este momento não aparentam solução.

A pesquisadora deste estudo, tendo há muito observado e vivenciado a função de professor, encontrou nesta pesquisa que avalia a QV geral do professor do ensino fundamental uma maneira, através do método cientifico, de constatar as hipóteses percebidas no decorrer da prática profissional.

1.1 QUALIDADE DE VIDA GERAL

1.1.1 Aspectos históricos e conceito

A Qualidade de Vida (QV) é um tema que tem sido muito discutido pela sociedade atual. No entanto, Paiva (2003) relata que o conceito de QV é bastante antigo, tendo até mesmo o filósofo Aristóteles refletido sobre o assunto afirmando que um homem feliz vivia bem e estava bem. Na idade moderna o termo QV foi mencionado pela primeira vez por Pigou, em 1920, em seu livro “Economia e bem-estar material”, no qual descrevia o impacto de um suporte governamental na vida dos indivíduos de classe menos favorecida. Entretanto, a pouca notoriedade do autor não colaborou para a devida valorização do termo, levando o assunto ao esquecimento até seu reaparecimento após a Segunda Guerra

Mundial (WOOD-DAUPHINE, 1999 apud YAMAMDA, 2001). O período pós-guerra fez com que a civilização ocidental aliasse o sucesso tanto individual quanto coletivo e o bem-estar às conquistas econômicas representadas pela aquisição de bens materiais, e a QV passou a ser um privilégio das pessoas que possuíam dinheiro e desfrutavam da vida consumindo (FERRAZ, 1998).

Na década de 1950, as severas críticas às políticas governamentais de incentivo ao crescimento econômico sem limites e ao materialismo exagerado, tornaram necessária a revisão do conceito de QV. Nesse sentido, o uso do termo foi gradativamente sendo ampliando até tornar-se comum e, em 1960, foi incluído nos relatórios dos membros da Comissão dos Objetivos Nacionais do Presidente dos Estados Unidos, Eisenhower (YAMAMDA, 2001). Segundo Flanaga (1982 apud YAMADA, 2001), o relatório relacionou a QV a uma variedade de fatores ambientais e sociais tais como a educação, a saúde e o bem-estar material, além da preocupação com o crescimento individual e econômico dos americanos e da defesa de um mundo livre. Entretanto, a utilização prática do termo aconteceu somente mais tarde ao ser empregado pelo então Presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johson, em 1964, referindo-se ao sistema bancário Norte Americano declarando que os objetivos dos bancos não poderiam ser medidos somente através dos balanços, e sim pela qualidade de vida que proporcionavam às pessoas (FLECK, 2003).

A declaração do Presidente despertou a atenção da filosofia, medicina, psicologia, sociologia e outros campos de estudos pelo entendimento da QV, culminando em um amplo interesse em conceitos como ‘padrão de vida’ e ‘qualidade de vida’. Segundo Fleck (2003), a principal preocupação em obter um consenso na definição da qualidade de vida, origina-se desse movimento das ciências humanas e biológicas ao procurar ir além do controle de sintomas, a diminuição da mortalidade ou o aumento da expectativa de vida. Porém, o consenso sobre o conceito científico de qualidade de vida surgiu somente em 1994, com a publicação do livro *Quality of Life and Pharmacoeconomics in Clinical Trials*, que incluía a participação de diversos profissionais interessados no entendimento do que fosse Qualidade de Vida. Em sua segunda edição, em 1996,

foi necessário que os autores optassem por uma única definição para QV. A principio a alternativa óbvia foi dar liberdade a cada autor para definir QV em seus próprios termos, porém se depararam com a probabilidade de ver o livro sem uma unidade e desconexo.

Segundo Spilker (1996), o grupo de colaboradores da Organização Mundial de Saúde (OMS), após um estudo mais aprofundado, optou pelo uso de uma definição geral de QV como as percepções individuais das pessoas de sua posição na vida, no contexto da sua cultura e sistema de valores nos quais ela vive, e em relação às metas, expectativas, padrões e interesses. Esta definição da OMS evidencia que a QV está relacionada com o valor que a pessoa faz sobre si mesma, porém, mesmo pertencendo ao âmbito da subjetividade, tem muito a ver com a objetividade que envolve o indivíduo (SZABO, 1996). O conceito geral de QV consiste em um número de domínios distintos. Os cinco maiores domínios de QV aos quais se referem os autores, incluem as seguintes categorias: a) *status* físico e habilidades funcionais; b) *status* psicológico e bem estar; c) interações sociais; d) *status* econômico e/ou vocacional e fatores; e) *status* religioso e/ou espiritual.

Segundo Souza e Guimarães (1999), o conceito de QV da OMS é complexo, pois abrange a saúde física, o estado psicológico, o nível de independência, os relacionamentos sociais, crenças pessoais, bem como características proeminentes do ambiente. Szabo (1996) afirma que a QV se refere a uma avaliação subjetiva, pois inclui tanto as dimensões positivas como as negativas, em um contexto cultural, social e ambiental. Spilker (1996) alerta para o risco de não se investigar o alcance total da QV quando se estudar apenas um ou dois dos referidos domínios.

Atualmente, a discussão sobre a QV está presente em diversos setores da sociedade, tornando-se um tema exaustivamente debatido e tratado indistintamente por cada seguimento social, transformando-se, desta forma, em um dos assuntos mais interdisciplinares do momento (FARQUHAR, 1995). A literatura especializada, comerciais de televisão, de alimentos, políticos e academias de ginástica, refere-se ao assunto como um ideal da

contemporaneidade (BARBOSA, 2002). O resultado do uso excessivo do termo é salientado por Cardoso (1999), ao afirmar que a aplicação da Qualidade de Vida, tornou-se indiscriminada, sem um maior aprofundamento nas diversas áreas e suas vertentes. A referida autora alerta para a polêmica e a complexidade que envolve o termo, uma vez que a Qualidade de Vida abrange importantes aspectos como mudanças, condições e estilo de vida, bem-estar entre outros, que geralmente são utilizados com o mesmo sentido ou sinônimo de Qualidade de Vida.

Merberg (1993 apud BECK; BUDÓ, 1999) afirma que entre os termos aplicados com o mesmo sentido de QV, a comparação mais utilizada é a que se refere à satisfação de vida. Entretanto, segundo o autor, é possível encontrar na literatura de diversas áreas autores que conceituam QV como um termo que envolve muitas facetas, abrangendo desde capacidades comportamentais e cognitivas do indivíduo, até o bem-estar emocional e habilidades no desempenho de papéis. Beck e Budó (1999) citam autores como Merberg (1993), Katz (1983), Romano (1993) e Allardt (1993), que definem a QV como um sinônimo de um grau de excelência, ou uma posição social de status elevado. Porém, uma definição mais ampla e genérica do termo afirma ser a QV um conjunto harmonioso e equilibrado de realizações em todos os níveis, como saúde, trabalho, lazer, sexo, família, desenvolvimento espiritual e outros (RAMOS, 1995 apud CARDOSO, 1999).

Wilhem e Déak (apud CARDOSO, 1999), na década de 1970, concordavam que a QV está vinculada a uma percepção pessoal e a compreenderam como uma sensação de bem-estar do indivíduo, que é proporcionada por condições objetivas (renda, emprego, objetos possuídos, qualidade de habitação) e condições subjetivas (segurança, privacidade, reconhecimento, afeto). Salientando a subjetividade da QV, Moreira (2000) aborda a necessidade, para definir QV, em, primordialmente, ouvir as pessoas sobre quais são os fatores relevantes nas suas vidas que se não existissem, poderiam afetar a sensação de bem-estar. A mesma opinião é encontrada em Niv e Kreitler (2001), que estabelecem seis principais características para QV:

subjetiva; fenomenológica; multidimensional; eventual; dinâmica; possível de quantificar, afirmando que cada uma das características tem implicações importantes para objetivar a teoria e a prática da QV e que o melhor caminho para definir QV é o resultado do questionamento particular dos indivíduos.

O extenso número de respostas distintas provenientes do questionamento individual sobre a definição de QV, fortificam a tese de que para se conceituar a QV não basta sintetiza-la em presença ou ausência de enfermidade (CALMAN, 1984; SILVA; NASPITZ; SOLÉ, 2004), pois embora os membros de uma sociedade compartilhem a mesma cultura, eles têm experiências e opiniões radicalmente diferentes no que concerne à QV (SOUZA; GUIMARÃES, 1999). Relacionada a essa concepção, Morgado (apud LIMA, 2002) afirma que os aspectos fundamentais necessários para a definição da QV, estão centrados na percepção do paciente no seu funcionamento físico, ocupacional, psicológico, interação social e sensações somáticas, concluindo que a QV pode ser alterada ao longo do tempo de forma global ou específica, faz com que o paciente torne-se seu próprio controle.

Um exemplo da importância da percepção pessoal na QV pode ser vista nos resultados de alguns estudos sobre este construto. Por exemplo, Diogo (2003) elaborou uma pesquisa cujo objetivo principal era avaliar a satisfação global com a vida em determinados domínios entre idosos com amputação de membros inferiores. Na hipótese do autor, os idosos com amputação teriam um grau de satisfação menor em relação à capacidade física/independência do que outras pessoas da mesma idade. O resultado da pesquisa foi contraditório ao da hipótese, pois revelou que a maioria dos entrevistados estava muitíssimo satisfeito quando se compararam com outras pessoas da mesma idade. Cantril (1996 apud SOUZA; GUIMARÃES, 1999) relata a existência de uma relação entre o nível de satisfação com a vida e a desigualdade entre as metas e as realizações pessoais. Conforme as pessoas vão obtendo sucesso no alcance de suas metas, nos diversos estágios da vida, vão conseguindo melhor qualidade de vida.

Como se pode observar, o termo QV vem sendo tratado sob os mais diferentes ângulos, seja do ponto de vista científico ou do senso comum, seja

objetiva ou subjetivamente, ou ainda, em abordagens coletivas ou individuais. Segundo Schipper, Clinch e Olweny (1996), são dessas discussões que emerge a rubrica da QV, pois representam uma tentativa de quantificá-la em termos especificamente analisáveis. Por outro lado, ainda faz-se necessário maior investimento nas discussões que envolvem o conceito e também a medição da QV. Esta pesquisa avaliará a QV geral dos professores do ensino fundamental e será orientada desde a avaliação até a discussão dos resultados, pela definição de QV da OMS.

1.1.2 A avaliação da qualidade de vida

A avaliação da QV se origina na relação com a saúde. Desde a década de 1970, a avaliação da QV vem se desenvolvendo; de uma atividade restrita passou a uma disciplina formal com uma estrutura coesa, métodos consagrados e com diversas aplicações (BERLIM; FLECK, 2003). Segundo Ramos-Cerqueira e Crepaldi (2000), no início deste século, verificou-se um grande avanço tecnológico que levou as pessoas a pensarem que a cura das doenças ou os tratamentos definitivos se tornariam uma realidade. Se isto tivesse ocorrido, não haveria sentindo medir e avaliar QV.

Entretanto mesmo com os progressos que a medicina tem conquistado, algumas doenças ainda continuam incuráveis o que tem levando os pesquisadores a tratamentos alternativos com objetivo de prolongar a vida. Porém, conscientes de que o aumento quantitativo da sobrevida dos pacientes nem sempre produzia um impacto qualitativo que garantisse uma recuperação significativa do seu estado físico, emocional, os estudiosos concentraram a atenção na medida desse impacto, transformando tal recurso em um instrumento importante na seleção de tratamentos mais seguros (RAMOS-CERQUEIRA; CREPALDI, 2000).

Nos últimos anos, avaliar QV tornou-se uma medida eficiente e amplamente difundida para constatar a eficácia de um tratamento clínico. As vantagens práticas e comerciais na avaliação da QV são bastante evidentes e,

por isso, os estudos do termo vêm aumentando paulatinamente. Neste sentindo, uma recente pesquisa sobre a revisão da produção científica em QV, das universidades públicas do Estado de São Paulo, revelou que a maior produção sobre o tema encontra-se concentrada no período de 1999 e 2001, correspondendo a 70,9% dos trabalhos produzidos entre as teses e dissertações. As características das populações estudadas concentraram-se, na maioria (71,7%), na investigação de adultos de ambos os sexos. As amostras variaram de 10 a 350 indivíduos. A relação da QV com alguma patologia foi o enfoque mais investigado. Não foi mencionado nenhum trabalho sobre a QV do professor. Os instrumentos de medidas preferidos pelas pesquisas investigadas foram os genéricos validados no Brasil. Os autores da pesquisa concluíram que as produções científicas das instituições pesquisadas estão acompanhando a produção mundial da temática QV (DANTAS; SAWADA; MALERBO, 2003).

Segundo Spilker (1996), as avaliações da QV auxiliam na qualidade e resultado dos tratamentos para os pacientes, bem como para comparar diferentes técnicas terapêuticas, estimar o custo de doenças específicas e também seus impactos na vida normal e bem-estar das pessoas enfermas. As informações obtidas dos estudos de QV podem ser usadas para ajudar o Governo e as lideranças a destinar verbas para aqueles tratamentos que alcançarem os melhores resultados em termos de QV. Na literatura é possível encontrar a opinião de diversos autores sobre as vantagens da avaliação da QV, são elas: Souza, E. (1999) considera importante a avaliação da QV em crianças epilépticas; para Kligermam (2004), avaliar a QV de pacientes com câncer pode se transformar em um fator prognóstico e um indicador de saúde, bem como estabelecer as políticas do tratamento; Durães (2002) visualiza na avaliação da QV um instrumento fundamental no seguimento tardio nos pacientes tratados com transplantes; Barreire et al. (2003) entendem que a avaliação da QV contribui para a melhor compreensão sobre QV de crianças com ostomias.

Além da saúde, a avaliação da QV tem conquistado espaço em áreas distintas como idosos asilados (MENTA, 2003) trabalhadores de siderúrgica (PAIVA, 2003) e a QV geral do professor, tema desta pesquisa. Com esses novos

rumos tomados pelas pesquisas sobre o referido assunto, conclui-se que a relação com a saúde é apenas mais uma das diversas formas de se avaliar a QV, muito embora seu conceito seja inerente a esta. Segundo a OMS, saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Segre e Ferraz (1997) consideram ultrapassada esta definição de saúde. Os autores fundamentam sua opinião no fato da referida definição, além de visar a uma imperfeição impossível de ser obtida pelo homem, fazem destaque entre o físico, o mental e o social. Diversos autores (SPILKER, 1996; FLECK, 2003; SOUZA; GUIMARÃES, 1999) afirmam que nem todos os eventos que ocorrem na vida de uma pessoa estão relacionados a sua saúde. Spilker (1996) ressalta que outros acontecimentos, apesar de importantes,foram ignorados nas avaliações clínicas.

Menta (2003) entende que a vida humana inclui outros fatores além das necessidades básicas de sobrevivência. A autora afirma que as necessidades subjetivas são igualmente indispensáveis e constituem valores fundamentais do homem, tais como percepção e compreensão de suas relações sociais e de trabalho, sexualidade, apreciação estética, aquisição de conhecimentos, oportunidade de lazer, entre outros. Souza e Guimarães (1999) apontam duas direções para avaliar a qualidade de vida: objetiva e subjetiva. Portanto, há um cuidado dos autores ao relacionar os principais representantes do caminho objetivo de qualidade de vida, entre eles, encontram-se a saúde, condições físicas, salários e moradias. As percepções qualitativas das experiências de vida compõem o caminho subjetivo da qualidade de vida.

Segundo Schipper, Clinch e Olweny (1996), a medição da QV é subjetiva em dois sentidos: primeiro porque muitas dimensões a serem definidas não são diretamente mensuráveis fisicamente e segundo porque o interesse do paciente é maior com relação a sua existência do que com a importância da disfunção.

Paiva (2003) comenta que há uma divergência de opinião entre autores que acreditam que as medições devem escolher entre uma avaliação subjetiva ou objetiva, e outros que defendem a avaliação da qualidade de vida de maneira objetiva e subjetiva e, principalmente, ser analisada conjuntamente para ser compreendida. A própria OMS, ao excluir a saúde como o centro da QV, passa a

defender a tese de que avaliar QV é avaliar dimensões e, portanto, a QV não deve ser medida apenas pelo prolongamento da existência (AMATO; AMATO; UIP, 1997).

No entanto, um aspecto fundamental na avaliação da QV trata da capacidade de generalização dos resultados das medidas de QV. Lima (2002) afirma que a avaliação da QV não deve pautar-se somente no fato do instrumento ter sido traduzido para outro idioma, mas também na necessidade do instrumento escolhido ser aplicável para aquela realidade. Nesse sentindo, a opinião de especialistas que acreditavam na universalidade da qualidade de vida, independente de nação, raça, cultura ou época, e a ausência de um instrumento que avaliasse a QV dentro de uma perspectiva transcultural, foi a alavanca para a OMS desenvolver um instrumento que correspondesse a estas necessidades: o World Health Organization Quality of Life (WHOQOL). Segundo Lima (2002), o WHOQOL enquadra-se na categoria dos instrumentos utilizados para avaliar a QV geral. Por se tratar de um instrumento genérico, de fácil aplicação, e por ser um bom método de triagem diagnóstica (FERNANDES et al., 2002) foi, em sua versão abreviada, o instrumento de avaliação da QV escolhido para ser utilizado nesta pesquisa.

1.2 INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DA OMS: QUESTIONÁRIO WORLD HEALTH ORGANIZATION QUALITY OF LIFE (WHOQOL)

Segundo Fernandes et al. (2002), os instrumentos para avaliação da QV se apresentam em diferentes formas como: escala, inventários ou índices, e podem ser classificados em genéricos ou específicos. Os instrumentos específicos são utilizados para a avaliação de populações específicas, avaliam funções particulares (sono e apetite) e permitem avaliar a repercussão de uma queixa e o impacto de uma doença na vida, pois leva em conta a doença como um todo. Quanto aos instrumentos genéricos, são aqueles utilizados com o objetivo de estimar o impacto global de uma condição mórbida na vida do indivíduo,

abordando aspectos físicos, emocionais, psicológicos, sociais e funcionais, possibilitando a comparação do impacto de várias doenças em uma mesma população. São citados como exemplos de métodos genéricos de triagem diagnóstica o instrumento para avaliação da qualidade de vida relacionada à saúde (Medical Outcomes Studies 36-item Short-Form, SF-36[1]) e o WHOQOL.

Fleck (2003) relaciona a origem do WHOQOL a duas questões fundamentais para a OMS. A primeira trata-se da necessidade de homogeneizar os instrumentos de avaliação de QV proliferados nas últimas décadas, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra; o segundo fator refere-se à obtenção de um instrumento que pudesse ser utilizado em diversas culturas. Segundo Fleck et al. (1999a), o instrumento internacional para avaliar a QV foi obtido pela OMS, por meio de um grupo colaborativo multicêntrico, em diferentes culturas. Composto inicialmente por 2.000 questões, o WHOQOL foi resumido a 300 e, posteriormente, para 100, ficando denominado como WHOQOL-100. Alguns passos foram seguidos durante o desenvolvimento deste estudo e encontram-se descritos mais detalhadamente nos documentos da OMS. O Quadro 1 permite visualizar o resumo dos estágios percorridos.

[1] Instrumento para avaliação da qualidade de vida relacionada à saúde.

QUADRO 1 - Estágios no desenvolvimento do WHOQOL-100.

Estágio	Método	Produto	Objetivos
1) Clarificação do conceito	- Revisão por *experts* internacionais	- Definição de qualidade de vida - Definição de um protocolo para o estudo	- Estabelecimento de um consenso para uma definição de qualidade de vida e para uma abordagem internacional da avaliação de qualidade de vida
2) Estudo piloto qualitativo	- Revisão por *experts* – grupos focais - Painel escrito de experts e leigos	- Definição de domínios e subdomínios - Elaboração de um conjunto de questões	- Exploração do conceito de qualidade de vida através das culturas e geração de questões
3) Desenvolvimento de um piloto	- Administração do WHOQOL piloto em 15 centros para 250 pacientes e 50 normais	- Padronização de um questionário de 300 questões	- Refinamento da estrutura do WHOQOL. Redução do conjunto de questões
4) Teste de campo	- Aplicação em grupos homogêneos de pacientes	- Estrutura comum de domínios - Conjunto de 100 questões - Escala de respostas equivalentes nas diferentes línguas	- Estabelecimento de propriedades psicométricas do WHOQOL

Fonte: Grupo WHOQOL (1995 apud FLECK et al., 1999a, p. 20).

Fleck (2003) relatou que, embora não houvesse um consenso sobre o conceito de QV, o grupo, constituído por *experts* de diversas culturas, concluiu que alguns aspectos são fundamentais quando se refere à QV, são eles: subjetividade, multidimensionalidade e presença de dimensões positivas (mobilidade) e negativas (dor). O desenvolvimento destes elementos originou a definição de QV, segundo a OMS, como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e no sistema de valores nos quais ele vive e em

relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL GROUP, 1994 apud FLECK et al., 1999a).

Este conceito inclui tanto a avaliação subjetiva do sujeito como também um conjunto de possibilidades que pode afetar a percepção da pessoa, seus sentimentos, comportamentos e a vida funcional. A multidimensionalidade do construto QV refletiu na estrutura do instrumento de avaliação (WHOQOL-100) baseada em 6 Domínios: físico; psicológico; nível de independência; relações sociais; meio-ambiente; e espiritualidade/religião/crenças pessoais.

O Quadro 2 apresenta de forma mais estruturada os domínios e facetas do WHOQOL.

QUADRO 2 - Domínios e facetas do WHOQOL

Domínio	**Faceta**
Domínio I – físico	- Dor e desconforto - Energia e fadiga - Sono e repouso
Domínio II – psicológico	- Sentimentos positivos - Pensar, aprender, memória e concentração - Auto-estima - Imagem corporal e aparência - Sentimentos negativos
Domínio III – nível de independência	- Mobilidade - Atividade da vida cotidiana - Dependência de medicação ou de tratamentos - Capacidade de trabalho
Domínio IV – relações sociais	- Relações pessoais - Suporte (Apoio) social - Atividade sexual
Domínio V – ambiente	- Segurança física e proteção - Ambiente no lar - Recursos financeiros - Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade - Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades - Participação em, e oportunidade de recreação/lazer - Ambiente físico: (poluição/ruído/trânsito/ clima) - Transporte
Domínio VI – aspectos espirituais/ religião/crenças pessoais	- Espiritualidade/religião/crenças pessoais

Fonte: Fleck (2003).

A etapa seguinte à clarificação do conceito foi a realização, pelos especialistas de diversas culturas, de um estudo piloto qualitativo, cujo objetivo principal era a exploração do conceito de QV dentro de uma abordagem transcultural. Com este intuito, os investigadores principais e consultores de cada centro elaboraram uma lista de domínios e subdomínios (facetas) para serem debatidos por um grupo focal com diferentes amostras nos diferentes centros, utilizando indivíduos saudáveis, indivíduos enfermos e profissionais de saúde. Segundo Fleck (2003), 15 centros estiveram envolvidos nesta etapa: Melbourne (Austrália), Zagreb (Croácia), Paris (França), Nova Delhi (Índia), Madras (Índia), Berr-Sheeva (Israel), Tóquio (Japão), Tilburg (Holanda), Panamá (Panamá), São Petersburgo (Rússia), Barcelona (Espanha), Bangkok (Tailândia), Bath (Reino Unido), Seattle (EUA), e Harare (Zimbabwe).

Composto de seis a oito indivíduos com características demográficas representativas de cada população estudada, os grupos focais discutiram com cada participante como cada faceta interferia na sua qualidade de vida e qual a melhor forma de ser questionado sobre cada um dos subdomínios. Aplicando a técnica de grupo focal, que incluíam o investigador principal do centro, os moderadores dos grupos focais, além de uma pessoa leiga para assegurar a compreensão e a naturalidade das questões redigidas nos painéis, cada grupo formulava no máximo seis questões por faceta. Algumas normas foram estabelecidas para a formulação das questões: a) basear-se na sugestão dos pacientes; b) relacionar-se com a definição de QV da OMS; c) refletir o significado das facetas; d) linguagem simples e questões curtas; e) explorar um só problema por faceta; f) ser aplicável em várias disfunções.

Foram reunidas 1.800 questões provenientes de todos os centros, porém, com a supressão das questões redundantes, com o mesmo significado ou que não atendiam aos critérios estabelecidos, restaram 1.000 questões. Na segunda etapa da classificação das questões, foram selecionadas somente aquelas que forneciam o maior número de informações sobre a QV para a cultura do seu país, restando 235 questões. As questões do WHOQOL foram formuladas para uma escala de respostas do tipo Likert, com uma escala de intensidade (nada-

extremamente), capacidade (nada-completamente), freqüência (nunca-sempre) e avaliação (muito insatisfeito-muito satisfeito; muito ruim-muito bom). Segundo Fleck (2003), embora estes pontos âncoras (‘nunca’ e ‘sempre’) sejam de fácil tradução nas diferentes línguas, os termos intermediários (‘freqüentemente’, ‘muito freqüentemente’, ‘muitas vezes’) apresentam dificuldades de equivalência semântica nas diferentes línguas. Para superar esta dificuldade, foi adotada uma metodologia que deu origem ao WHOQOL-100.

O WHOQOL-100, composto pelas 235 questões que avaliavam 29 facetas de QV, foi aplicado em 250 pacientes e 50 indivíduos normais, em 15 centros. O objetivo de análise destes dados visava examinar a validade de construto das facetas e domínios do WHOQOL e selecionar as melhores questões para cada faceta, além de estabelecer a consistência interna e validade discriminante do instrumento. O resultado do teste de campo foi a versão do WHOQOL, com 100 questões, com escores de 6 domínios e 24 facetas (QUADRO 2). Segundo Souza e Guimarães (1999), com o WHOQOL-100, a OMS tem, gradativamente, conseguido padronizar o estudo da QV.

Este estudo irá detalhar o desenvolvimento do questionário de avaliação da QV – WHOQOL-Breve – usado nesta pesquisa, pois considera necessário o amplo conhecimento do instrumento em todas as suas fases como forma de facilitar a compreensão dos resultados.

1.2.1 Validação em português do WHOQOL-100

No Brasil, o WHOQOL-100 foi traduzido e validado pelo psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Marcelo Pio de Almeida Fleck e colaboradores. Segundo Fleck et al. (1999a), o método utilizado na aplicação do instrumento na versão em português seguiu a metodologia de tradução utilizada pela OMS, no Quadro 3.

QUADRO 3 - Metodologia de tradução da OMS

Item	Descrição
1.	Tradução por tradutor com entendimento detalhado do instrumento
2.	Revisão da tradução por um grupo bilíngüe composto por entrevistadores, clínicos e antropólogos
3.	Revisão por um grupo monolíngüe representativo da população na qual o instrumento vai ser aplicado
4.	Revisão pelo grupo bilíngüe para incorporação das sugestões do grupo monolíngüe
5.	Retrotradução por tradutor independente
6.	Avaliação da retrotradução pelo grupo bilíngüe. Sendo que qualquer diferença significativa é revisada interativamente

Acompanhando a metodologia acima, a tradução do WHOQOL-100 para o português foi inicialmente realizada por tradutor com experiência em tradução de instrumentos e conhecedor da literatura referente à área específica e ciências sociais. Na seqüência, foi realizado um painel bilíngüe, composto por um psiquiatra (Dr. Marcelo Fleck), uma professora de Antropologia e três residentes do terceiro ano de Psiquiatria de Porto Alegre-RS. A versão em português de WHOQOL-100 foi discutida por quatro grupos focais e encontra-se detalhada por Fleck et al. (1999a).

O WHOQOL-100, em português, foi aplicado em 250 pacientes provenientes de quatro grandes áreas médicas (psiquiatria, clínica, cirurgia e ginecologia) de um hospital de clínicas de Porto Alegre-RS, e em 50 voluntários controles. O resultado demonstrou que o instrumento possui bom desempenho psicométrico, características satisfatórias de consistência interna, validade discriminante, validade de critério, validade concorrente e fidedignidade teste-reteste. Fleck et al. (1999a) concluíram que o instrumento está em condições de ser usado no Brasil e que esse instrumento tem papel importante no estudo de QV no Brasil, além de possibilitar a comparação com dados de outros países.

1.2.2 Instrumento abreviado de avaliação da QV – WHOQOL-Breve

Segundo Fleck et al. (2000), a necessidade de um instrumento de rápida aplicação, porém, com características psicométricas satisfatórias, foi determinante para a OMS desenvolver a versão abreviada do WHOQOL-100, o WHOQOL-Breve. A versão abreviada do WHOQOL consta de 26 questões, sendo duas questões gerais de qualidade de vida e as demais representam cada uma das 24 facetas que compõem o instrumento original, conforme o Quadro 4.

As facetas do Domínio 3/III do WHOQOL-100 foram incluídas no Domínio 1 do WHOQOL-Breve e, portanto, o Domínio 3/III foi excluído no WHOQOL-Breve. No Domínio 4/IV do WHOQOL-100, apenas uma faceta foi inserida no Domínio 2 do WHOQOL-Breve, as demais facetas foram suprimidas. Porém, nenhuma das 24 facetas do WHOQOL-100 foram excluídas no WHOQOL-Breve, apenas houve a redução das questões de cada faceta de quatro para uma. O critério de seleção das questões para o WHOQOL-Breve foi tanto psicométrico como conceitual, pois seguiu a metodologia recomendada pela OMS e encontra-se detalhada por Fleck et al. (2000).

Diferente do WHOQOL-100, no qual cada uma das 24 facetas é avaliada a partir de 4 questões, no WHOQOL-Breve, cada faceta é avaliada por uma questão. A consistência interna do WHOQOL-Breve foi avaliada pelo coeficiente de fidedignidade de Cronbach. Os Domínios 3 (relações sociais) e 4 (meio ambiente), avaliados individualmente, são os que evidenciaram os menores valores do coeficiente de Cronbach. Os autores alegam que este resultado era previsto, uma vez que instrumentos que são constituídos por um número reduzido de questões tendem a ter coeficientes menores. O Domínio 4 apresentou teste de significância limítrofe e o Domínio 3 não mostrou uma diferença estatisticamente significativa. Entre outros resultados analisados, Fleck et al. (2000) concluíram que o WHOQOL-Breve possui uma boa consistência interna, validade discriminante, validade concorrente, validade de conteúdo e confiabilidade teste-reteste.

QUADRO 4 - Domínios e facetas do WHOQOL-Breve

Domínio	**Faceta**
Domínio 1 – físico	1. Dor e desconforto
	2. Energia e fadiga
	3. Sono e repouso
	9. Mobilidade
	10. Atividades da vida cotidiana
	11. Dependência de medicação ou de tratamentos
	12. Capacidade de trabalho
Domínio 2 – psicológico	4. Sentimentos positivos
	5. Pensar, aprender, memória e concentração
	6. Auto-estima
	7. Imagem corporal e aparência
	8. Sentimentos negativos
	24. Espiritualidade/religião/crenças pessoais
Domínio 3 – relações sociais	13. Relações pessoais
	14. Apoio social
	15. Atividade sexual
Domínio 4 – meio ambiente	16. Segurança física e proteção
	17. Ambiente no lar
	18. Recursos financeiros
	19. Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade
	20. Oportunidade de adquirir novas informações e habilidades
	21. Participação e oportunidade de recreação/lazer
	22. Ambiente físico: poluição/ruído/trânsito/clima
	23. Transporte

Fonte: Fleck (2000).

Entretanto, conforme o coordenador do Centro Brasileiro do Grupo de Qualidade de Vida da OMS, Prof. Dr. Marcelo Pio de Almeida Fleck, o WHOQOL-Breve ainda não está sistematizado em pesquisas que abordam a QV geral de um grupo de indivíduos, fato constatado durante a revisão bibliográfica desta pesquisa, onde não se encontrou pesquisa sobre a QV do professor usando algum tipo de instrumento; os estudos verificados utilizavam somente a avaliação qualitativa para QV. O uso do WHOQOL-Breve, em professores, justifica-se pela ampla oportunidade que o instrumento oferece para compreender as motivações, os desejos, as oportunidades e os recursos disponíveis para satisfação e bem estar pessoal na relação consigo mesmo e com os outros (FLECK, 2000).

1.3 O TRABALHO

1.3.1 As implicâncias do trabalho na saúde do trabalhador

Prever os rumos futuros de um campo de estudo tão dinâmico como a QV é, segundo Souza e Guimarães (1999), quase impossível. Contudo, em algumas direções tem havido uma acentuada produção como os estudos da QV relacionados à saúde. Atualmente, uma nova dimensão tem sido explorada nas pesquisas envolvendo a QV, trata-se da saúde do trabalhador e da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) (PAIVA, 2003). No instrumento de avaliação da QV da OMS, utilizado nessa pesquisa, o WHOQOL-Breve, o trabalho é uma das facetas avaliadas no Domínio 4 - meio ambiente. Um dos motivos da importância de incluir o trabalho na avaliação da QV é, conforme afirma Moreira (2000), devido à influência que ele exerce sobre a mesma: propicia dor ou agravante da QV. O trabalho proporciona aos indivíduos uma identidade pessoal e auto-afirmação, ditando a qualidade do estilo de vida (VIEIRA apud OLIVEIRA, 2003).

Na atual sociedade industrial e capitalista, o trabalho ocupa um lugar prioritário na vida de seus membros, exercendo um papel fundamental no passado das pessoas, determinando o presente e moldando o futuro. Guimarães et al. (1999) comentaram as transformações ocorridas nas condições de trabalho,

que, conseqüentemente, influenciaram as transformações no plano social e no comportamento individual, e têm exigido pesquisas aprofundadas nos diversos ramos das ciências, principalmente no aspecto da Saúde Mental dos trabalhadores reais inseridos nas inúmeras categorias profissionais. Cardoso (1999) alerta que nem sempre a relação com o trabalho proporciona prazer, pois também podem surgir atitudes negativas frente ao trabalho, principalmente naquelas categorias profissionais menos favorecidas, nas quais a luta pela sobrevivência impõe a realização de tarefas rotineiras que causam um desgaste físico e intelectual originando sofrimento e insatisfação. Neste sentido, Codo (1993, p. 97) afirma o seguinte:

> O trabalho é mágico porque é duplo, carrega em si a maldição da mercadoria, a fantasmagoria do dinheiro: de um lado aparece como valor de uso, realizador de produtos capazes de atender necessidades humanas; de outro, como valor de troca, pago por salário, criador de mercadoria, e ele mesmo é uma mercadoria no mercado.

Engels (1986 apud BARROS; GUIMARÃES, 1999) discute o papel do trabalho na transformação do macaco em homem, o autor afirma que o trabalho é muito além do transformar os produtos em riqueza. O trabalho é o fundamento da vida humana, tendo, de certa forma, originado o próprio homem. No entanto, a literatura relata que a origem do trabalho está relacionada a dor e ao sofrimento (ALBORNOZ, 1998).

Albornoz (1998) relata que a própria etimologia do termo, do latim, *tripalium*, deve-se a um instrumento utilizado na manufatura de cereais que, posteriormente, foi usado como instrumento de tortura na Idade Média. Por outro lado, Mauro, Giglio e Guimarães (1999) afirmam que trabalho possui um caráter humanizador, que, por meio desta relação, o homem se torna diferente do animal na produção de sua subsistência. O trabalho pode responder a estas duas perspectivas distintas: “[...] promotor de saúde ou doença” (BARROS; GUIMARÃES, 1999, p. 76).

Uma das explicações para a ambigüidade encontrada no trabalho está

vinculada ao modelo taylorista de organização do trabalho que apesar de ter sido idealizado no início do século passado, atualmente ainda permanece como modelo organizacional e, a separação feita pelo sistema Taylor entre trabalho intelectual e trabalho manual, repercute na saúde do corpo atingindo principalmente o aparelho psíquico. Portanto, o sofrimento mental resulta da Organização do Trabalho (DEJOURS, 1992). A organização do trabalho é nomeada pela psicodinâmica do trabalho como a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidades, entre outros. Quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais possível, quando a relação do trabalhador com a organização do trabalho são impedidas, "[...] o sofrimento começa" (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994, p. 29).

Por sofrimento no trabalho, Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) entendem a energia pulsional que, por não ser descarregada no exercício do trabalho, acumula-se no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão. Tendo encontrado, em suas pesquisas, uma série de comportamentos ou de condutas que traduzem o sofrimento no trabalho, o autor elaborou uma listagem dos mais freqüentes, dentre eles:

a) recusa de se cumprimentar e de partilhar gestos da vida cotidiana;

b) fratura dos vínculos de solidariedade;

c) individualismo forçado;

d) recusa de assumir responsabilidades e condutas infantis;

e) retenção de informações;

f) desrespeito aos regulamentos;

g) violência e agressividade;

h) particularidades de grupo ou de equipes levando, às vezes, a conflitos;

i) curto-circuito da hierarquia;

j) recuso sistemático a pedido de acobertamento pelos níveis executivos;

k) perda de iniciativa individual e ‘pouco caso’;

l) queixas junto ao médico do trabalho;

m) medo motivado dos boatos;

n) desenvolvimento da desconfiança e tendência muito difundida à ‘interpretação’ das atitudes dos colegas como sendo de hostilidade sistemática;

o) fuga das discussões e sabotagem das devoluções das experiências;

p) mentiras e dissimulações sobre erros e danificação das ferramentas.

Outra abordagem de Dejours (1992) sobre o sistema Taylor refere-se ao aumento da produtividade como o objetivo direto do mesmo. Taylor, embasado na sua formação de operário, condenava os momentos de repouso entre a execução das tarefas por considerá-los sinônimo de ‘vadiagem operária’ e empecilho para a produção. Segundo Dejours (1992), evitar as pausas entre as tarefas é evitar as operações de regulagem da relação homem-trabalho, cujo sentido é dar continuidade a tarefa e proteger a vida mental do trabalhador. Ao estudar a visão psicopatológica da Organização Científica do Trabalho (OCT), Dejours (1992) identificou uma tríplice divisão originada por este modelo:

a) divisão do modo operatório;

b) divisão dos organismos entre órgão de execução e órgãos de concepção intelectual;

c) divisão dos homens, compartimentados pela nova hierarquia e suas subdivisões (contra-mestres, chefes de equipes, reguladores, cronometristas entre outros).

Diante deste quadro, fica evidente que o modelo taylorizado promoveu muito mais a separação entre os homens do que a unidade. Outro problema originado no cenário do trabalho pelo sistema Taylor é o fato deste excluir a participação mental dos trabalhadores por considerar que os interesses dos empregados são semelhantes aos interesses dos empregadores. Assim, Valle e Vieira (1999) afirmam que a redução da autonomia e da iniciativa do trabalhador pelo taylorismo está vinculada às suas características de produção, disciplina rígida, especialização de tarefas, tempos impostos, controle de qualidade separado da produção, economia de escala, fluxos verticais de informação e a quantidade em detrimento da qualidade. A divisão excessiva do trabalho, bem como a visão de homem pelo sistema Taylor, como mais uma peça na engrenagem da produção, é abordado por autores como Dejours (1992), Cardoso (1999), Barros e Guimarães (1999), como o propulsor do processo de alienação que separa o homem do produto do seu trabalho, de seus companheiros e de si mesmo, tornando-o sem identidade.

Segundo Barros e Guimarães (1999), o aspecto do taylorismo de não considerar as implicações psicológicas do trabalho acarretou sérias conseqüências para os trabalhadores e foi combatido por autores que discordaram da teoria de Taylor. Os autores relatam ainda que diversas publicações surgiram estabelecendo formas para encontrar o homem correto para cada função e, desta forma, produzir um melhor resultado do trabalho. Os referidos autores citam Elton Mayo e sua obra “Problemas Humanos de uma Civilização Industrial” como uma teoria de forte repercussão para a época, por transferir a prioridade, que anteriormente era dada às máquinas e aos métodos de trabalho, para as pessoas que participavam das organizações. Esta nova metodologia foi denominada como Abordagem Humanística de Administração. Atualmente, uma série de pesquisadores estuda a relação do trabalho como um dos determinantes de distúrbios físicos e mentais, tornando o campo de estudo na área da saúde e trabalho, necessariamente interdisciplinar (MORETTI; MURTA, 2004).

Entre as inúmeras pesquisas conhecidas, destacam-se Silva (2004) e o

estudo sobre *burnout* e a relação com a saúde do trabalhador. O autor concluiu que a qualidade de vida no trabalho está comprometida com as condições de trabalho, da mesma forma que depende tanto do indivíduo como da organização. Silva et al. (2002) discutiram as causas e efeitos do estresse e suas implicações na QV nas organizações; os autores deduziram que o homem moderno sobrecarrega seu organismo de tal forma a ponto de gerar o estresse.

Para Moretti e Murta (2004), apesar da evidente variedade de vertentes metodológicas que permeiam o campo teórico e prático da saúde mental, todas elas concordam que o trabalho é a principal categoria na análise do sofrimento e do adoecimento mental dos trabalhadores. Porém, a qualidade de vida no trabalho é uma realidade possível de ser obtida, o tema é abrangente, pois inclui além das condições de vida no trabalho, aspectos de bem-estar, garantia da saúde e da segurança física, mental e social, e condições de realização de tarefas com segurança e uso adequado da energia pessoal. A qualidade de vida do trabalhador é hoje considerada a melhor alternativa para um trabalho mais humano.

1.4 QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

As organizações constituem um dos principais aliados que o homem dispõe na construção da sua identidade e do seu ego ideal, da mesma maneira que os indivíduos insatisfeitos com o trabalho comprometem negativamente a sua vida. Segundo Fernandes (1996), a busca pela satisfação no trabalho é algo que existe desde as primeiras civilizações. Entretanto, somente nos séculos XVIII e XIX as condições de trabalho passaram a ser estudadas cientificamente.

Fernandes (1996) destaca Elton Mayo e Herzberg e os seus estudos sobre a motivação humana e os aspectos psicossociais do trabalho como os maiores contribuintes para o movimento da qualidade de vida. Antes, porém os teóricos da Administração Científica (Taylor, Gilbreth, Gantt e Munstemberg) já haviam demonstrado interesse pelo assunto (MAXIMIANO, 2004; VASCONCELOS, 2001; CARDOSO, 1999; GOULART; SAMPAIO, 1999).

Goulart e Sampaio (1999) consideram os estudos de Dinâmica de Grupos de Kurt Lewin e seus discípulos, outra valiosa contribuição para a fundamentação da qualidade de vida no trabalho, principalmente quando estes estudiosos conseguiram demonstrar a importância da convivência e da participação no aumento da rentabilidade do trabalho. Para Vasconcelos (2001), os mesmos créditos são atribuídos a Abrahan H. Maslow e a teoria das necessidades, constituída de cinco necessidades principais: fisiológica, segurança, amor, estima e auto-realização e a Douglas McGregor, autor da teoria X, que considerava, além de outras coisas, que o compromisso com os objetivos dependem das recompensas e que o homem aprende a aceitar as responsabilidades e depois passa a procurá-las.

Fernandes (1996), Cardoso (1999) e Goulart e Sampaio (1999) atribuem a Eric Trist, na década de 1950, a responsabilidade pela expressão qualidade de vida no trabalho. Ao estudarem uma maneira de solucionar o impasse Indivíduo-Trabalho-Organizaçao, Trist e seus colaboradores originaram uma abordagem sociotécnica da organização do trabalho, cuja base consistia na satisfação do trabalhador no trabalho e com o trabalho. Huse e Cumminings (1985 apud FERNANDES, 1996), ao comentarem a evolução histórica da qualidade de vida no trabalho, consideram a década de 1960, fundamental para o movimento a favor da melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores. O aumento das responsabilidades sociais e a maior conscientização dos trabalhadores motivaram fortemente as pesquisas sobre o tema. Os referidos autores também citam a década seguinte como a época em que houve o maior desenvolvimento da qualidade de vida no trabalho, devido à criação de centros de estudos de qualidade de vida no trabalho norte-americano.

Na década de 1980, aparecem dois momentos distintos na evolução do conceito de qualidade de vida no trabalho. No primeiro momento, de 1975 a 1980, a qualidade de vida no trabalho era encarada como um movimento ideológico que exaltava, com bastante freqüência, a administração participativa e a democracia industrial. Com a evolução dos anos de 1980, este movimento transforma-se em um remédio contra os males que assolavam as organizações. Nadler e Lawer

(1983 apud FERNANDES, 1996) citam, entre estes problemas que esperavam a solução pela qualidade de vida no trabalho, a competição estrangeira, os problemas de qualidade, a queda da produtividade e demais problemas organizacionais Valle e Vieira (1999) mencionam que a qualidade de vida no trabalho é uma tendência atual, que tem sido aplicada à situação de trabalho, por se tratar de um eficiente meio para atingir um ambiente de trabalho mais acertado, combinando maior produtividade à qualidade do seu resultado.

Na opinião de Fernandes (1996), este crescimento da preocupação com a qualidade de vida no trabalho está relacionado com a maior conscientização dos trabalhadores e ao crescimento das responsabilidades sociais das organizações. A autora cita em seu trabalho uma lista de empresas estrangeiras relacionadas por Huse e Cummings (1985 apud FERNANDES, 1996), que estão utilizando a tecnologia e a filosofia da qualidade de vida no trabalho, para suprir as necessidades psicossociais dos seus trabalhadores e elevar os níveis de satisfação no trabalho. Destacam-se, entre as demais, as empresas italianas, holandesas, canadenses, alemãs e suecas. No Brasil, os estudos de Cardoso (1999) demonstraram que a qualidade de vida no trabalho é uma terminologia largamente difundida nos últimos anos. A autora destaca alguns estudos que, até a referida data, considerava os mais significativos do país como os autores Quirino e Xavier (1983), que realizaram seus estudos com os pesquisadores agropecuários da EMBRAPA, sob dois enfoques diferentes: a qualidade de vida no trabalho e desempenho organizacional e a satisfação dos pesquisadores e Fleck (1987) que direcionou sua pesquisa sobre qualidade de vida no trabalho para analistas de empresas de grande porte no eixo Rio-São Paulo, entre outras.

Stephanini (2003) afirma que a idéia central da qualidade de vida no trabalho é unir interesses diversos e contraditórios, existentes nos ambientes de trabalho, tanto em empresas públicas ou privadas. Após as diferentes concepções passadas pela qualidade de vida no trabalho, ao longo do tempo, é natural que também tenha passado por inúmeras conceituações. Para uma clarificação do termo qualidade de vida no trabalho, faz-se necessário revisar alguns dos conceitos mais comentados pela bibliografia sobre o assunto.

1.4.1 Conceitos de qualidade de vida no trabalho

A revisão bibliográfica sobre o tema mostrou que, apesar dos diferentes enfoques na conceituação da qualidade de vida no trabalho, as opiniões dos autores convergem para, pelo menos, um ponto em comum: o principal objetivo da abordagem, que concilia os interesses dos trabalhadores e das organizações, visando incrementar a produtividade. Esta reflexão é fundamental, porque "[...] quando o trabalhador não se sente integrado e aceito em seu ambiente de trabalho, tende a cuidar, primeiramente, de seus interesses particulares e, se sobrar tempo, trabalhar pela empresa" (AQUINO, 1980 apud FERNANDES, 1996, p. 43). Fernandes (1996) esclarece, no entanto, que os inúmeros conceitos de qualidade de vida no trabalho voltam-se para três aspectos principais: a reestruturação do desenho de cargos e novas formas de organizar o trabalho; a formação de equipes semi-autônomas ou auto-gerenciadas de trabalho; e a melhoria do meio ambiente organizacional.

Goulart e Sampaio (1999) incluem no debate sobre o conceito de QVT a relação de fatores determinantes de satisfação dentro e fora do trabalho. Os autores consideram a empresa responsável pelos fatores que delimitam a QV dentro do trabalho, e a QV, com seus aspectos relacionados à saúde, educação, moradia, entre outros, responsabilidade de um projeto político social, que foge às obrigações da empresa. Contudo, na opinião dos autores, a empresa pode oferecer suplementação para garantir uma vida familiar melhor concluindo que:

> Embora a Qualidade de Vida Global e a Qualidade de Vida no Trabalho sejam distintas, elas interinfluenciam e insatisfações no trabalho podem causar desajuste familiar e nas relações sociais fora do trabalho, enquanto insatisfações fora do trabalho exercem um papel desadaptador sobre o trabalho (GOULART; SAMPAIO, 1999, p. 25).

Silva et al. (2002) apontam para a mesma direção da afirmação anterior, pois concordam com a relação direta e indireta entre a satisfação no ambiente organizacional e o processo produtivo. Neste sentido, Julião (2001) afirma que são muitas as vantagens da qualidade de vida no trabalho e cita, além das

anteriormente referidas, a redução da rotatividade, atitude favorável ao trabalho, redução/eliminação da fadiga, promoção da saúde e segurança, integração social, desenvolvimento das capacidades humanas e aumento da produtividade e, que este último, tem sido o foco principal para a implantação de programas de qualidade de vida no trabalho dentro das organizações, cujo objetivo visa atender as diferentes necessidades do trabalhador. Neste sentido, encontra-se um abrangente conceito de qualidade de vida no trabalho, originado na medicina psicossomática, a qual propõe uma visão integrada e holística do homem:

> Qualidade de vida no trabalho é o conjunto das ações de uma empresa que envolve a implantação de melhorias e inovações gerenciais e tecnológicas no ambiente de trabalho. A construção da qualidade de vida no trabalho ocorre a partir do momento em que se olha a empresa e as pessoas como um todo, chamada de enfoque biopsicossocial. O posicionamento biopsicossocial representa o fator diferencial para a realização de diagnóstico, campanhas, criação de serviços e implantação de projetos voltados para a preservação e desenvolvimento das pessoas, durante o trabalho na empresa (FRANÇA; LIMONGI, 1997, p. 80).

Uma definição do termo, elaborada há três décadas e ainda muito atual, é o conceito de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), de Walton (1973 apud FERNANDES, 1996). Segundo o referido autor, o termo QVT tem sido usado freqüentemente para descrever certos valores humanísticos e ambientais negligenciados pelas sociedades industriais e ambientais em favor do avanço tecnológico, produtividade industrial e crescimento econômico (WALTON, 1973 apud FERNANDES, 1996). Walton também é considerado o pioneiro na busca por estruturar modelos para identificar fatores determinantes da QVT. Inúmeros autores (FERNANDES, 1996; VALLE; VIEIRA, 1999; FRANÇA; LIMONGI, 1997; VASCONCELOS, 2001; MARTINS, 2002) apresentam e comentam as oito categorias conceituais, incluindo critérios, propostos por Walton para a QVT (QUADRO 5).

QUADRO 5 - Categorias conceituais de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT)

Critérios	**Indicadores**
1. Compensação justa e adequada	- eqüidade interna e externa - justiça na compensação - partilha de ganhos de produtividade
2. Condições de trabalho	- jornada de trabalho razoável - ambiente físico seguro e saudável - ausência de insalubridade
3. Uso e desenvolvimento de capacidades	- autonomia - autocontrole relativo - qualidades múltiplas - informações sobre o processo total do trabalho
4. Oportunidade de crescimento e segurança	- possibilidade de carreira - crescimento pessoal - perspectiva de avanço salarial - segurança de emprego
5. Integração social na organização	- ausência de preconceitos - igualdade - mobilidade - relacionamento - senso comunitário
6. Constitucionalismo	- direitos de proteção ao trabalhador - privacidade pessoal - liberdade de expressão - tratamento imparcial - direitos trabalhistas
7. O trabalho e o espaço total de vida	- papel balanceado no trabalho - estabilidade de horários - poucas mudanças geográficas - tempo para lazer e família
8. Relevância social do trabalho na vida	- imagem da empresa - responsabilidade social da empresa - responsabilidade pelos produtos - praticas de emprego

Fonte: Walton (1973 apud FERNANDES, 1996).

A ‘compensação justa e adequada’ pela busca da remuneração equivalente ao trabalho realizado, assim como o respeito à eqüidade interna (justiça em relação aos colegas) e à eqüidade externa (comparação com outros profissionais no mercado de trabalho). As ‘condições de trabalho’ são entendidas como a categoria que mede as condições existentes no ambiente de trabalho no que concerne à jornada e carga de trabalho, ambiente físico adequado para o bom desempenho do trabalho, disponibilidade de materiais em quantidade suficiente para a execução do trabalho, ambiente saudável que proporcione condições de segurança e preservação da saúde do trabalhador e a percepção do estresse que o empregado é submetido durante sua jornada de trabalho (FERNANDES, 1996).

O ‘uso e o desenvolvimento de capacidades’ é a categoria que visa medir a QVT em relação ao aproveitamento do talento do trabalhador. Portanto, há uma necessidade da concessão de liberdade ao trabalhador na execução da tarefa, incentivo à utilização de suas plenas capacidades, bem como manter o indivíduo informado sobre a avaliação do seu trabalho. O fator ‘oportunidade de crescimento e segurança’ envolve as políticas institucionais de desenvolvimento, crescimento e segurança de seus funcionários, ou seja, as possibilidades de oportunizar avanços na carreira com o reconhecimento dos colegas, família e comunidade, crescimento pessoal aliados à manutenção dos seus empregos. Na ‘integração social na organização’, pode-se mensurar o grau de igualdade de oportunidades com respeito à orientação sexual, classe social, idade, aparência e demais formas de discriminação, ou ainda se existe o incentivo às boas relações (FERNANDES, 1996).

Fundamentalmente, no ‘constitucionalismo’ mede-se o grau em que os direitos dos empregados são cumpridos na organização. Envolve os direitos trabalhistas, o grau de privacidade pessoal dentro da instituição, liberdade de expressão a qual, segundo Vasconcelos (2001), encontra-se altamente abalada, por causa das dificuldades de emprego com registro de carteira e, finalmente, a maneira como as normas e rotinas influenciam o desenvolvimento do trabalho. Na categoria ‘trabalho e o espaço total da vida’, o objetivo é medir o equilíbrio entre a vida pessoal do empregado e a vida no trabalho. Para Vasconcelos (2001), esta

categoria encontra-se muito distante de uma prática minimamente ideal nesse campo. Por fim, em ‘relevância social do trabalho na vida’, mede-se a QVT pela percepção do empregado em relação à responsabilidade da instituição junto à comunidade, a qualidade dos serviços colocados à disposição da comunidade e a percepção do empregado quanto à sua valorização e participação na instituição, a partir da política de Recursos Humanos.

Vasconcelos (2001) afirma que a atual sociedade vive novos paradigmas de modos de vida tanto dentro como fora das organizações, ocasionando, portanto, novos valores e demandas de QVT. Segundo o autor, outras ciências têm contribuído para os estudos da QVT, tais como a saúde, ecologia, ergonomia, sociologia, economia, administração, engenharia e, evidentemente, psicologia. Fernandes (1996) conclui que a tecnologia de QVT trata dos esforços que objetivam aprimorar ou humanizar o trabalho, dirigidos para soluções mais adequadas que visem à reformulação do desenho de cargos, tornando-os mais produtivos para as empresas e mais satisfatórios para os trabalhadores. A QVT pode ser ainda mais explorada nas pesquisas que envolvem os trabalhadores. E, portanto, este estudo sobre a QV geral dos professores do ensino fundamental visa contribuir no sentindo de fomentar as discussões sobre todos os aspectos à que se refere à QV, inclusive o trabalho.

1.5 PROFISSÃO DOCENTE

1.5.1 O processo histórico da profissão

Segundo Loureiro (1997), os assuntos que envolvem a carreira docente é relativamente recente. Uma leve manifestação de interesse pelo tema é registrada na década de 1970, fato que, nos anos oitenta, emerge com mais força nas áreas de investigação no domínio da formação do professor geral. Costa (1995) se refere à Inglaterra e aos Estados Unidos como os países de maior produção científica sobre o professor. No Brasil, apesar dos avanços nas pesquisas, os resultados ainda se encontram em um estágio inicial e, por isso, justifica-se a

relevância dos estudos sobre os professores enquanto profissionais de uma área tão importante como a docência. Para uma atual discussão teórica sobre o trabalho docente, Costa (1995) afirma ser fundamental revisar as principais perspectivas históricas que envolveram a profissão. Desta forma, a literatura aponta o aparecimento da escrita como primeiro referencial de educação, o que impulsionou, entre outras coisas, a mudança da estrutura do pensamento, libertando o homem da submissão divina e propiciando, cada vez mais, opinião própria e liberdade de expressão.

Costa (1995) relata que do século XII ao VIII a.C, os objetivos educacionais estavam voltados para a formação de guerreiros e, portanto, as técnicas de guerras eram conteúdos ensinados. A figura responsável pela transmissão dos conhecimentos era a dos preceptores que "[...] educavam integralmente com base no afeto e no exemplo" (COSTA, 1995, p. 64). Mais tarde, no final do século VI a.C., configura-se a participação da filosofia como veículo de transmissão de conhecimento. Os filósofos ensinavam em praças públicas e, com exceção dos sofistas gregos, não cobravam pelo seu ofício. Desta mesma época, têm-se os primeiros modelos de escolas. As crianças do sexo masculino, na faixa etária de sete anos, eram encaminhadas pelo que se denominava pedagogo ao local onde seria preparado fisicamente pelo pedótriba (preparador físico). A leitura e a escrita eram ensinadas em praças públicas pelo gramático ou didáscalo, que não possuía o mesmo prestígio do instrutor físico. Entre os séculos IV e II a.C, a autora afirma que três tipos de educadores se configuraram, a saber:

a) *ludi magister* (ou professores primários): eram antigos escravos, soldados velhos para lutar ou comerciantes falidos que 'vendiam' o ensino junto às feiras públicas. Mesmo sendo homens livres, estes mestres eram igualados a qualquer outro trabalhador assalariado entre os gregos e os romanos, isto é, como praticantes de uma atividade socialmente desprezada e inferior;

b) gramáticos: surgem com a necessidade de aprender a língua grega imposta pelo contato com o povo helênico. Ensinavam os clássicos gregos aos jovens dos doze aos dezesseis anos de casa em casa. Por

causa de uma visão crítica, os gramáticos, de certo modo, formavam a opinião pública;

c) retores: o retor fornecia a instrução de nível terciário. Surge para aprimorar a arte de usar a palavra. Por cobrarem muito bem pelos seus ensinamentos, somente quem tinha dinheiro usufruía o conhecimento destes mestres.

Segundo Costa (1995), desses três, a categoria dos *ludi magister* que correspondia aos professores primários eram, assim como hoje em dia, os mais simples e mal pagos e os retores, os de maior prestígio e melhor remuneração. No século I a.C, são criadas escolas municipais e adquiridos os direitos de cidadão aos mestres de artes liberais, que se tornam funcionários municipais. No primeiro século da era cristã, os professores de ensino médio e superior são liberados de impostos e começam a receber por alguns cursos. Mais tarde, a oposição do imperador Juliano ao cristianismo, para impedir a ação dos professores cristãos, exige que toda nomeação docente seja autorizada pelo Estado. Os professores formam um corpo docente estatal e passam a defender seus interesses.

Durante a Idade Média, o sistema de pensamento esteve fundamentado na religiosidade e a religião passa a ser o principal elemento agregador, fortalecendo, em certo momento, a aliança entre Estado e Igreja. As bibliotecas dos mosteiros guardavam quase toda a herança cultural greco-latina e os monges – os únicos alfabetizados – passaram, gradativamente, a substituir os funcionários leigos do Estado.

Somente bem mais tarde, nos séculos XI, XII e XIII, os professores leigos voltam a ser nomeados por autoridades municipais. Isto se deve ao surgimento de uma nova classe social, a burguesia que, inicialmente, freqüentava as escolas monacais, e à medida que vai se fortalecendo, vai necessitando de uma educação que atenda aos interesses da classe em expansão. É desta época que advém o termo ‘professor’. Segundo Hypólito (1997), os professores leigos,

convidados a exercer a profissão docente, deveriam, antecipadamente, fazer um juramento professando sua fé e fidelidade aos princípios da Igreja. Portanto, o termo professor significava “[...] o que professa a fé e fidelidade aos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos, com parca remuneração aqui, mas farta na eternidade” (KREUTZ, 1986 apud HYPÓLITO, 1997, p. 19). Para explicar como acontecia o ensino durante o período medieval, Costa (1995) utiliza a descrição de Philipe Ariés (1981), relatando que as escolas funcionavam em pequenas dependências, obrigando os mestres, freqüentemente, a exercer o ofício de ensinar na porta da igreja, na esquina ou em chão forrado de palha.

Os alunos, assim como no começo da história da educação, eram formados por crianças do sexo masculino. Apenas no século XV surge a escola com a forma e funções que hoje possui. Nóvoa (1995) relaciona a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, com a época em que a preocupação do homem com a salvação, que antes era encontrada no além, nesta fase, passa a ser na terra; cada pessoa se torna o responsável pela própria salvação. A escola e a escrita se adaptaram a esta nova época, formando uma ponte cultural que impulsionou a emergente classe moderna por meio das escolas as quais assumiram o papel educativo, que até aquele momento ficava sob responsabilidade das comunidades e da família. As diferenças básicas entre as escolas da Idade Média e as escolas da Idade Moderna, segundo Nóvoa (1995), são:

a) a passagem de uma comunidade de mestres e de alunos a um sistema de autoridade dos mestres sobre os alunos;

b) a introdução de um regime disciplinar, baseado em uma disciplina constante e orgânica, muito diferente da violência de uma autoridade mal respeitada;

c) o abandono de uma concepção medieval indiferente à idade, em favor de uma organização centrada sobre classes de idade bem definidas;

d) a instauração de procedimentos hierárquicos de controle do tempo e da atividade dos alunos, de utilização do espaço, entre outros;

e) a implantação de currículos escolares de um sistema de progressão dos estudos, em que o exame exerce um papel central.

A chegada do século XV configurou um novo conceito de escola; no início, tratou-se de um meio de proteger as crianças e jovens da vida leiga, para isto, existia um corpo de professores que aplicava uma disciplina rigorosa em salas de aula numerosas. Com o tempo, os colégios foram adquirindo valor próprio e a boa educação tornou-se inerente às escolas. Fonseca (2001) explica como os rigorosos procedimentos educacionais do século XV estavam intrínsecos a um processo de emergente organização da sociedade.

Para Fonseca (2001), passaram a existir conjuntos de procedimentos para controlar, medir e corrigir os indivíduos, visando criar um tipo de 'homem normal'. Assim, o doente, o louco, o delinqüente, o criminoso passam a ser retirados da sociedade: ou são enclausurados para serem curados e, quando possível, devolvidos ao convívio social, quando reeducados e disciplinados.

O domínio da Igreja sobre a escola permaneceu até a metade do século XVIII. Somente a partir desta época, o ensino passou a configurar-se como uma profissão burocrática controlada pelo Estado. A esse respeito, Hypólito (1997) faz considerações importantes em seu estudo, assinalando que a influência do Estado na transformação dos docentes em profissionais é resultante de um acordo de interesse ao qual os professores aderiram em troca de uma postura técnico-profissional, visando restringir as atividades próximas do ensino vocacional, como, por exemplo, o desprendimento material pelo salário, a freqüente disponibilidade de horário por uma carga horária pré-definida, a ausência de um local específico para o ensino em troca do grupo escolar.

Segundo Arroyo (2000), a postura do professor, antes do domínio estatal, podia ser comparada à figura de 'mestre do ofício de ensinar', ou seja, possuía autoridade absoluta sobre o processo do ensino-aprendizagem. O trabalho

docente era do tipo artesanal, pois o professor possuía total controle sobre o que seria ensinado desde o momento da produção até o consumo final.

Hypólito (1997) comenta que esse professor desempenhava um papel essencial na sociedade, devido à proximidade que possuía com pais e alunos e os acontecimentos sociais, garantindo-lhe mérito social e legitimidade profissional. No entanto, quanto mais os professores lutaram para se afastarem do modo sacerdotal de agir por ser entendida como uma postura antiprofissional, mais se prenderam ao Estado e mais se distanciaram das comunidades.

Sacristán (1995) define a 'profissionalidade' dos professores como a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor. Entretanto, Nóvoa (1995) afirma que embora a estatização do ensino tenha substituído um corpo de professores religiosos por um corpo de professores laicos, não houve mudanças na gênese da profissão docente e o modelo de docência permaneceu similar ao modelo paroquial.

Somente com a virada do século XVIII para o século XIX é que os professores adquiriram maior atividade no terreno educacional. Um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e valores foram configurando-se à medida que crescia o interesse renovado pela intencionalidade educacional na Era Moderna. Nóvoa (1995) identifica a chegada do século XIX como uma etapa decisiva no processo da tão almejada profissionalização. Os docentes conquistaram a consolidação do estatuto e da imagem do professor, mas, em contrapartida, permaneceram ainda mais restritos ao controle estatal. Em pleno século XIX, atendeu-se à antiga reivindicação de um espaço de formação específica para o professor. As escolas normais foram uma importante conquista profissional que auxiliaram no processo de uma verdadeira mutação sociológica do corpo docente e o velho mestre da escola foi definitivamente substituído pelo novo professor de instrução primária (NÓVOA, 1995). A história brasileira, no período de transição do século XIX para o século XX, é muito semelhante à européia, no que diz respeito à função dos professores.

Hypólito (1997) aponta que a criação dos grupos escolares – unidades escolares que reuniram classes isoladas, em geral, multisseriadas, com aulas ministradas por um único professor –, o surgimento de várias funções administrativas – hierarquização e controle do Estado sobre o trabalho escolar –, a fragmentação e a divisão do trabalho docente – separação entre concepção e execução – e o incentivo aos institutos de formação de professores – Escolas Normais e de preparação das novas funções (diretor, por exemplo) – são algumas características deste período.

Novaes (1984) relaciona os acontecimentos anteriormente referidos a dois fatores. O primeiro está relacionado com a organização fabril que impera com uma freqüência cada vez maior nas sociedades capitalistas. O processo de trabalho do professor sofre uma mudança substancial com o início da especialização (supervisor, orientador e administrador escolar), que foi o motivo do parcelamento e da hierarquização do trabalho docente. A taylorização atingiu também a escola e colaborou para a crescente desvalorização da profissão docente. O segundo fator diz respeito ao controle do Estado sobre o sistema de ensino e, conseqüentemente, sobre a sociedade. Ao final do século XIX, um novo fenômeno contribuiu para a gradativa desvalorização do status profissional dos docentes: a feminização do magistério (NOVAES, 1984; NÓVOA, 1995; ARROYO, 2000; COSTA, 1995).

1.5.2 Magistério e gênero

O presente assunto é incluído nas discussões sobre professor, porque visa debater o processo da inclusão das mulheres no magistério até se tornarem maioria dos profissionais docentes; objetivando aprofundar a compreensão da realidade do magistério de Palotina-PR, em que se constatou ser majoritariamente composto pelo sexo feminino.

Desta forma, contextualizando o fenômeno da feminização histórica, Hypólito (1997) afirma que este se associa ao processo de industrialização e ao aumento da demanda escolar proveniente da abertura de novos campos de

trabalho na época da Revolução Industrial. A classe operária que almejava um melhor desempenho profissional foi obrigada a buscar por uma escolarização que suprisse a necessidade de uma base de leitura e escrita. As Escolas Normais criadas pelo Estado eram o único acesso possível das mulheres à escola. Nóvoa (1995) é bastante incisiva ao estabelecer uma ligação da feminização do magistério com a promoção da escolarização feminina feita pelo Estado.

Fonseca (2001), ao analisar os motivos que propiciaram a feminização do professorado, afirma que, em termos gerais, a razão inicial encontra-se no processo de transformação do professor em assalariado. Com o rebaixamento do prestígio docente e a constante queda salarial, os homens imigraram para novos campos de trabalho, e as mulheres passaram a se constituir na grande maioria, principalmente no ensino de primeiro e segundo graus. Além das questões econômicas, as características ligadas à feminilidade favoreceram a inclusão maciça das mulheres no magistério. Schaffrath (2004) discute tais aspectos apontando que a disseminação das mulheres como profissional do ensino estava relacionada à moralidade e os homens ilustres da época aspiravam à moralização das pessoas, a fim de regular a vida social. Neste sentido, a sociedade identificou a mulher de elite como a principal agente de difusão da ambicionada conduta moral, pois entendia ser este o papel natural da mulher, uma vez que estas eram as primeiras educadoras dos filhos, preparando-os para o convívio social.

No Brasil, o fenômeno da feminização foi pesquisado por Novaes (1984) e Hypólito (1997) que demonstraram que aqui o processo foi semelhante ao dos outros países ocidentais. Antes da vinda da Corte para o Brasil, em 1816, era o único acesso possível das mulheres à educação por meio dos cinco conventos existentes nas principais províncias. Somente depois desta data iniciou-se o processo de instrução laica para a mulher. As senhoras portuguesas, francesas e alemãs foram as primeiras a se disporem para a atividade de ensino, no entanto, as instruções se limitavam às prendas domésticas, a indispensável religião e algumas noções de aritmética e língua nacional. Após a Proclamação da Independência, na Constituição de 1823, presenciou-se a idéia de oferecer instrução às mulheres. Três anos mais tarde, foram convocadas as primeiras

mestras para as Escolas Normais. De acordo com os projetos de educação nacional, as mulheres que, eventualmente, fossem contratadas, deveriam corresponder aos valores vigentes da época. A honestidade, a prudência, conhecimentos e habilidades domésticas eram as principais exigências que as candidatas deveriam atender.

Outra distinção feita entre a educação feminina e a masculina foi a diferenciação curricular traduzida pelo ensino da aritmética; este não era obrigatório às mulheres. Esta discriminação entre os sexos trouxe suas conseqüências sobre os níveis salariais. As professoras ganhavam menos do que os homens pelos seus serviços. A justificativa era de que as mulheres ganhavam menos, porque ensinavam menos. Segundo Demartini e Antunes (1993 apud HYPÓLITO, 1997), os professores homens concordavam com a diferenciação salarial porque entendiam que os proventos femininos eram apenas uma complementação da renda familiar, cabendo ao homem o maior compromisso com o sustento do lar. Os autores alegam que esta seria a causa base do gradativo empobrecimento e rebaixamento salarial dos docentes.

Outras peculiaridades apontadas no processo de transformação do trabalho docente em uma profissão feminina, no século XIX, podem ser, ainda hoje encontradas, nos motivos que levam as mulheres a ingressarem e permanecerem na função docente. Nos estudos de Mello (1982), sobre o magistério de primeiro grau, encontram-se alguns depoimentos de professores que exemplificam a referida situação. As docentes do primeiro grau, entrevistadas pela autora, relatam situações que podem ser comparadas às exigidas pela função materna, relacionam o trabalho de professora como vocação feminina e afirmam que o seu salário é uma complementação nas despesas do lar. No entanto, um forte fator de motivação no passado não se confirma na atualidade. Trata-se da flexibilidade de horários que permitiria a conciliação do magistério às exigências domésticas: “[...] uma ocupação que permitiria conciliar a vida profissional com as tarefas domésticas e familiares, pois além das férias escolares, não exigiria extensas jornadas de trabalho” (BRUSCHINI; AMADO 1988 apud HYPÓLITO, 1997, p. 61).

Uma estatística dos professores no Brasil, realizada em 2003, com base nos dados do Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstrou que a docência na educação básica é uma atividade majoritariamente feminina. Outro dado importante detectado pelo estudo diz respeito ao assunto que abordou a carga horária dos professores; especialmente nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, os professores assumem jornada de trabalho acima de 30 horas semanais (um quinto acima de 40 horas). Com base nestes elementos é que se pode afirmar que atualmente o magistério não tem permitido aos professores conciliarem o trabalho com a vida fora dele. O reflexo destes e de outros fatores sobre a vida dos docentes é o que se espera demonstrar a partir do assunto seguinte (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 2004).

1.5.3 O panorama atual do professor

A sociedade, devido às grandes mudanças sociais das últimas décadas, tem solicitado do homem moderno uma capacidade de ajustar-se rapidamente a todas as mudanças com as quais tem se deparado. Principalmente quando este está inserido em uma classe como a profissão docente, cuja responsabilidade é de “[...] formar e direcionar pensamentos” (SOUZA, S., 2001, p. 7). Neste contexto de início de século XXI, o educador adquiriu o papel primordial de acolher os indivíduos que buscam por competências básicas para atenderem as demandas da sociedade. Desta forma, o consumismo reforça a crença de uma cultura que, orientada para o serviço, fornece peritos para atender a cada particularidade da vida. Esta idéia é refletida na organização escolar que acredita, assim como as demais organizações, que deva ser especialista na satisfação das necessidades individuais (OLIVEIRA, 2003).

Libâneo (2000) entende a escola como uma instituição democrática e, por isso, diante das novas exigências, deve encarar o desafio de oferecer serviços e produtos de qualidade. No entanto, salienta a indispensável participação do professor para que ocorra qualquer reforma educacional ou proposta pedagógica.

O professor deve estar apto para adequar sua metodologia de ensino à realidade. Esta capacidade do professor de amoldar-se, Libâneo (2000) acredita que deva ser despertada ainda no processo de formação profissional. O novo professor precisa aprender como desenvolver alguns requisitos básicos da educação moderna ainda na universidade. A isto o autor denomina de 'novas exigências educacionais' e aponta como principais a aquisição de uma

> [...] sólida cultura geral, capacidade de aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional e dos meios de informação, habilidade de articular as aulas com a mídia e multimídias (LIBÂNEO, 2000, p. 28).

Segundo Esteve (1999), a sociedade tem diversificado suas exigências sobre o professor, causando a este trabalhador um descontentamento com a profissão e consigo mesmo. Ao debater estas exigências, o autor concluiu que elas causam efeitos negativos sobre a personalidade do professor gerando o que denomina de 'mal-estar docente', expressão utilizada para descrever os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência. Com base nas pesquisas de Blase (1982 apud ESTEVE, 1999) classificou os fatores de mal-estar docente em fatores primários e secundários. O primeiro diz respeito aos que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula e, o segundo, refere-se às condições ambientais e ao contexto de trabalho.

Entre os fatores primários de mal-estar do professor, Esteve (1999) aponta para a falta de recursos materiais que limitam a atuação do docente, principalmente nas escolas públicas, levando, até mesmo, o professor a uma descrença na possibilidade de mudanças. Batista e Odelius (1999) realizaram um diagnóstico sobre a infra-estrutura das escolas públicas brasileiras, tendo como base os aspectos relativos às 'ferramentas' dos professores ou materiais básicos para o ensino (presença de carteiras para alunos, quadro negro, mimeógrafo ou equipamento para reprodução de cópias), materiais de apoio ao ensino (presença de aparelho de som, biblioteca, computadores, material didático, laboratório, entre outros); e os aspectos relacionados com as condições de trabalho (sala de

repouso para servidores, telefone público, telefone na escola, armário para os professores, sala de professores e computador na secretaria) e, finalmente, as condições ambientais (barulho, conservação do prédio, condições dos banheiros dos professores e servidores, umidade, poeira, iluminação diurna e noturna). A conclusão da pesquisa demonstrou, de maneira geral, que "[...] as escolas funcionam mais sobre base dos Materiais Básicos, o que é muito pouco" (BATISTA; ODELIUS, 1999, p. 172).

Esteve (1999), Batista e El-Moor (1999) e Meleiro (2003) afirmaram que a violência nas instituições escolares é outro fator primário agravante da situação negativa do docente. Batista e El-Moor (1999) identificaram os tipos mais comuns de violência nas escolas brasileiras: os roubos e o vandalismo que atingem o patrimônio das escolas e as agressões interpessoais. Apesar da mídia transmitir a idéia de que as agressões aos professores ou entre os alunos são os delitos mais praticados, o estudo realizado pelos referidos autores demonstrou o inverso; "[...] o vandalismo é o acontecimento mais freqüente nas escolas do país" (BATISTA; EL-MOOR, 1999, p. 150). Em seus estudos sobre o estresse do professor, Meleiro (2003) relaciona o aparecimento da droga nas escolas, a um novo fator que tem alterado física e mentalmente o professor por sofrer ameaças, pressões e a perda do controle sobre os alunos usuários, culminando na necessidade de afastamento da atividade profissional por esgotamento.

O estresse e o acúmulo de exigências sobre o professor são, para Esteve (1999), fatores primários de mal-estar docente e sinônimos de *burnout*, ou seja, um termo bastante familiar para os professores de escola pública e que significa literalmente 'sair queimado'. Reinhold (2003, p. 64) conceitua o *burnout* como "[...] um tipo especial de estresse ocupacional que se caracteriza por profundo sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho desempenhado".

Segundo a autora, a concentração de pesquisas sobre o *burnout* em professores pode indicar que esta atividade profissional é mais favorável ao desenvolvimento do *burnout* do que outras. As causas do *burnout* resultam da combinação de fatores internos (vulnerabilidades biológicas e psicológicas) e externos (o ambiente de trabalho), que são percebidos pelo professor por meio de

suas atitudes, crenças e valores, de suas experiências passadas e estilo de vida e, quando interpretados negativamente, aliados à ausência de técnicas de enfrentamento, levam aos sintomas típicos de exaustão física, emocional e mental (ESTEVE, 1999).

Nos fatores que se referem às condições de trabalho dos professores ou fatores secundários, Esteve (1999) descreve a modificação no papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização como importantes indicadores de mal-estar docente. O autor afirma que o professor está muito confuso por não saber como agir diante dos novos papéis que se vê obrigado a assumir, uma vez que os agentes tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados) abandonaram o desempenho de suas funções educacionais, exigindo das instituições escolares que ajudassem a ocupar um vazio que nem sempre tinham capacidade de preencher.

Outros importantes fatores secundários que causam o mal-estar docente são, segundo Esteve (1999), as contestações e contradições da função docente, a perda da parceria dos pais, os objetivos do sistema de ensino e o avanço do conhecimento. Atualmente, qualquer pessoa considera-se no direito de debater a atuação do professor e ainda encontra forças sociais dispostas a apoiá-la. Esta situação agrava-se ainda mais com a freqüente necessidade do professor desempenhar ações que são incoerentes entre si; como, por exemplo, espera-se que o professor, em certos momentos, mantenha uma postura amiga, companheira e compreensiva, e em outros adote um papel de avaliador ou julgador de seus alunos. O resultado desse sistema é um professor que se queixa de mal-estar, cansaço, desconcerto. Estas contradições são discutidas por Assunção (1996 apud FONSECA, 2001), apontando para a dificuldade do professor em identificar as prioridades na organização de seu trabalho, sobre quais e como aplicar os conteúdos e qual postura deve adotar ante seu trabalho e aprendizagem.

Segundo Esteve (1999), há um ressentimento comum entre os professores, quem tem originado o mal-estar docente, é a perda da parceria dos pais na educação das crianças. Os professores têm se queixado de que os pais estão

transferindo para as escolas o papel de transmitir valores mínimos, como também culpando os professores pela má-educação de seus filhos. Segundo Aquino (2002), o professor deve manter-se na função de ensinar e não deve assumir funções parentais. Os alunos não são favoráveis à postura de pai ou mãe, por parte do professor; realizar estas funções acaba gerando uma enorme confusão de papéis. De acordo com Meira (2003), a falta de apoio dos pais, principalmente no ensino fundamental, além de dificultar o processo de alfabetização, é um dos elementos que facilita o aparecimento do estresse no professor.

O estresse é entendido como um estado de tensão que causa a ruptura interna do organismo (LIPP, 2003).O estresse que afeta o professor é classificado como um tipo de estresse decorrente do trabalho ou ocupacional. Segundo Sobrinho (2003) o estresse ocupacional constitui-se numa experiência individual, extremamente desagradável, associada a sentimentos de hostilidade, tensão, ansiedade, frustração e depressão. Os fatores que contribuem para o estresse ocupacional do professor; dentre os principais, são os conteúdos curriculares (na formação do profissional), dissociados da demanda, a falta de capacitação em lidar com questões pertinentes ao próprio trabalho, a necessidade de manutenção da disciplina entre os alunos, a sobrecarga de trabalho extra-classe, o trato e as relações interpessoais com os colegas também professores, o clima organizacional da escola, as condições impróprias para o exercício do magistério e o volume de carga cognitiva, comumente identificado nas atividades típicas do posto de trabalho docente.

Diversos autores pesquisaram o estresse em professor (REINHOLD, 2003; WANG; LAN; WANG, 2004; WAKABAYASHI, 2004; PYZALSKI, 2002; MALAGRIS, 2003; SOBRINHO, 2003; OLIVEIRA, 2003; TRICOLI, 2003). Oliveira (2003) concluiu que uma grande porcentagem deles (71,4%) encontram-se apresentando algum nível de estresse. A autora identificou as mesmas fontes de estresse que aparecem na pesquisa de Reinhold (2003); as classes cheias, a indisciplina e o desinteresse dos educandos pelas matérias foram os principais estressores assinalados pelos professores. Tricoli (2003) enfatiza o estresse do professor do ensino fundamental como o que mais tem aumentado. A este fato, a

autora atribui as mudanças sociais, pessoais e econômicas vividas pela profissão docente. Sobrinho (2003) também concorda que as pesquisas sobre o estresse do professor que mais têm despertado o interesse de especialistas são os estudos sobre o professor que atua no ensino fundamental.

Os atuais objetivos do sistema de ensino não são os mesmos de tempos atrás. Esteve (1999) afirma que antigamente os alunos eram enviados às escolas e às universidades com um objetivo claramente definido de aquisição de status social e retorno financeiro, fato que, no momento atual, não é mais garantido; o mal-estar docente reside também na inutilidade em manter objetivos que não correspondem ao contexto social e, finalmente, o problema do avanço contínuo do saber, segundo o referido autor, é mais um dos elementos causadores de mal-estar docente.

Esteve (1999) afirma que, além da necessidade constante de atualização do professor, para não ser exposto ao ridículo ao ensinar conteúdos defasados, há dificuldade em dominar qualquer matéria hoje em dia, até o ponto de afetar a segurança do professor em si mesmo. Segundo Libâneo (2000), a auto formação contínua é um requisito básico que a profissão docente tem exigido. O professor necessita de um consistente conhecimento cultural, além de estar continuamente aperfeiçoando-se em sua disciplina e em outras áreas a ela relacionada, bem como se manter atualizado das inovações tecnológicas.

Todos estes fatores (primários e secundários) causadores de mal-estar têm implicado em sérios resultados aos docentes. Nesse sentido, Esteve (1999) identificou algumas conseqüências: 1) absenteísmo trabalhista e abandono da profissão docente; 2) repercussões negativas da prática docente sobre a saúde dos profissionais; 3) as doenças dos professores. Outro ponto que merece destaque na pesquisa de Esteve (1999), e que também reflete o quadro atual dos docentes, é a discussão sobre as licenças médicas. A pesquisa realizada no período de 1988-1989 demonstrou que “[...] o índice de licenças médicas dos professores tem aumentado” (ESTEVE, 1999, p. 93). Relacionando os índices de licenças por nível de ensino, o autor constatou que os professores que correspondem às séries iniciais possuem maior incidência de licenças. Em

relação ao gênero, Esteve (1999) identificou o sexo feminino como o mais afetado por licenças médicas. A faixa etária que mais utilizou o recurso da licença situava-se nos 39,8 anos, na época em que a pesquisa foi realizada e as causas mais freqüentes das licenças médicas foram as distensões de tornozelos, as laringites e as depressões.

Uma breve discussão sobre a realidade salarial do professor faz-se necessária quando se trata do presente panorama. Segundo Odelius e Codo (1999), os professores são trabalhadores de uma sociedade capitalista e, portanto, vendem sua força de trabalho. O custo desse trabalho deveria ser proporcional ao valor investido na manutenção e reprodução desta mesma força de trabalho. Falando especificamente dos docentes, o autor refere-se a alguns investimentos básicos requeridos para o exercício profissional e que dependem do custo do seu trabalho, como, por exemplo, a sobrevivência do trabalhador e de sua família, transporte adequado para se chegar ao trabalho, aquisição de livros, vídeo, TV a cabo, computadores, o custo dos cursos que necessitam fazer, e "[...] quanto mais precisar para manter sua mercadoria (conhecimento) passível de ser utilizada no mercado" (ODELIUS; CODO, 1999, p. 193). Nesse sentido, o referido autor afirma que um salário pode ser considerado adequado quando o valor pago ao trabalhador atender às suas necessidades; será baixo quando faltar algo relativo a casa ou aos materiais de apoio; será alto quando permitir a ampliação do consumo, incluindo alguns supérfluos.

A estatística dos professores no Brasil, em 2003, apresentou um comparativo entre o salário dos professores e o salário de outras profissões. O resultado demonstrou que os profissionais com menor rendimento mensal são os professores de Educação Infantil e do Ensino Fundamental e os maiores salários são de profissionais de carreira do serviço público e de autônomos, como administrador, advogado, oficial das Forças Armadas, médico, entre outros. Ao comparar o rendimento do professor com o do médico e do advogado, a pesquisa verificou que, em média, estas profissões ganham quatro vezes o que ganha um professor que atua nas séries finais do ensino fundamental. A comparação salarial dos professores em relação às regiões do Brasil concluiu que existem

diferenças significativas; um professor da Região Sudeste recebe, em média, duas vezes o que recebe um professor do Nordeste. A Região Sul, onde está localizado o município de Palotina-PR, está entre os professores que apresentam média salarial maior do que o restante do Brasil (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 2004).

Diante de todos estes aspectos, a Qualidade de Vida geral do professor, assunto desta pesquisa, é um importante aspecto a ser explorado. A QV é um conceito universal, mas que depende da percepção do indivíduo no contexto social em que vive. Avaliar QV é avaliar dimensões no contexto mais global possível do ser humano. A docência é uma profissão que abrange no seu cotidiano todas as dimensões de QV: física, psicológica, crenças pessoais, relações sociais, meio ambiente e nível de independência. Portanto, ao avaliar a QV geral do professor, deve-se utilizar um instrumento que aborde a maior quantidade de possível de dimensões. Neste caso, O WHOQOL-Breve é um instrumento de avaliação da QV que ao ser desenvolvido pela OMS, teve como critério incluir todas estas dimensões em seus domínios e facetas.

Adota-se neste trabalho o questionário WHOQOL-Breve para avaliação da QV geral dos professores, por ser tratar de um instrumento genérico de abordagem transcultural, podendo ser utilizado em todo Brasil e, principalmente, quando a pesquisa for realizada no ambiente escolar, no período de trabalho do professor havendo a necessidade de uma rápida aplicação; outro ponto relevante favorecido pelo WHOQOL-Breve é a preservação do anonimato, pois este instrumento não necessita de identificação e é auto-aplicável (FLECK et al., 2000).

2 A PESQUISA

2.1 PESQUISA DE CAMPO

Este estudo pretende analisar a qualidade de vida do professor do ensino fundamental da rede pública municipal de Palotina-PR.

2.1.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em todas as escolas municipais do ensino fundamental que compõem a rede pública municipal de educação da cidade de Palotina, Estado do Paraná, totalizando 9 escolas. A seguir, serão apresentados, na íntegra, os dados relevantes para esta pesquisa, fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (SEMED).

2.1.2 Identificação da SEMED e Palotina-PR

A SEMED forneceu uma amostra com a quantidade de escolas do ensino fundamental, identificação das escolas e número de turmas do ensino fundamental e quantidade de professores efetivos e contratados.

Palotina está localizada no extremo-oeste do Paraná, foi fundada em 1953, por colonizadores gaúchos e catarinenses descendentes de italianos e alemães. O nome dado ao município é uma homenagem à ação civilizadora, espiritual e religiosa dos padres palotinos que estiveram sempre presentes no processo de desbravamento desta região paranaense. A fertilidade das terras foi o fator de grande desenvolvimento do local e a agricultura é a base econômica de Palotina, com o plantio da soja, trigo e milho. Segundo dados do IBGE (2000 apud

BARROS, 2002), o total de habitantes do município é de 25.765. A SEMED é o órgão responsável pela administração e manutenção da rede pública municipal de educação.

A rede pública municipal de educação é composta por 9 escolas de educação infantil e ensino fundamental, com cerca de 3.000 alunos matriculados e 2.000 professores, dos quais 82 atuam no ensino fundamental. A pesquisa foi realizada em todas as 9 escolas municipais do ensino fundamental da rede pública municipal de Palotina-PR:

a) Escola Municipal Jean Piaget;

b) Escola Municipal Ver. Luis Moacir Percicotti;

c) Escola Municipal Vale Verde;

d) Escola Municipal Pe. Vitorino Róggia;

e) Escola Municipal Leonardo da Vinci;

f) Escola Municipal Monteiro Lobato;

g) Escola Municipal Joaquim Monteiro Martins Franco;

h) Escola Municipal Celino Rocha de Araújo; e

i) Escola Municipal Profa. Terezinha Giron Agustini.

2.2 HIPÓTESES

A profissão de professor interfere negativamente sobre a qualidade de vida.

O Domínio 4 – meio ambiente é o pior preditor da qualidade de vida do professor.

2.3 OBJETIVOS

2.3.1 Geral

Avaliar a qualidade de vida geral dos professores do ensino fundamental da rede pública municipal de Palotina-PR.

2.3.2 Específicos

Avaliar os 4 Domínios do WHOQOL-Breve entre os professores, a saber: Domínio 1 – físico; Domínio 2 – psicológico; Domínio 3 – relações sociais; e Domínio 4 – meio ambiente.

Comparar os quatro domínios do WHOQOL-Breve entre as variáveis independentes: sexo; idade; estado civil; renda familiar; número de pessoas que vivem da renda familiar; tempo de magistério; carga horária semanal; tipo de vínculo trabalhista com o município; exercício de outra atividade; número de vínculos trabalhistas com ou sem registro.

2.4 MÉTODO

2.4.1 Sujeitos

Participaram da pesquisa todos os professores do ensino fundamental da rede pública municipal de educação em atividade de ensino que consentiram participar da pesquisa e que se encontravam no local da aplicação do questionário no dia e hora agendados antecipadamente pela direção da escola, totalizando 80 sujeitos. Os critérios de exclusão foram o professor afastado da sala de aula por motivo de saúde ou qualquer outro motivo, bem como aqueles que, por atuarem em mais de uma escola municipal, já haviam respondido o questionário.

2.4.2 Recursos humanos

A direção da escola; professores do ensino fundamental, participantes deste estudo; a pesquisadora; o orientador; e um estatístico para análise dos dados.

2.4.3 Recursos materiais

Foram utilizados 82 questionários impressos do WHOQOL-Breve e o número equivalente para o questionário sócio-demográfico e para o termo de consentimento livre e esclarecido, canetas e microcomputador.

2.4.4 Caracterização da pesquisa

A pesquisa caracterizou-se como descritiva e analítica, de corte transversal, com análise da qualidade de vida geral dos professores do ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Palotina, Estado do Paraná. A aplicação ocorreu no mês de agosto de 2004 e foi realizada em diversas etapas que serão detalhadas nos procedimentos.

2.5 PROCEDIMENTOS

Antes da elaboração do projeto de pesquisa, foi feito um contato informal com a Sra. Judith Sendko, Secretaria Municipal de Educação, para saber da viabilidade de ser realizada uma pesquisa de avaliação da qualidade de vida geral, com os professores do ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Palotina-PR. Somente após o consentimento da SEMED é que foi elaborado o projeto descrevendo a pesquisa.

Com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em agosto deste ano, deu-se continuidade aos

procedimentos para aplicação dos questionários. A pesquisadora, em virtude da proximidade com a SEMED, informou pessoalmente a Sra. Judith Sendko da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco e da necessidade de iniciar a pesquisa de campo. A Sra. Judith manifestou interesse em conhecer o instrumento de pesquisa antes de qualquer contato da pesquisadora com os sujeitos. Para isto, foi marcada uma reunião no local de trabalho da pesquisadora, Serviço de Obras Sociais de Palotina-PR, no qual a Secretária de Educação compareceu acompanhada de sua chefe de gabinete Sra. Ivanir Missío, onde ambas puderam conhecer o WHOQOL-Breve e o projeto de pesquisa como um todo. Após esse contato, aproveitando uma reunião que aconteceria com todos os diretores das escolas municipais do ensino fundamental na SEMED, foi marcado um momento para, no final da reunião, a pesquisadora apresentar e esclarecer possíveis dúvidas sobre a pesquisa e também agendar, através do diretor, as datas e horários para a aplicação do questionário WHOQOL-Breve com cada uma das 9 escolas.

Estando os diretores devidamente esclarecidos do projeto, inclusive, dos aspectos éticos da pesquisa, cada um deles, conforme sua realidade escolar, agendou o dia e hora mais apropriados para que a pesquisadora aplicasse o questionário junto aos professores. Houve um consenso entre eles de que o horário mais indicado seria 30 minutos antes do final do horário de aula, tanto no período matutino como vespertino (às 11 horas e 17 horas). Ficou combinado que nesse horário os alunos seriam dispensados da aula e os professores se dirigiriam a um local escolhido para, após uma aplicação coletiva, responderem ao questionário. A SEMED se encarregou de estruturar o calendário com as datas, dias e escolas, ficando representados no Quadro 6.

QUADRO 6 - Calendário para a pesquisa de campo

Unidade	Horário	Data
Escola Municipal Celino Rocha de Araújo	17 h	02/08/2004
Escola Municipal Monteiro Lobato	17 h	03/08/2004
Escola Municipal Pe. Vitorino Róggia	11 h	03/08/2004
	17 h	16/08/2004
Escola Municipal Profa. Terezinha Giron Agustini	11 h	04/08/2004
	17 h	
Escola Municipal Joaquim Monteiro Martins Franco	11 h	05/08/2004
	17 h	
Escola Municipal Vale Verde	17 h	06/08/2004
Escola Municipal Jean Piaget	17 h	10/08/2004
Escola Municipal Ver. Luis Moacir Percicotti	17 h	17/08/2004
Escola Municipal Leonardo da Vinci	17 h	18/08/2004

Algumas escolas funcionam somente no período vespertino e, por isso, a pesquisa não foi agendada em dois períodos. A aplicação dos questionários foi tranqüila e, na maioria das vezes, foi reservada a sala dos professores para a ocasião. Os professores já haviam sido comunicados antecipadamente pela direção do dia da realização da pesquisa, para que cada um pudesse elaborar um bilhete de comunicado aos pais sobre o motivo pelo qual os alunos seriam dispensados 30 minutos antes do encerramento das aulas. Somente após a liberação dos alunos, os professores se dirigiam ao local da pesquisa.

Os procedimentos da coleta de dados da pesquisa de avaliação da QV, utilizando o WHOQOL-Breve, foram orientados pelo manual de aplicação do instrumento (FLECK et al., 2000). A coleta de dados começava somente após todos estarem devidamente acomodados e depois da sala de aplicação ser fechada, para que não houvesse interrupções. Primeiramente, era realizada uma breve apresentação da pesquisadora e do projeto de pesquisa, além da orientação sobre os aspectos éticos da pesquisa. Logo depois, distribuía-se

canetas e termo de consentimento livre e esclarecido para o devido preenchimento. Após, os termos de consentimento eram colocados dentro de um envelope pardo e lacrado. Em um segundo momento, era entregue a cada professor o questionário de levantamento sócio-demográfico (APÊNDICE A), acompanhado do questionário abreviado de QV da OMS, WHOQOL-Breve, um instrumento que pode ser auto-administrado. Ao terminar de responder os questionários, os professores, cada um no seu tempo devido, devolvia-os à pesquisadora e se retirava da sala. O tempo de 30 minutos foi suficiente para a aplicação.

2.5.1 Instrumento da pesquisa

A escolha do WHOQOL-Breve (ANEXO), em sua versão traduzida para o português, abreviada do Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da OMS – WHOQOL-100 deve-se a vários fatores, em decorrência de ser este um instrumento para a avaliação da QV geral, dentro de uma perspectiva transcultural, para uso internacional de rápida aplicação, mas que mantém características psicométricas satisfatórias e pela boa consistência interna, validade discriminante, validade concorrente, validade de conteúdo e confiabilidade teste-reteste, conforme descrito por Fleck et al. (2000), que foram os principais motivadores.

2.5.2 Análise e processamento dos dados

Os seguintes testes foram utilizados para correlacionar as variáveis estudadas: a) correlação de Pearson; b) Qui-quadrado com correção por Yates e o teste Exato de Fisher. A correlação busca identificar uma relação entre as variáveis estudadas, assim como o teste Qui-quadrado nas tabelas de contingência. O uso deste último deu-se em virtude das variáveis categóricas que não podem passar por testes de correlação.

Os dados foram digitados em uma base de dados (MS-Access) e trabalhados através do *software* SPSS 12.0 for Windows, conforme orienta Fleck et al. (2000), que apresentam um *script* para auxílio na correção do WHOQOL-Breve.

2.5.3 Aspectos éticos da pesquisa

Houve a informação do uso do WHOQOL-Breve para o Prof. Dr. Marcelo Pio de Almeida Fleck, coordenador do Centro Brasileiro do grupo de Qualidade de Vida da OMS, como também a autorização da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Palotina-PR, em consenso com as escolas do ensino fundamental para a realização da pesquisa. Todos os indivíduos foram comunicados dos objetivos da pesquisa, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Esta pesquisa foi realizada procurando atender às exigências éticas e científicas fundamentais, e seguindo as condições estabelecidas na Resolução n. 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e Resolução n. 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP). A pesquisa não causou intervenção física, mental ou moral aos sujeitos. Foi comunicado a todos os entrevistados que os dados seriam sigilosos, porém, seriam divulgados em uma dissertação de mestrado e, posteriormente, em publicações científicas, omitindo-se a identidade dos participantes.

3 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados estatísticos, analisados à luz do referencial teórico.

TABELA 1 - Estatística descritiva das variáveis numéricas, dados da população de professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Variáveis	**n.**	**Mínimo**	**Máximo**	**Média n**	**Média**	**Intervalo confiança**	**Desvio padrão**	**Variância**
Idade	79(1)	17	57	35	34,95	-	9,94	98,82
Tempo para preencher	78(2)	3	20	10	9,42	-	3,42	11,70
Número de filhos	52(28)	-	4	2	1,63	-	0,79	0,63
Pessoas sob a renda	74(6)	1	6	3	3,19	-	1,16	1,33
Número de escolas	77(3)	1	6	1	1,57	-	1,02	1,04
Carga horária semanal	78(2)	8	60	40	32,00	-	10,98	120,47
Número de vínculos trabalhistas	52(28)	1	5	1	1,42	-	0,83	0,68
Tempo de magistério	77(3)	0,5	36	14	13,13	-	9,30	86,43
Renda familiar (salário mínimo)	79(1)	1	20	5	5,86	-	3,66	13,37
Domínio físico	80(0)	39,3	100,0	71,9	69,54	68,77 a 74,95	13,90	193,15
Domínio psicológico	80(0)	41,7	95,8	67,7	66,20	65,04 a 70,44	12,14	147,47
Domínio social	80(0)	25,0	100,0	69,2	68,75	65,44 a 72,89	16,74	280,24
Domínio meio ambiente	80(0)	28,1	84,4	59,0	58,53	56,35 a 61,62	11,85	140,50

Obs.: os valores entre parênteses representam os não respondentes em cada uma das variáveis.

TABELA 2 - Distribuição, segundo o gênero, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Gênero	**Professor**	
	n.	**%**
Feminino	73	93,6
Masculino	5	6,4
Total	**78**	**100,00**

A distribuição dos professores, segundo o gênero, demonstra que a proporção de mulheres participantes do estudo é de 93,6% e os homens 6,4% (TABELA 2).

TABELA 3 - Distribuição, segundo o estado civil, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Estado civil	**Professor**	
	n.	**%**
Casado	54	67,5
Separado	3	3,7
Solteiro	22	27,5
Não respondente	1	1,3
Total	**80**	**100,00**

Os professores do ensino fundamental de Palotina são, na maioria (67,5%), casados porém a porcentagem de solteiros é significativa (27,5%) (TABELA 3).

TABELA 4 - Distribuição, segundo a faixa etária, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Faixa etária	**Professor**	
	n.	**%**
18 a 29	26	32,5
30 a 39	27	33,8
40 a 49	19	23,7
50 a 59	7	8,7
Não respondente	1	1,3
Total	**80**	**100,00**

Os professores entrevistados têm idade entre 18 e 57 anos, com a média de 34,9 anos. As faixas etárias de maior concentração de idade são 18 a 29 anos (32,5%) e 30 a 39 anos (33,8%) (TABELA 4).

TABELA 5 - Correlações de Pearson entre as variáveis numéricas e as pontuações nos Domínios, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Correlação de Pearson	**Domínio**			
	Físico	**Psicológico**	**Social**	**Meio ambiente**
Idade	-0,043	0,038	0,036	0,258
Idade (teste de Significância)	0,4020	0,4120	0,4180	0,0640
Número de filhos	-0,169	-0,275	-0,286	-0,027
Número de filhos (teste de Significância)	0,1600	0,0530	**0,0450**	0,4380
Carga horária semanal	-0,282	-0,171	-0,134	-0,298
Carga horária semanal (teste de Significância)	**0,0480**	0,1590	0,2180	**0,0390**
Número de escolas	-0,328	-0,251	-0,215	-0,410
Número de escolas (teste de Significância)	**0,0250**	0,0700	0,1040	**0,0070**
Número de vínculos trabalhistas	0,066	-0,028	0,103	0,000
Número de vínculos trabalhistas (teste de Significância)	0,3500	0,4350	0,2750	0,4990
Tempo de magistério	-0,215	0,046	-0,056	0,189
Tempo de magistério (teste de Significância)	0,1080	0,3960	0,3750	0,1380
Renda familiar (salário mínimo)	0,072	0,163	0,073	0,448
Renda familiar (salário mínimo) (teste de Significância)	0,3410	0,1740	0,3390	**0,0030**

Conforme observa-se na Tabela 5, há uma relação negativa entre o Domínio físico e a carga horária semanal dos professores ($p < 0,05$), assim como com o número de escolas em que o professor atua.

No Domínio social, há uma relação negativa quanto ao número de filhos ($p < 0,05$).

No Domínio meio ambiente, há uma relação negativa quanto à carga horária e quanto ao número de escolas em que o professor atua ($p < 0,05$). Já com relação à renda familiar, esta relação é positiva ($p < 0,05$). Não foram observadas quaisquer relação entre as variáveis estudadas e o Domínio psicológico.

3.1 DOMÍNIOS E FACETAS AVALIADOS PELO QUESTIONÁRIO WHOQOL-BREVE

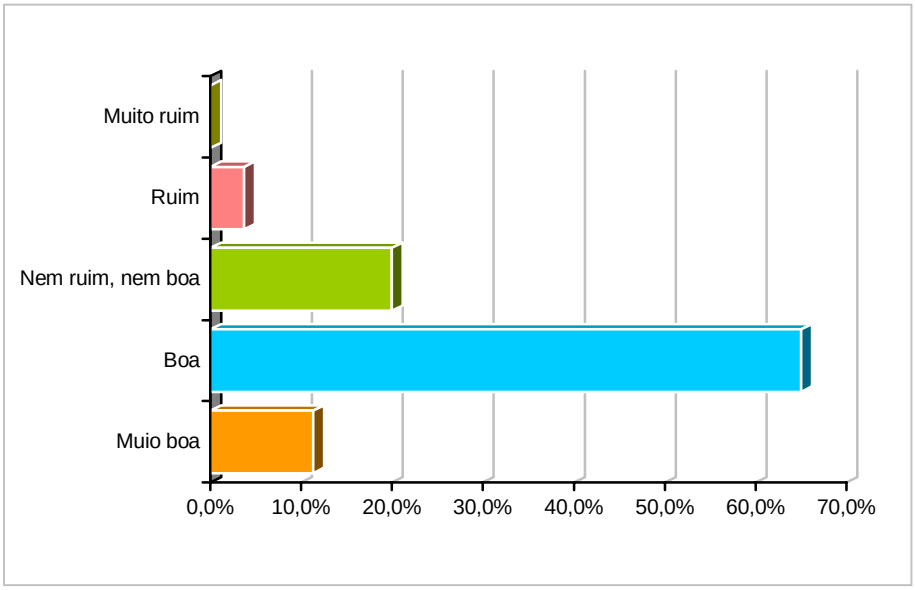

GRÁFICO 1 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto à avaliação da sua qualidade de vida - questão 1.

Observa-se que a maioria (65%) dos professores entrevistados considera boa a sua qualidade de vida (GRÁFICO 1).

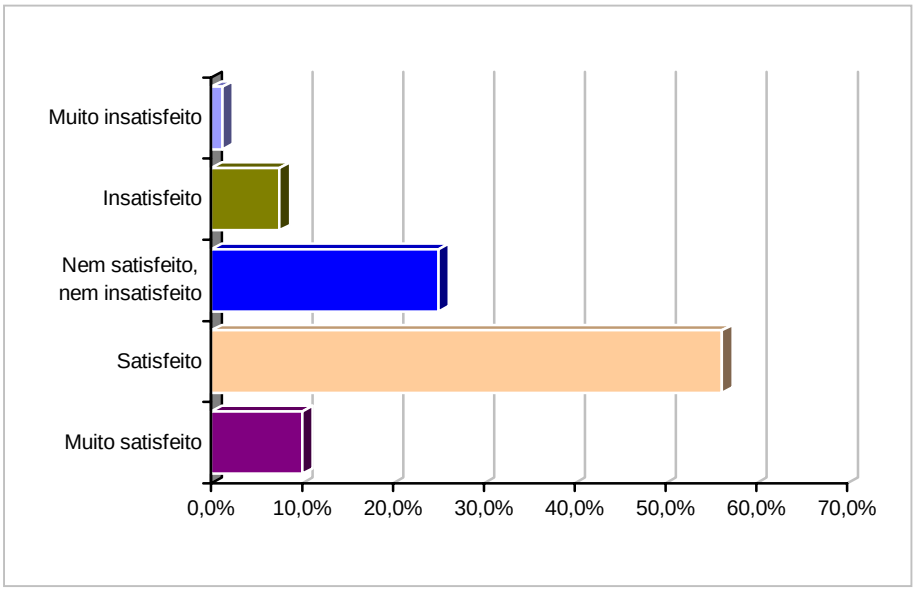

GRÁFICO 2 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto à satisfação com a sua saúde – questão 2.

Em relação à saúde geral, a maioria dos professores (56,3%) está satisfeita, e 10,0% estão muito satisfeitos (GRÁFICO 2).

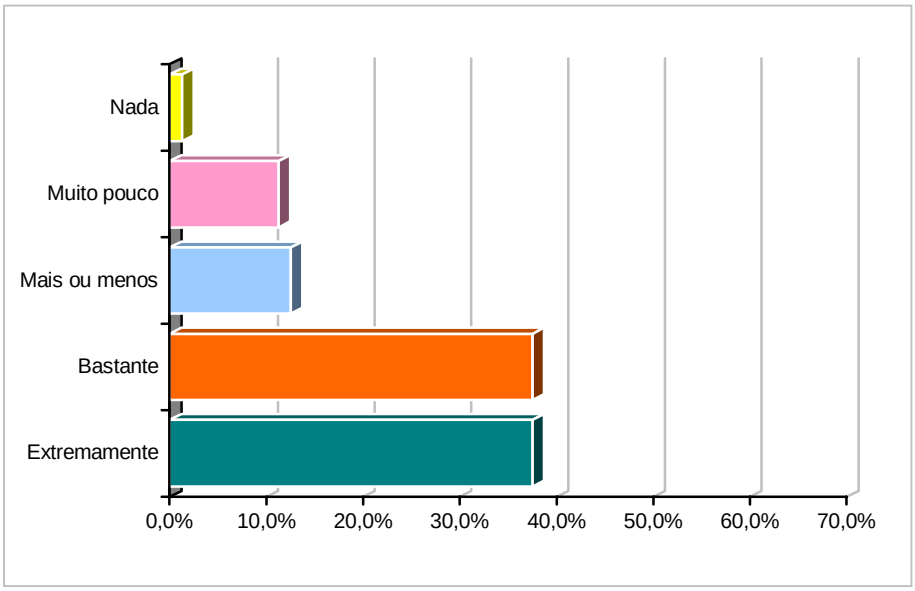

GRÁFICO 3 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto em que medida que a dor (física) impede-o de fazer o que precisa – Domínio físico – questão 3.

Observa-se no Gráfico 3 que a dor física impede a maioria dos entrevistados de fazerem o que precisa, sendo que há uma mesma proporção (37,5%) para os professores que responderam ‘bastante’ e ‘extremamente’.

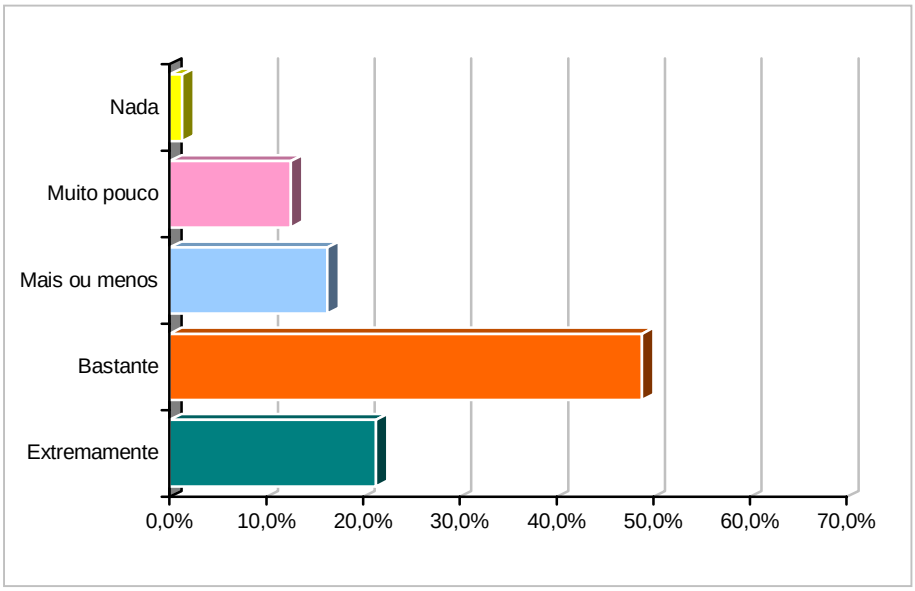

GRÁFICO 4 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quanto precisa de algum tratamento médico para levar a vida diária – Domínio físico – questão 4.

Os professores do ensino fundamental de Palotina-PR responderam na maioria (48,8%) que precisam bastante de um tratamento médico para levar sua vida diária (GRÁFICO 4).

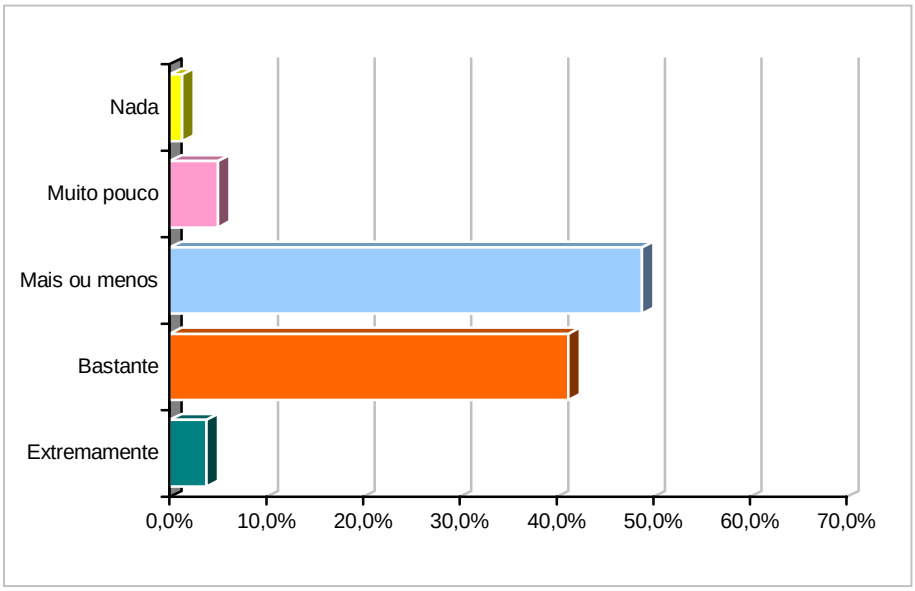

GRÁFICO 5 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quanto aproveita a vida – Domínio psicológico – questão 5.

Em relação em aproveitar a vida, os entrevistados que aproveitam mais ou menos são a maioria (48,8%), porém foi grande a porcentagem dos professores que responderam ‘bastante’ (41,3%) (GRÁFICO 5).

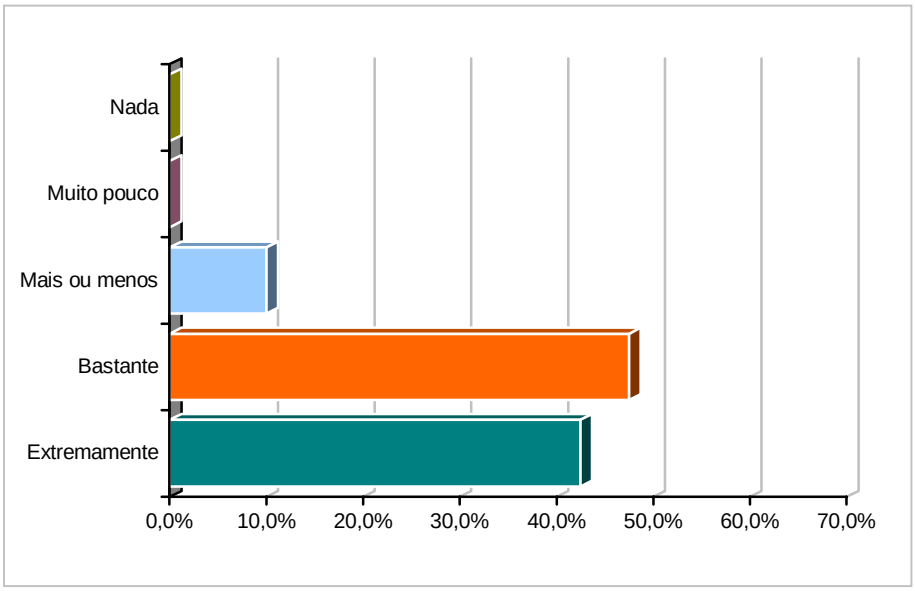

GRÁFICO 6 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto em que medida que acha que a vida tem sentido – Domínio psicológico – questão 6.

Quando avaliados sobre em que medida acham que a suas vidas têm sentido, 47,5% responderam 'bastante', sendo que 42,5% responderam 'extremamente' (GRÁFICO 6).

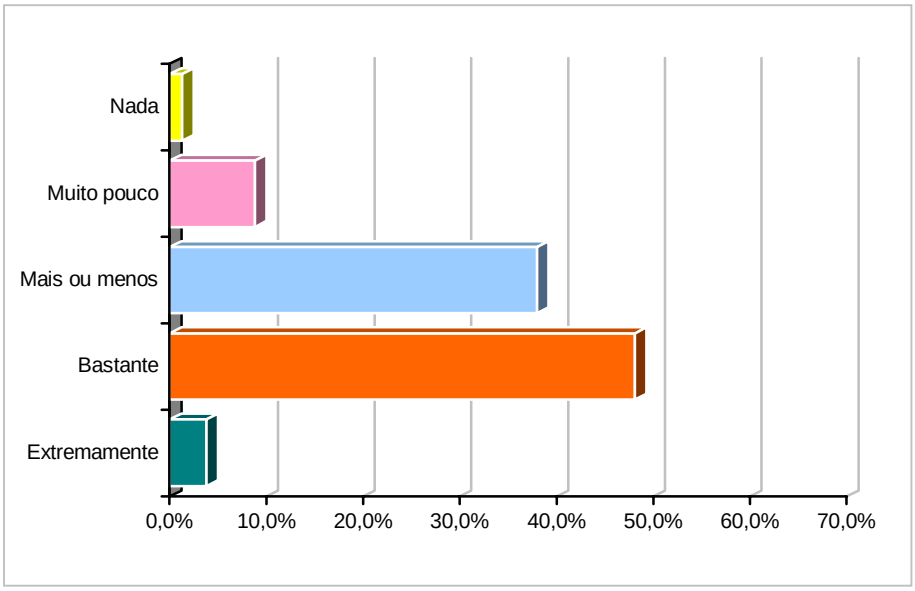

GRÁFICO 7 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quanto consegue se concentrar – Domínio psicológico – questão 7.

O Gráfico 7 evidencia o quanto os professores estão conseguindo se concentrar. Os resultados demonstram que a maioria (48,1%) consegue bastante concentração no seu dia-a-dia, porém 38% responderam que conseguem se concentrar mais ou menos.

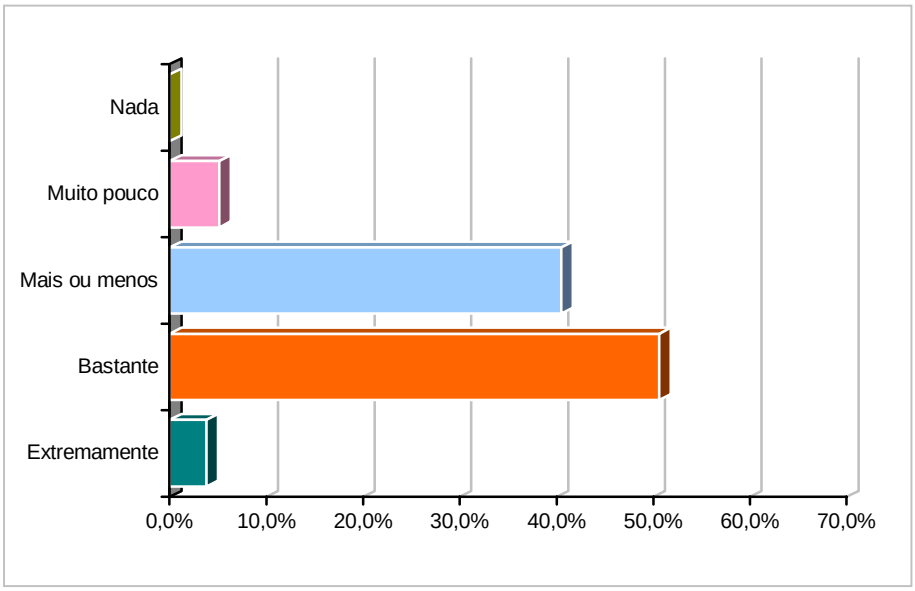

GRÁFICO 8 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quão seguro sente-se em sua vida diária – Domínio meio ambiente – questão 8.

Em relação à questão do Domínio meio ambiente que aborda a segurança, os entrevistados (50,6%) responderam que sentem-se bastante seguros em seu ambiente (GRÁFICO 8).

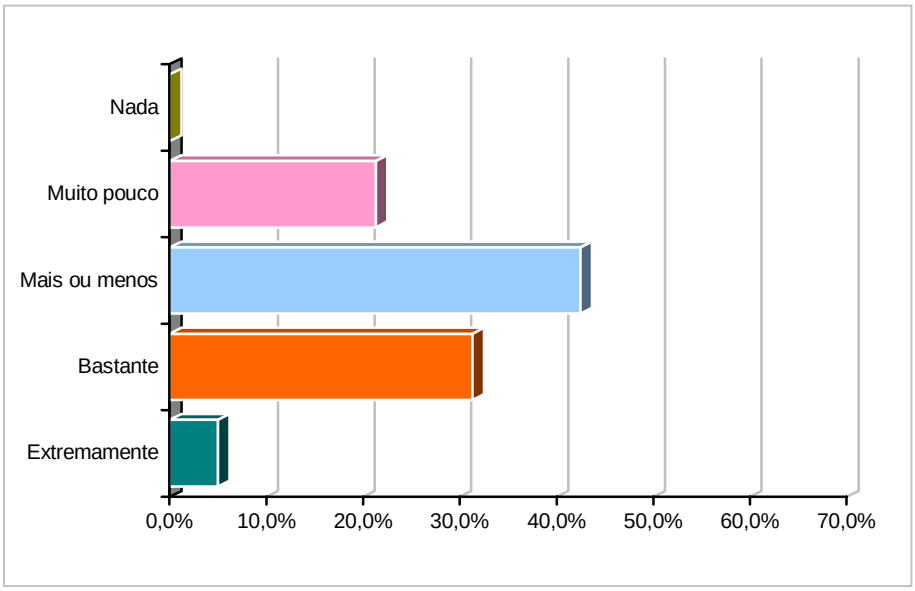

GRÁFICO 9 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre o quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos) – Domínio meio ambiente – questão 9.

Considerando as porcentagens demonstradas no Gráfico 9, a maioria (42,5%) dos professores do ensino fundamental consideram mais ou menos saudável seu ambiente físico, uma outra porcentagem (31,3%) consideram que seu ambiente físico é bastante saudável, porém uma porcentagem respondeu que seu ambiente físico é muito pouco saudável (21,2%).

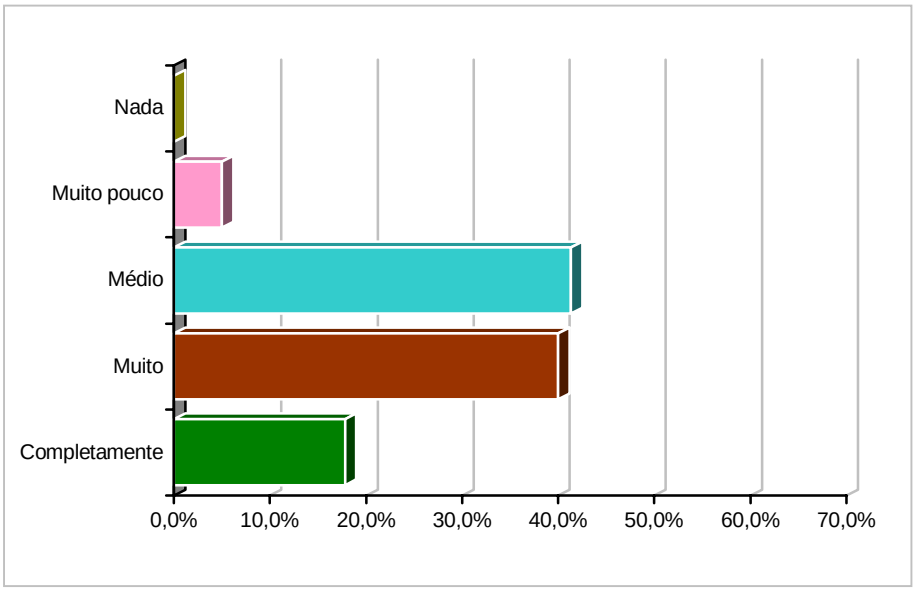

GRÁFICO 10 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto a ter energia suficiente para o dia-a-dia – Domínio físico – questão 10.

Quanto aos entrevistados ter energia suficiente para o dia-a-dia, as respostas foram ‘média’ (41,3%) e ‘muita’ (40,0%) (GRÁFICO 10).

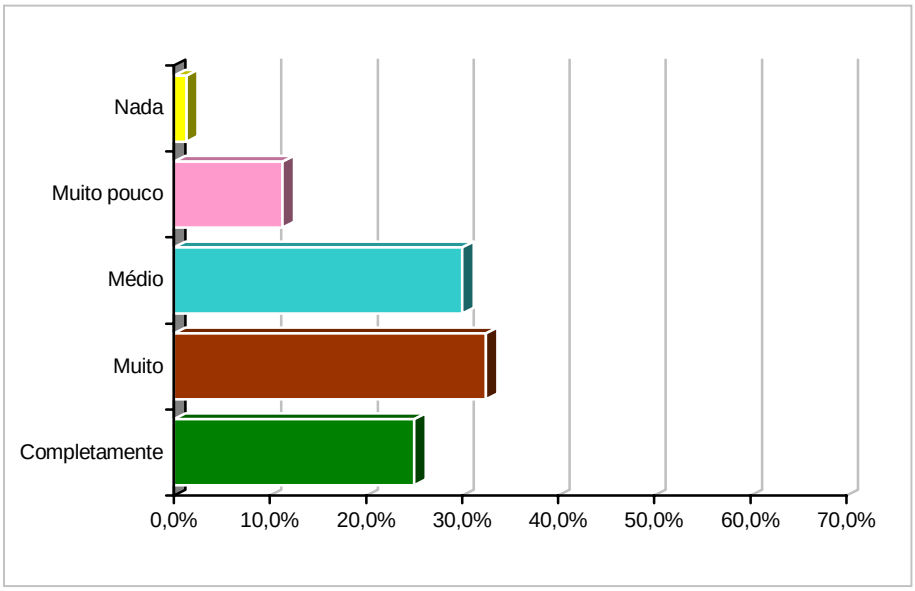

GRÁFICO 11 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto a capacidade de aceitar sua aparência física – Domínio psicológico – questão 11.

Dentre os professores, 32,5% responderam que possuem muita aceitação de sua aparência física. Outro número (30,0%) relataram possuíram uma aceitação média da sua aparência física (GRÁFICO 11).

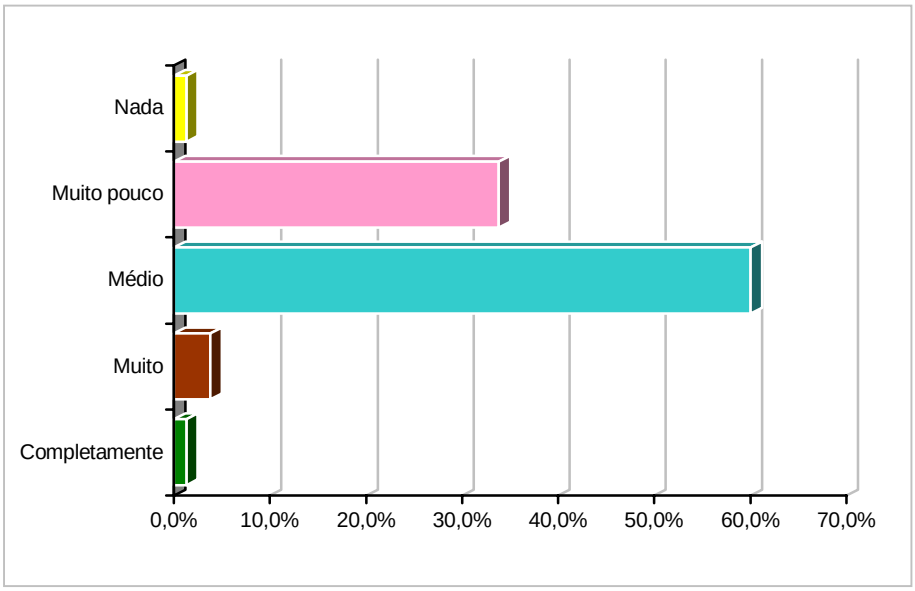

GRÁFICO 12 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto ter dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades – Domínio ambiental – questão 12.

Detecta-se através do Gráfico 12 que um número (60,0%) significativo dos professores entrevistados possuem dinheiro apenas na média para satisfazer suas necessidades. Outra porcentagem (33,8%) relevante relataram possuírem muito pouco dinheiro para satisfazer suas necessidade.

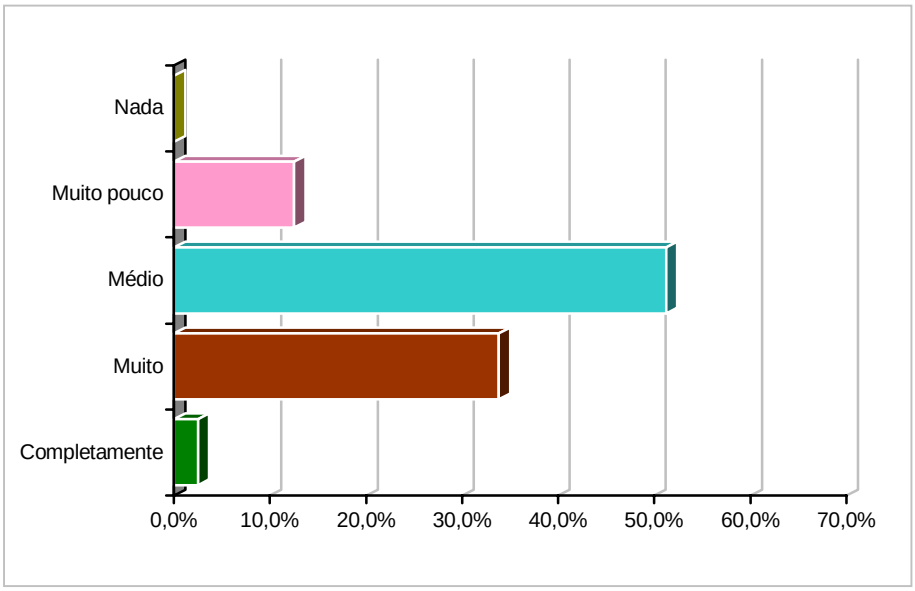

GRÁFICO 13 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão disponível estão as informações que precisa no dia-a-dia – Domínio ambiental – questão 13.

Ao analisar o acesso as informações para o grupo de professores entrevistados, identifica-se que a maioria (51,2%) afirmou que as informações de que precisa estão disponíveis em uma escala média (GRÁFICO 13).

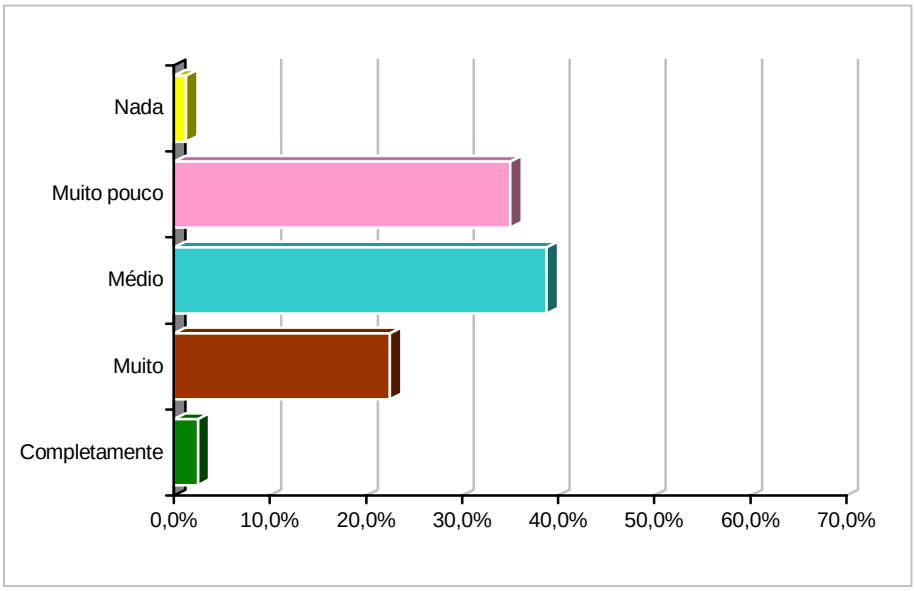

GRÁFICO 14 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto em que medida tem oportunidade de atividade de lazer – Domínio ambiental – questão 14.

O Gráfico 14 mostra que a oportunidade de lazer relatada pelos professores do ensino fundamental de Palotina-PR é média (38,8%) e muito pouca (35,0%).

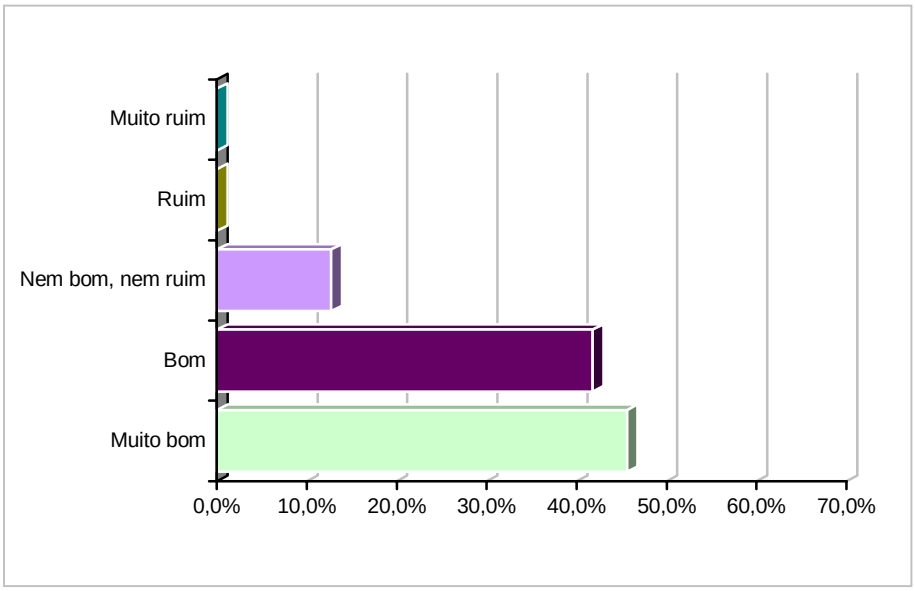

GRÁFICO 15 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão bem é capaz de se locomover – Domínio físico – questão 15.

Em relação de quão bem são capazes de se locomoverem, os professores entrevistados afirmaram que a capacidade de locomoção encontra-se em um nível que varia de bom (41,8%) a muito bom (45,6%) (GRÁFICO 15).

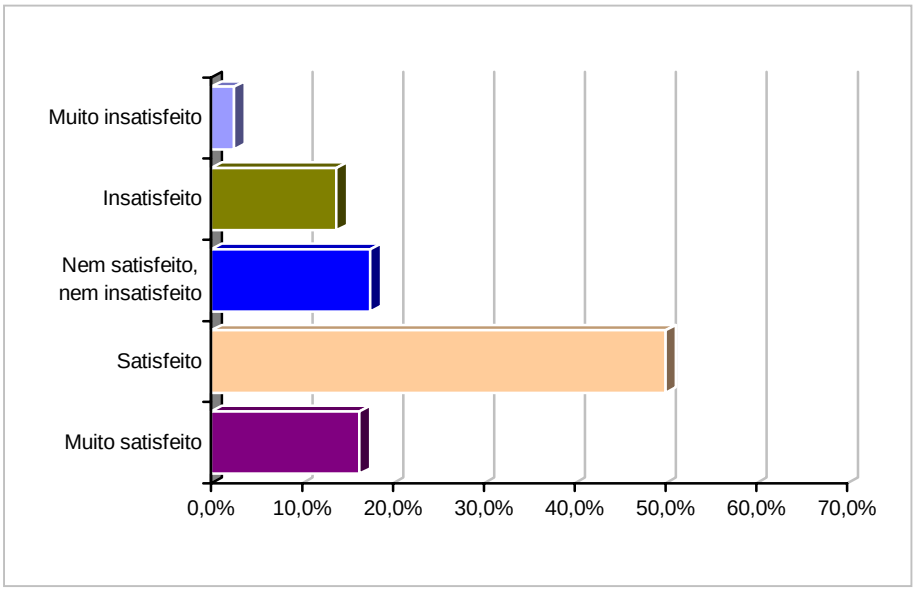

GRÁFICO 16 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com o sono – Domínio físico – questão 16.

O Gráfico 16 mostra a satisfação dos professores do ensino fundamental de Palotina-PR em relação ao sono. Os entrevistados responderam que estão satisfeitos (50%), ou ainda muito satisfeitos (16,3%) como o sono.

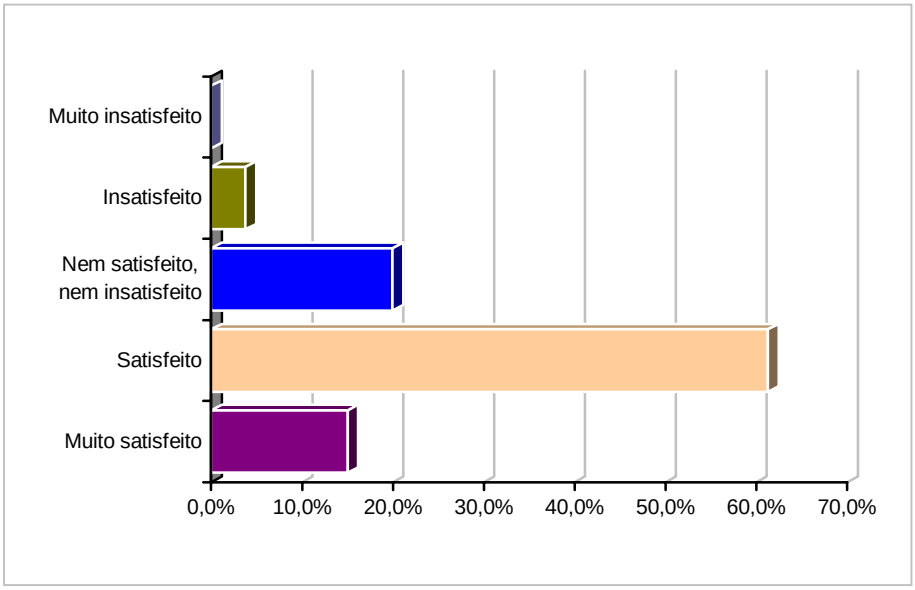

GRÁFICO 17 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com a capacidade de desempenhar as atividades do dia-a-dia – Domínio físico – questão 17.

O Gráfico 17 revela que a avaliação sobre a satisfação com a capacidade em desempenhar as atividades diárias é satisfatória para 61,3% dos professores do ensino fundamental que responderam ao questionário.

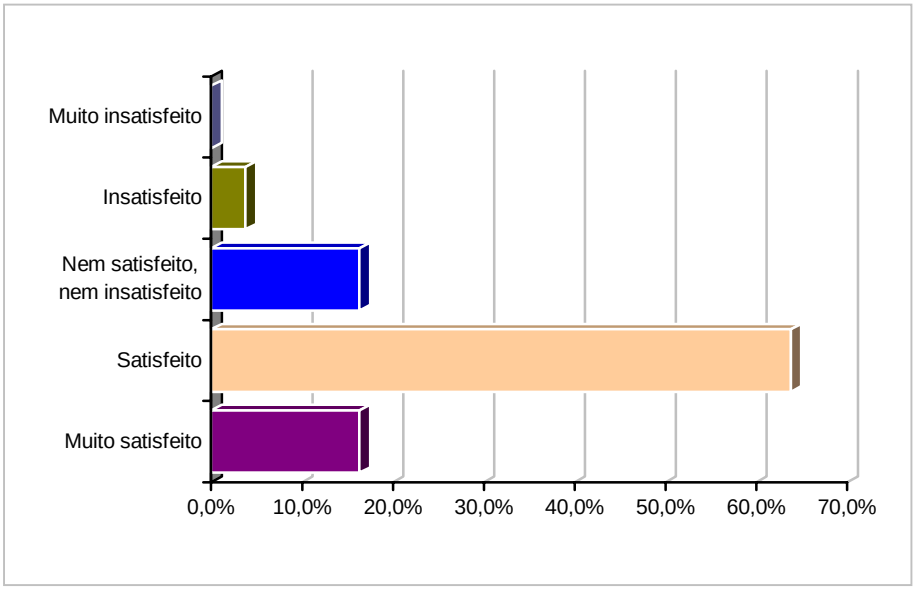

GRÁFICO 18 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com a capacidade para o trabalho – Domínio físico – questão 18.

O Gráfico 18 equivale às respostas dos professores sobre a questão que avalia a satisfação com a capacidade para o trabalho, no qual, a maioria (63,8%) dos pesquisados responderam que estão satisfeitos.

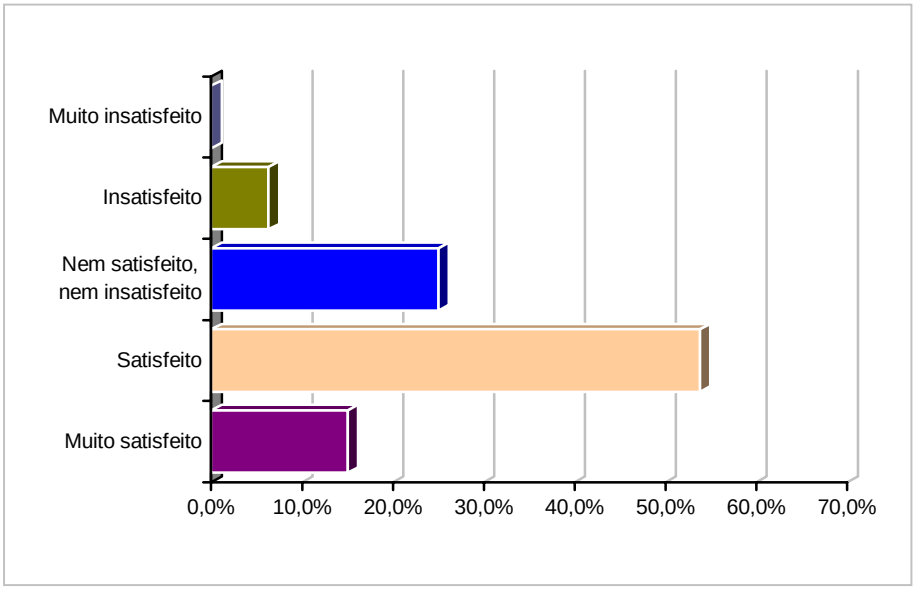

GRÁFICO 19 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está consigo mesmo – Domínio psicológico – questão 19.

As porcentagens representadas pelo Gráfico 19 equivalem às respostas do professores em relação ao quanto eles estão satisfeitos consigo mesmos. A maioria (53,8%) respondeu que está satisfeito.

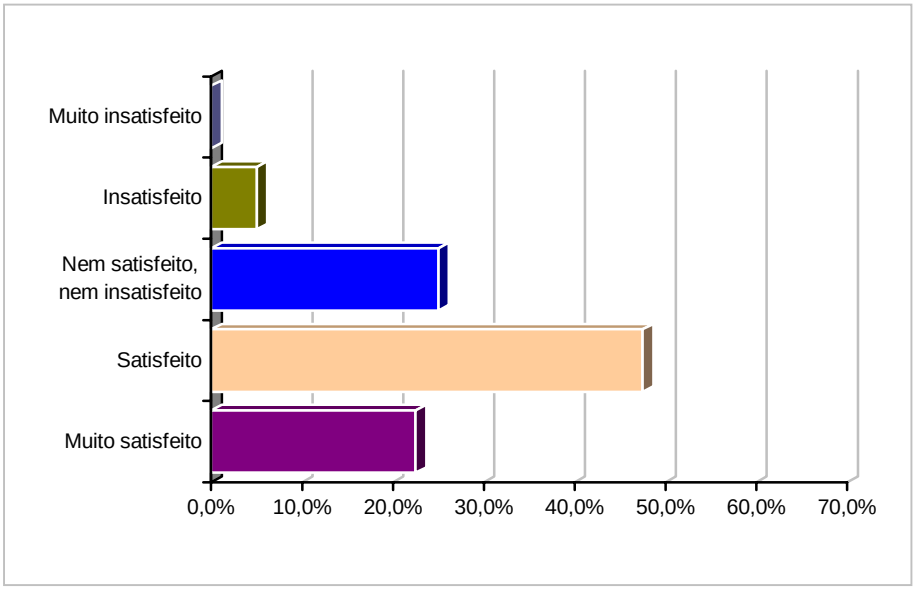

GRÁFICO 20 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com as relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas) – Domínio social – questão 20.

A satisfação aparece também quando os professores são avaliados sobre as suas relações sociais. A resposta 'satisfeito' foi dada por 47,5% dos entrevistados (GRÁFICO 20).

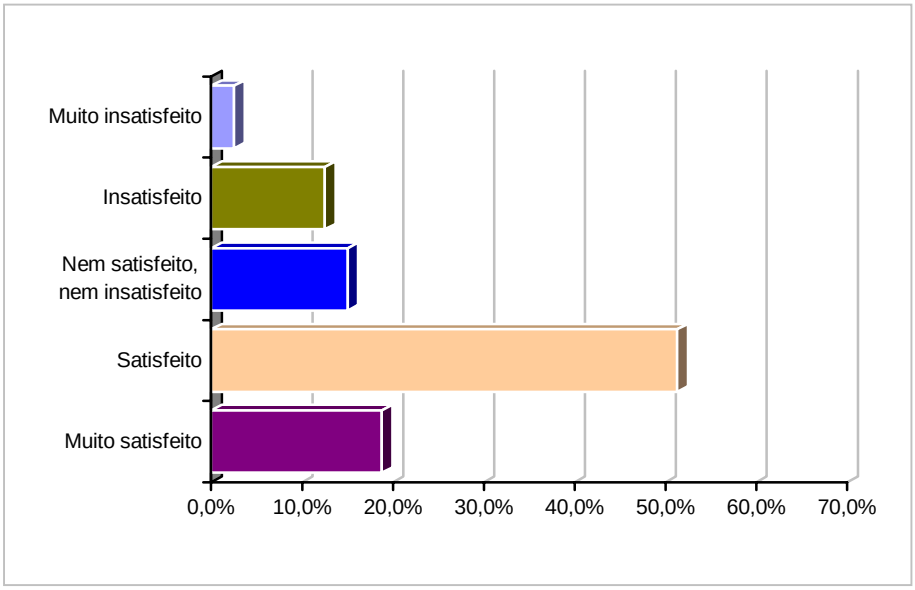

GRÁFICO 21 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com a vida sexual – Domínio social – questão 21.

No Gráfico 21 pode-se visualizar as respostas dos professores sobre a avaliação da sua vida sexual. A maioria (51,3%) respondeu que está satisfeita.

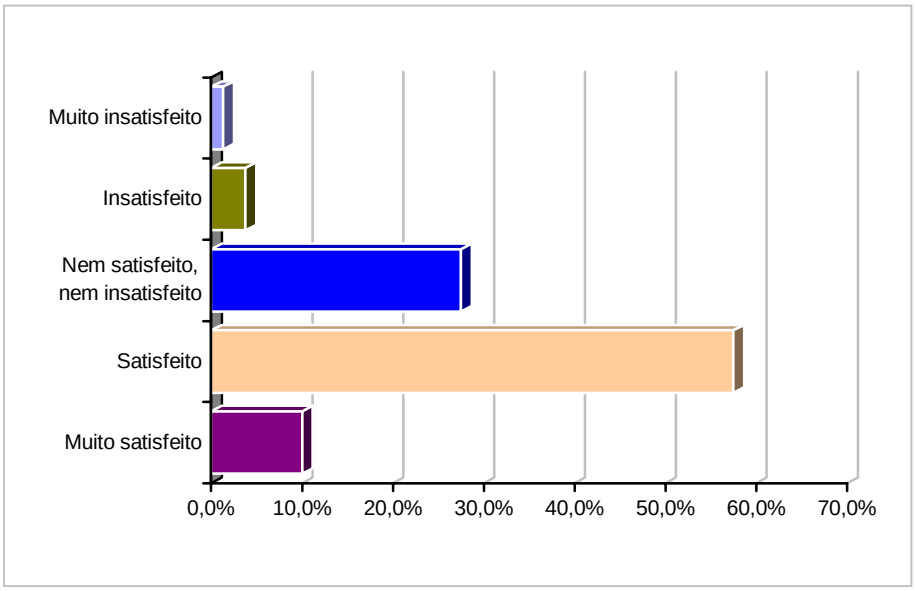

GRÁFICO 22 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com o apoio que recebe dos amigos – Domínio social – questão 22.

No Gráfico 22, a porcentagem das respostas que demonstram que os professores estão satisfeitos com o apoio que recebe dos amigos é a maioria (57,5%).

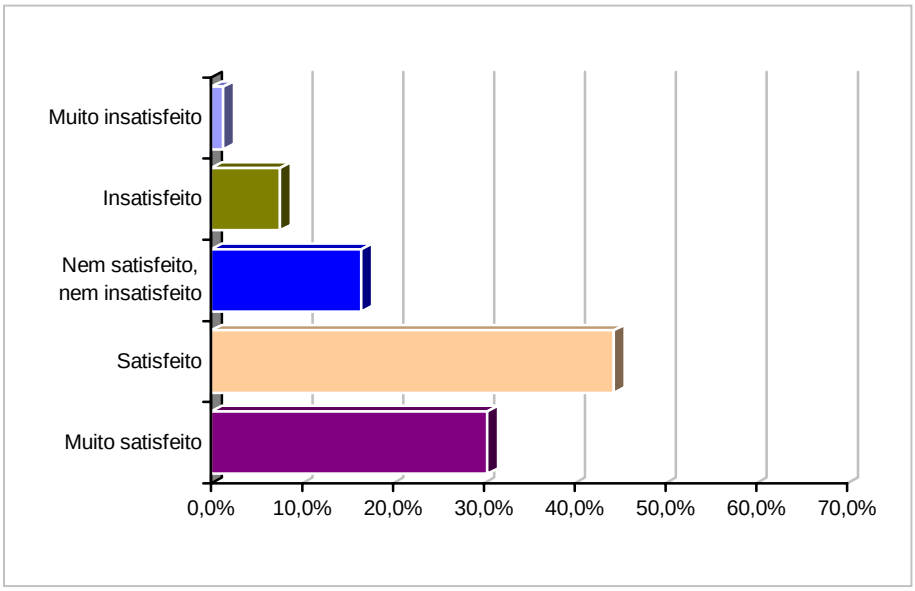

GRÁFICO 23 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com as condições do local onde mora – Domínio meio ambiente – questão 23.

Os professores do ensino fundamental da rede pública municipal de Palotina-PR, responderam que estão satisfeitos (44,3%) com as condições do local onde moram. Outra porcentagem (30,4%) dos professores responderam que estão muito satisfeitos (GRÁFICO 23).

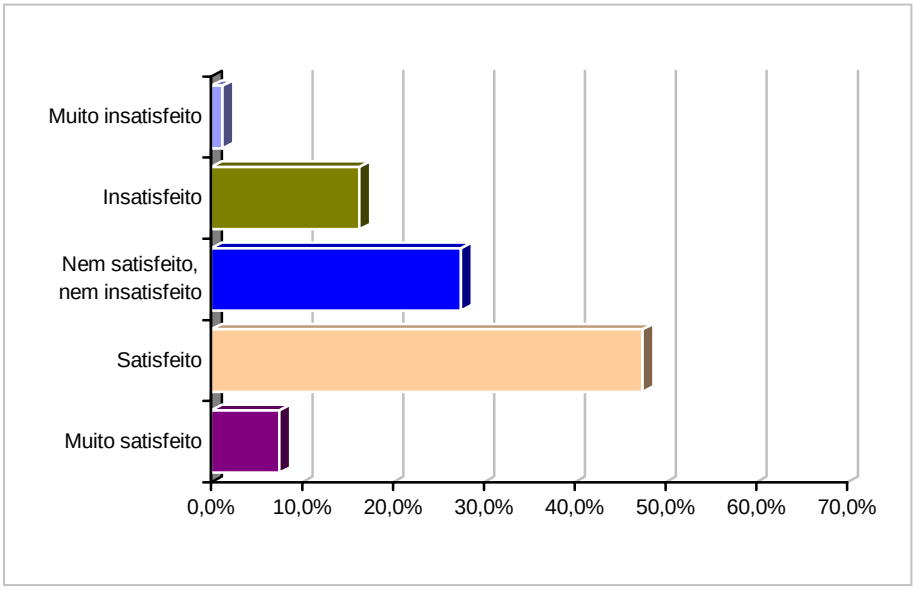

GRÁFICO 24 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com o seu acesso aos serviços de saúde – Domínio meio ambiente – questão 24.

A faceta que avalia o acesso aos serviços de saúde no WHOQOL-Breve, obteve uma porcentagem de 47,5% que responderam estarem satisfeitos sobre esta questão (GRÁFICO 24).

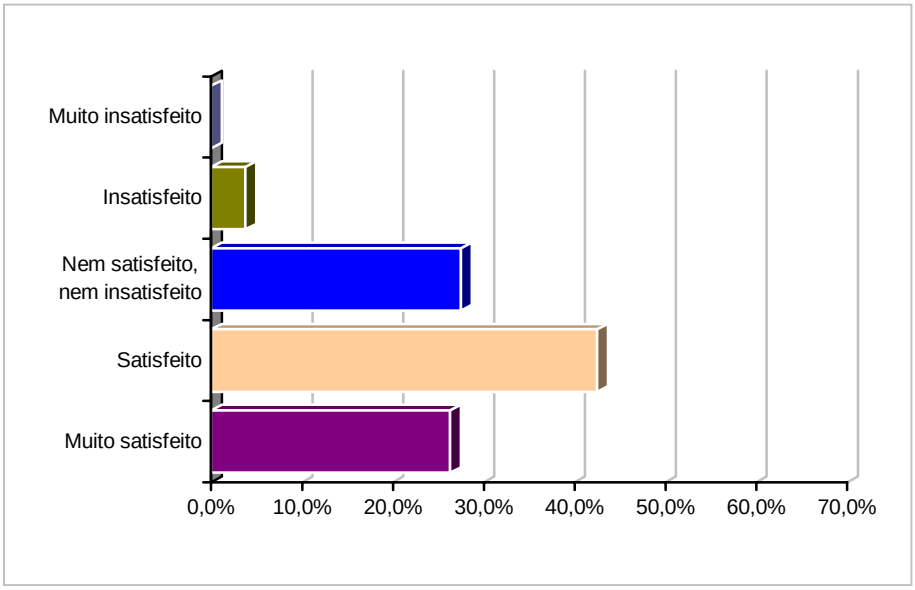

GRÁFICO 25 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, sobre quão satisfeito está com o seu meio de transporte – Domínio meio ambiente – questão 25.

Quanto a avaliação sobre o meio de transporte, 42,5% dos professores consideram que esse é satisfatório (GRÁFICO 25).

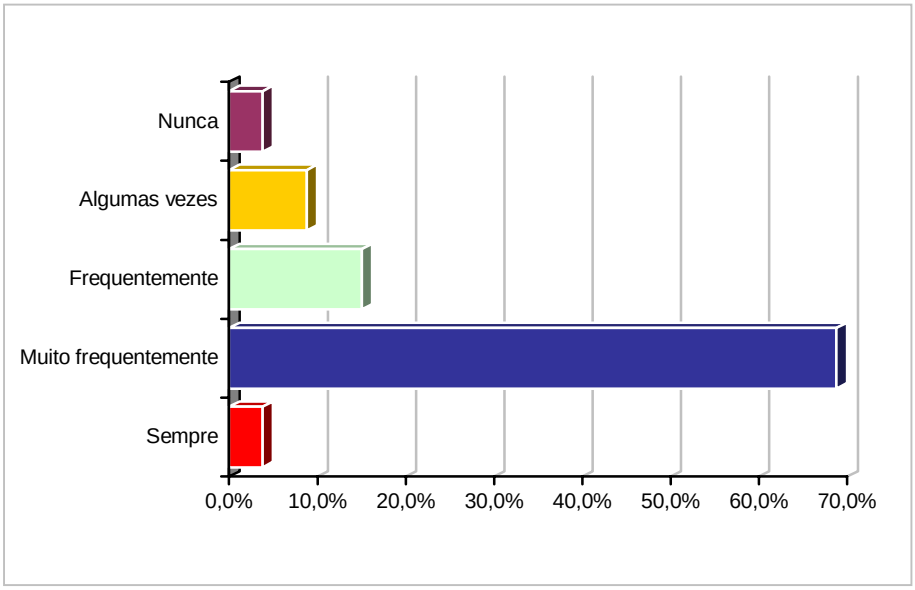

GRÁFICO 26 - Distribuição percentual da avaliação dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004, quanto a freqüência de sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão – Domínio psicológico – questão 26.

Uma grande porcentagem (68,8%) dos professores que respondeu ao questionário WHOQOL-Breve, afirmaram que muito freqüentemente têm sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão (GRÁFICO 26).

3.2 CORRELAÇÕES DO DOMÍNIOS DO WHOQOL-BREVE COM AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

TABELA 6 - Distribuição, segundo o vínculo com o município e o resultado da qualidade de vida no Domínio físico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio físico	**Vínculo**				**Total geral**	
	Contratado		**Efetivo**			
	n.	**%**	**n.**	**%**	**n.**	**%**
Com qualidade de vida	20	100,0	48	88,9	68	91,9
Sem qualidade de vida	-	-	6	11,1	6	8,1
Total geral	**20**	**27,0**	**54**	**73,0**	**74**	**100,0**

A Tabela 6 evidencia o resultado do estudo sobre a relação entre o vínculo com o município e o Domínio físico, observa-se que todos os professores contratados apresentaram qualidade de vida segundo o ponto de corte trabalhado (70), enquanto os profissionais efetivos apresentaram qualidade de vida em 88,9% dos entrevistados.

TABELA 7 - Distribuição, segundo o vínculo com o município e o resultado da qualidade de vida no Domínio psicológico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio psicológico	Vínculo				Total geral	
	Contratado		Efetivo			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	20	100,0	49	90,7	69	93,2
Sem qualidade de vida	-	-	5	9,3	5	6,8
Total geral	**20**	**27,0**	**54**	**73,0**	**74**	**100,0**

O resultado do estudo sobre a relação entre o vínculo com o município e o Domínio psicológico é observado pelo resultado apresentado na Tabela 7. Pode-se afirmar que todos os professores contratados apresentaram qualidade de vida segundo o ponto de corte trabalhado, enquanto os profissionais efetivos apresentaram qualidade de vida em 90,7% dos entrevistados.

TABELA 8 - Distribuição, segundo o vínculo com o município e o resultado da qualidade de vida no Domínio social, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio social	Vínculo				Total geral	
	Contratado		Efetivo			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	18	90,0	47	87,0	65	93,2
Sem qualidade de vida	2	10,0	7	13,0	9	6,8
Total geral	**20**	**27,0**	**54**	**73,0**	**74**	**100,0**

Não foram observadas qualquer relação estatisticamente significativa entre a qualidade de vida no Domínio social o vínculo com o município (X^2 corrigido segundo Yates = 0,00 :: Exato de Fisher para unicaudal = 0,5408) (TABELA 8).

TABELA 9 - Distribuição, segundo o vínculo com o município e o resultado da qualidade de vida no Domínio meio ambiente, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio meio ambiente	Vínculo				Total geral	
	Contratado		Efetivo			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	15	75,0	45	83,3	60	81,1
Sem qualidade de vida	5	25,0	9	16,7	14	18,9
Total geral	**20**	**27,0**	**54**	**73,0**	**74**	**100,0**

Não foram observadas qualquer relação estatisticamente significativa entre a qualidade de vida no domínio meio ambiente e o vínculo com o município (X^2 corrigido segundo Yates = 0,23 :: Exato de Fisher para unicaudal = 0,3078) (TABELA 9).

TABELA 10 - Distribuição, segundo o gênero e o resultado da qualidade de vida no Domínio físico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio físico	Gênero				Total geral	
	Feminino		Masculino			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	68	93,2	4	80,0	72	92,3
Sem qualidade de vida	5	6,8	1	20,0	6	7,7
Total geral	**73**	**93,6**	**5**	**6,4**	**78**	**100,0**

Não foram observadas qualquer relação estatisticamente significativa entre a qualidade de vida no Domínio físico e o gênero (X^2 corrigido segundo Yates = 0,04 :: Exato de Fisher para unicaudal = 0,3372) (TABELA 10).

TABELA 11 - Distribuição, segundo o gênero e o resultado da qualidade de vida no Domínio psicológico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio psicológico	Gênero				Total geral	
	Feminino		Masculino			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	67	91,8	5	100,0	72	92,3
Sem qualidade de vida	6	8,2	-	-	6	7,7
Total geral	**73**	**93,6**	**5**	**6,4**	**78**	**100,0**

Na Tabela 11 há uma indicação de 8,2% das mulheres entrevistadas com pontuações indicando não haver qualidade de vida no Domínio psicológico. Este mesmo indicativo não se fez presente nos homens entrevistados.

TABELA 12 - Distribuição, segundo o gênero e o resultado da qualidade de vida no Domínio social, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio social	Gênero				Total geral	
	Feminino		Masculino			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	65	89,0	4	80,0	69	88,5
Sem qualidade de vida	8	11,0	1	20,0	9	11,5
Total geral	**73**	**93,6**	**5**	**6,4**	**78**	**100,0**

Não foram observadas qualquer relação estatisticamente significativa entre a qualidade de vida no Domínio social e o gênero (X^2 corrigido segundo Yates = 0,01 :: Exato de Fisher para unicaudal = 0,4676) (TABELA 12).

TABELA 13 - Distribuição, segundo o gênero e o resultado da qualidade de vida no Domínio meio ambiente, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio meio ambiente	Gênero				Total geral	
	Feminino		Masculino			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	59	80,8	4	80,0	63	80,8
Sem qualidade de vida	14	19,2	1	20,0	15	19,2
Total geral	**73**	**93,6**	**5**	**6,4**	**78**	**100,0**

Não foram observadas qualquer relação estatisticamente significativa entre a qualidade de vida no Domínio meio ambiente e o gênero (X^2 corrigido segundo Yates = 0,29 :: Exato de Fisher para unicaudal = 0,6670) (TABELA 13).

TABELA 14 - Distribuição, segundo o estado civil e o resultado da qualidade de vida no Domínio físico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio físico	Estado civil						Total geral	
	Casado		Separado		Solteiro			
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	50	92,6	3	100,0	20	90,9	73	92,4
Sem qualidade de vida	4	7,4	-	-	2	9,1	6	7,6
Total geral	**54**	**68,3**	**3**	**3,8**	**22**	**27,9**	**79**	**100,0**

Na comparação sobre o estado civil no Domínio físico, observa-se que há uma indicação de 7,4% dos professores casados com pontuações indicando não haver qualidade de vida e o mesmo indicativo para 9,1% dos solteiros. Este resultado não se fez presente nos professores separados (TABELA 14).

TABELA 15 - Distribuição, segundo o estado civil e o resultado da qualidade de vida no Domínio psicológico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio psicológico	Estado civil						Total geral	
	Casado		Separado		Solteiro			
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	50	92,6	3	100,0	20	90,9	73	92,4
Sem qualidade de vida	4	7,4	-	-	2	9,1	6	7,6
Total geral	**54**	**68,3**	**3**	**3,8**	**22**	**27,9**	**79**	**100,0**

No Domínio psicológico, observa-se que não há indicativo de baixa qualidade de vida entre os separados, e a quantidade de indicação de pessoas sem qualidade de vida em casados é duas vezes maior que entre os solteiros (TABELA 15).

TABELA 16 - Distribuição, segundo o estado civil e o resultado da qualidade de vida no Domínio social, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio social	Estado civil						Total geral	
	Casado		Separado		Solteiro			
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	47	87,0	3	100,0	20	90,9	73	92,4
Sem qualidade de vida	7	13,0	-	-	2	9,1	6	7,6
Total geral	**54**	**68,3**	**3**	**3,8**	**22**	**27,9**	**79**	**100,0**

No Domínio social a diferença entre os casados e solteiros no tocante a não qualidade de vida é ainda maior e novamente não encontrou-se indicativos de não qualidade de vida entre os separados (TABELA 16).

TABELA 17 - Distribuição, segundo o estado civil e o resultado da qualidade de vida no Domínio meio ambiente, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio meio ambiente	Estado civil						Total geral	
	Casado		Separado		Solteiro			
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	46	85,2	2	66,7	16	72,7	64	81,0
Sem qualidade de vida	8	14,8	1	33,3	6	27,3	15	19,0
Total geral	**54**	**68,3**	**3**	**3,8**	**22**	**27,9**	**79**	**100,0**

No domínio meio ambiente não houve um estado civil sem comprometimento da qualidade de vida, e novamente houve um predomínio dos casados sobre os demais no grupo sem qualidade de vida, seguido pelos solteiros e separados, respectivamente (TABELA 17).

TABELA 18 - Distribuição, segundo a identificação do exercício de outras atividades e o resultado da qualidade de vida no Domínio físico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio físico	Exerce outras atividades				Total geral	
	Sim		Não			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	18	100,0	53	90,0	71	92,2
Sem qualidade de vida	-	-	6	100,0	6	7,8
Total geral	**18**	**23,4**	**59**	**76,6**	**77**	**100,0**

No domínio físico, as pessoas que exercem outras atividades não demonstraram baixa qualidade de vida, ao contrário dos que não exercem outras atividades (TABELA 18).

TABELA 19 - Distribuição, segundo a identificação do exercício de outras atividades e o resultado da qualidade de vida no Domínio psicológico, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio psicológico	Exerce outras atividades				Total geral	
	Sim		Não			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	15	21,1	56	78,9	71	92,2
Sem qualidade de vida	3	50,0	3	50,0	6	7,8
Total geral	**18**	**23,4**	**59**	**76,6**	**77**	**100,0**

Não foram observadas qualquer relação estatisticamente significativa entre a qualidade de vida no Domínio psicológico e o exercício de outras atividades (X^2 corrigido segundo Yates = 1,22 :: Exato de Fisher para unicaudal = 0,1362) (TABELA 19).

TABELA 20 - Distribuição, segundo a identificação do exercício de outras atividades e o resultado da qualidade de vida no Domínio social, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio social	Exerce outras atividades				Total geral	
	Sim		Não			
	n.	%	n.	%	n.	%
Com qualidade de vida	16	23,2	53	76,8	69	89,6
Sem qualidade de vida	2	25,0	6	75,0	8	10,4
Total geral	**18**	**23,4**	**59**	**76,6**	**77**	**100,0**

Não foram observadas qualquer relação estatisticamente significativa entre a qualidade de vida no Domínio social e o exercício de outras atividades (X^2 corrigido segundo Yates = 0,11 :: Exato de Fisher para unicaudal = 0,6028) (TABELA 20).

TABELA 21 - Distribuição, segundo a identificação do exercício de outras atividades e o resultado da qualidade de vida no Domínio meio ambiente, dos professores entrevistados de Palotina-PR – 2004

Domínio meio ambiente	**Exerce outras atividades**				**Total geral**	
	Sim		**Não**			
	n.	**%**	**n.**	**%**	**n.**	**%**
Com qualidade de vida	17	27,4	45	72,6	62	80,5
Sem qualidade de vida	1	6,7	14	93,3	15	19,5
Total geral	**18**	**23,4**	**59**	**76,6**	**77**	**100,0**

Não foram observadas qualquer relação estatisticamente significativa entre a qualidade de vida no Domínio meio ambiente e o exercício de outras atividades (X^2 corrigido segundo Yates = 1,86 :: Exato de Fisher para unicaudal = 0,0791) (TABELA 21).

4 DISCUSSÃO

Quanto ao sexo da amostra, 93,6% dos entrevistados eram mulheres e 6,4% homens, dados semelhantes à pesquisa de validação da versão abreviada do WHOQOL, feita pelo Dr. Marcelo Pio de Almeida Fleck e colaboradores, que também obteve número maior de mulheres (153), no total dos 250 pacientes de ambulatórios provenientes da área clínica, cirúrgica, ginecológica e psiquiátrica, que consentiram em participar do estudo, os demais (147) eram homens (FLECK et al., 2000).

Censo do professor 2003 demonstra que, na educação básica, no ensino fundamental, é uma atividade majoritariamente feminina (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 2004). Conforme os estudos de Mello (1982), este fato está relacionado à idéia de que o ofício de professor é visto como uma vocação feminina, por requerer dos profissionais que a exercem uma prática semelhante à função materna.

O estado civil dos professores que responderam ao questionário de QV era, na maioria (67,5%) casados, 27,5% solteiros, 3,7% separados, tendo semelhança quanto a outros estudos: Souza, S. (2001) encontrou a maior porcentagem, 55% dos professores casados, 37% solteiros e 6% separados; dos professores pesquisados por Oliveira (2003), eram 64,3% casados e 35,7% solteiros. Dados semelhantes aos de Fleck et al. (2000), em que os casados consistiam na maioria (57,7%), os solteiros, a segunda maior porcentagem (26,3%), seguidos dos separados (10,0%) e dos viúvos (6,0%).

Menta (2003), que também utilizou o WHOQOL em sua pesquisa com idosos asilados, apontou, em sua população, 47,7% dos idosos solteiros e 33% viúvos. Os dados corroboram com a estatística da Fundação Sistema Estadual de

Análise de Dados/SEADA (1990 apud MENTA, 2003), que afirma ser a idade média de casamento 22,9 anos para as mulheres e 26 para os homens.

Entre os participantes da pesquisa, o número de filhos oscilou entre nenhum e quatro filhos. Em Oliveira (2003), a quantidade de filhos variou entre nenhum e três filhos, demonstrando mais uma vez que os dados encontrados por estudo corroboram com outras pesquisas sobre professor e também com pesquisas que utilizaram o WHOQOL-Breve.

Em relação à faixa etária dos professores, confirmou-se a maior concentração na idade entre 30 a 39 anos, estatística semelhante à encontrada por Oliveira (2003), na qual a faixa etária prevalente também se situou entre 30 e 39 anos e, muito próximo da média de faixa etária, 43 anos, na pesquisa de Fleck et al. (1999b). Esteve (1999) afirma que esta é a faixa etária dos docentes que mais se afasta das atividades escolares por licenças médicas procedentes de enfermidades físicas ou psicológicas como a laringite e depressão. A depressão em docentes foi um dos fatores que motivaram esta pesquisa sobre a avaliação da QV geral dos professores. Durante o período de 1989 a 2000, a pesquisadora recebeu, no consultório de psicologia, um número significativo de professores do ensino fundamental com sintomas depressivos vinculados à insatisfação no trabalho.

A média de tempo de serviço no magistério foi de 13 anos de atuação. Um dado preocupante em relação ao futuro dos professores de Palotina-PR, pois estudos relatam que, a partir do 11º ano, começa o período mais estressante para a profissão. Oliveira (2003) encontrou este relato em 51% dos professores entrevistados. Marconato (2002) estudou um grupo de professoras, com tempo de serviço entre 4 e 27 anos, com carga horária de 40 horas semanais e relacionou estes dados com a QV, constatando que este e outro conjunto de fatores típicos da profissão docente, quando mal administrados, podem resultar em estresse, medo e insatisfação.

A saúde é uma das dimensões mais influentes da vida moderna, e por este motivo este trabalho enfocou sua relação com a QV. Esteve (1999), ao longo de

sete anos de estudo, registrou, no período letivo de 1988-1989, um crescimento das licenças médicas entre as mulheres que aparecem significativamente mais afetadas, 20,9% contra 10,9% dos homens, salientando que a idade de maior índice de licenças foi 39,8 anos na época da pesquisa. Pode-se concluir com esta discussão que, quanto maior o tempo de magistério, maior a idade do professor e quanto maior a idade, menor serão as potencialidades biológicas para o trabalho, ainda mais quando todos estes aspectos se unem ao gênero feminino.

Os professores desta pesquisa consideraram como boa (65%) a avaliação da sua QV geral, assim como estão satisfeitos com sua saúde geral (56,2%). Beck e Budó (1999) e os professores de enfermagem identificaram como 'boa' ou 'muito boa' a sua QV; Paiva (2003), que também pesquisou um grupo de trabalhadores, encontrou os mesmos resultados. Outros dados de Souza, S. (2001), concluiu como óbvio o comprometimento do nível de QV dos professores universitários em fase de mestrado, na qual a insatisfação de suas necessidades básicas foi um dos fatores mais influentes sobre este resultado. Menta (2003) afirma que a QV geral percebida pelos idosos entrevistados, em uma escala de 0 a 100, encontrou-se em torno de 50. Esteve (1999) identificou algumas conseqüências, são elas: 1) absenteísmo trabalhista e abandono da profissão docente; 2) repercussões negativas da prática docente sobre a saúde dos profissionais; e 3) as doenças dos professores.

De acordo com a orientação verbal do coordenador do grupo de estudos em qualidade de vida no Brasil, Prof. Dr. Marcelo Pio de Almeida Fleck, deciciu-se pelo ponto de corte 70. Constatou-se que, nos Domínios físico, psicológico e social, os escores foram satisfatórios, ficando, na média, com valores em torno de 68 (intervalo de confiança de 65,44 a 70,44). O Domínio meio ambiente foi o que apresentou o menor escore 58,53 (intervalo de confiança de 58,35 a 61,62) denotando uma percepção negativa da QV pelos professores relacionada com este domínio. Este resultado corrobora com Fleck et al. (1999b), que, ao comparar os resultados dos sujeitos 'normais' com os resultados dos 'pacientes da psiquiatria' pesquisados, constatou que os 'normais' tiveram escores melhores em 3 dos 4 domínios.

Paiva (2003) desenvolveu uma pesquisa em uma indústria siderúrgica, com o objetivo de correlacionar a exposição ao ruído à qualidade de vida dos trabalhadores, utilizando o questionário WHOQOL-Breve, para a avaliação da QV dos entrevistados. Na análise comparativa entre os quatro domínios, os resultados demonstraram que a maioria (56,9%), apresentou índices abaixo da média (ponto de corte 50) no Domínio meio ambiente. Recorda-se, que, no WHOQOL-Breve, o trabalho está inserido no Domínio 4 - meio ambiente.

Aprofundada a análise dos resultados do Domínio 4 - meio ambiente e as facetas deste domínio, com o intuito de compreender a sua baixa pontuação, verificou-se que as facetas que mais influenciaram o baixo escore foram as que avaliaram os recursos financeiros e a participação e oportunidades de recreação/lazer. Quanto a ter dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades, as respostas com maior freqüência foram médio (38,7%) e muito pouco (35%), apenas 2,5% dos professores estão muito satisfeitos com a renda que possuem, o que é uma quantidade muito pequena para uma classe trabalhadora da importância da docência.

O salário do professor do ensino fundamental da rede pública municipal de educação de Palotina-PR foi pesquisado pela variável Renda Familiar. Odelius e Codo (1999) explicam que a renda familiar é um cálculo estimado considerando o ponto médio da faixa de remuneração do professor, multiplicando-o por um índice que varia com o fato do professor ter ou não outro trabalho, ser ou não casado, o companheiro trabalhar fora ou não e a parcela de participação na renda familiar. Nesta pesquisa, verificou-se que a renda familiar dos professores entrevistados foi em torno de 5,8 salários mínimos e 3,1 pessoas vivendo sob esta renda, o que daria uma média de um pouco mais de 1 salário mínimo *per capita* mensal.

A estatística dos professores no Brasil, de 2003, apresentou resultados que constataram que os profissionais com menor rendimento mensal são os professores de Educação Infantil e do Ensino Fundamental e, portanto, uma das maiores fontes de insatisfação entre os docentes (ALVES, 1992; ODELIUS; CODO, 1999). Os professores iniciam sua carreira colocando as recompensas intrínsecas do seu trabalho acima da recompensa financeira, contudo, quando

expectativas são frustradas, aí sim, os salários se transformam em uma fonte incomparável de descontentamento, que resultam na necessidade de aumentar os rendimentos com extensa carga horária ou com outro tipo de vínculo trabalhista, colocando, assim, sua saúde em risco e também a QV, uma vez que esta depende da harmonia e do equilíbrio de realizações nos níveis da saúde, do trabalho, lazer, sexo, desenvolvimento espiritual (RAMOS, 1995 apud CARDOSO, 1999).

As oportunidades de atividades de lazer foi um dos pontos que favoreceram a baixa pontuação no Domínio meio ambiente. Ao serem questionados sobre as oportunidades de atividades de lazer das quais os professores dispõem, responderam com maior freqüência médio (38,7%) e muito pouco (35%), permitindo a conclusão de que a profissão de professor não permite muito tempo livre para que o trabalhador possa usufruir das atividades de lazer. Souza, S. (2001) também encontrou em sua amostra 99% de professores que afirmaram não possuir tempo para o lazer. Santos (1999) entende o lazer não apenas como tempo para ir ao parque ou ao cinema, mas sim fazer o que se acha agradável, o que lhe proporciona prazer. O trabalho do professor geralmente continua além da sala de aula, pois, muitas vezes, precisa utilizar o tempo em casa para preparar as aulas e os materiais do dia seguinte e corrigir provas (SORRATO; OLIVIER-HECKLER, 1999).

Constata-se que, ser professor concentra proporções intensas no que concerne ao ser e ao fazer profissional, que resultam, quase que invariavelmente, no cansaço físico e mental e na perda do entusiasmo pela profissão que, aliados aos demais resultados encontrados pela pesquisa, são os principais fatores que colaboram para desencadear enfermidades, como, por exemplo, o estresse (LIPP, 2003) e a síndrome de Burnout (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

O resultado apresentado no Domínio meio ambiente foi o de uma quantidade maior de correlações. Houve uma correlação negativa ($p < 0,05$) com a variável independente número de escolas em que o professor atua e a carga horária semanal; com a renda familiar a correlação foi positiva, ou seja, quanto

maior a renda melhor a qualidade de vida. Concluindo, o Domínio 4 – meio ambiente é o pior preditor da QV dos professores.

A média de escolas que o professor trabalha foi 1,5, dado que, ao ser correlacionado à jornada de trabalho e ao número de vínculos trabalhistas (1,42), verifica-se que alguns professores atuam um período em uma escola e outro período em outra e/ou ainda que possuem mais de um vínculo trabalhista. Esta é uma das realidades observadas e vivida pela pesquisadora que, para uma complementação da renda e, conseqüentemente, satisfação das necessidades, trabalha 40 horas semanais em uma entidade social, onde divide o tempo atuando como psicóloga e professora de contra-turno social; no período noturno, é professora universitária 8 horas semanais e o restante do tempo trabalha como psicóloga, no consultório particular. Sendo assim, pode-se compreender mais claramente por que os professores estão com dificuldades em atender as exigências domésticas, bem como o alto nível de insatisfação dos professores com a oportunidade de lazer, tornando estes fatores determinantes para a QV dos referidos profissionais.

Ao pesquisar os índices de licenças por nível de ensino, Esteve (1999) constatou que os professores das séries iniciais são os profissionais com maior incidência. Em relação ao gênero, o autor identificou o sexo feminino como o mais afetado por licenças médicas. A faixa etária que mais utilizou o recurso da licença situava-se nos 39,8 anos, na época em que a pesquisa foi realizada. As causas mais freqüentes das licenças médicas foram “[...] as distensões de tornozelos, as laringites e as depressões” (ESTEVE, 1999, p. 99).

No Domínio físico houve correlação negativa ($p < 0,05$) com a carga horária semanal dos professores, assim como o número de escolas em que o professor atua. As facetas deste domínio são: dor e desconforto; energia e fadiga; sono e repouso; mobilidade; atividades da vida cotidiana; dependência de medicamentos ou de tratamentos; e capacidade de trabalho. Contudo, apesar da literatura afirmar que estas variáveis independentes quando não satisfeitas, podem exercer uma grande influência negativa na QV relacionada à saúde dos professores, não

foram observados, na análise dos resultados da população estudada, dados que demonstrem uma percepção negativa da saúde. Este fato pode ser explicado por meio da satisfação que o professor apresentou com o acesso aos serviços de saúde, pois a maioria dos entrevistados respondeu que estão muito satisfeitos (47,5%). Visando melhor entender esta satisfação, buscou-se, junto à Secretaria Municipal de Saúde de Palotina-PR, algumas informações sobre os serviços públicos de saúde que são oferecidos à população.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde de Palotina-PR, a estrutura de saúde no município conta com dois hospitais particulares com capacidade de 220 leitos, deste total, 51 estão disponíveis para usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), 10 clínicas particulares, 1 centro de saúde central, 4 Unidades Básicas de Saúde (UBS) nos bairros e 2 na zona rural e um hospital municipal. O município conta com Programas de Saúde Bucal, Saúde da Família e Programas de Agentes Comunitárias de Saúde. É oferecido pelo município atendimento em atenção básica (clínica geral, ginecologia, obstetrícia, pediatria) e o Consórcio Intermunicipal de Saúde, que realiza encaminhamentos para outros municípios com profissionais credenciados nas diversas especialidades médicas, quando estas não existem na cidade. Voltado às estratégias de prevenção e ações educativas com enfoque direcionado à mulher, criança e adolescente, são desenvolvidos alguns programas:

a) programa de planejamento familiar;

b) programa de doenças sexualmente transmissíveis;

c) programa de vigilância alimentar e nutricional;

d) programa de adolescentes;

e) programa de acompanhamento e assistência aos portadores de ostomias e urostomias;

f) programa órtese e prótese;

g) programa de combate ao tabagismo e outros fatores de risco;

h) programa bolsa alimentação;

i) programa saúde mental;

j) programa de psiquiatria, alcoolismo e neurologia;

k) programa de atendimento psicológico de adultos e crianças;

l) programa de atendimento às gestantes;

m) programa de prevenção do câncer de mama e cérvico uterino;

n) programa de imunização;

o) programa de terapia de reidratação oral;

p) programa de prevenção e controle de hipertensão arterial; e

q) programa de prevenção e controle de diabetes entre outros.

Esses e outros investimentos que são feitos para a melhor qualidade da saúde dos munícipes fazem de Palotina uma cidade de referência regional no assunto. A conclusão mais viável para os resultados discutidos é a de que, em virtude desses programas, os professores podem dispor de uma intervenção ampla e imediata ao aparecimento dos sintomas de doenças, impedindo que uma enfermidade se instale ou agrave, resultando na boa qualidade da saúde geral.

No Domínio social, houve correlação negativa ($p < 0,05$) com a variável número de filhos, revelando que quanto maior a quantidade de filhos menor é a QV do professor. Lembrando que as facetas avaliadas pelo Domínio 3 – relações sociais são: relações pessoais; apoio social; atividade sexual e assim estabelecendo uma relação destas informações com a carga horária semanal dos sujeitos, que é, em média, de 32 horas e com o gênero feminino, em que se verifica uma dificuldade dos docentes em conciliar a vida profissional com as tarefas domésticas, principalmente no apoio aos filhos, em virtude das extensas jornadas de trabalho (BRUSCHINI; AMADO 1988 apud HYPÓLITO, 1997) e

também pela busca constante da atualização, conforme constatou Marconato (2002), que encontrou 77% das professoras realizando algum aperfeiçoamento profissional e as demais (23%) que não estavam estudando, e apresentaram a falta de tempo e o excesso de tarefas como justificativas.

França e Rodrigues (1997) afirmam que quanto maior o comprometimento do indivíduo com um grupo ou uma organização maior terá que ser a sua dedicação, assim, maior será sua ansiedade para atender expectativas, conseqüentemente, maior sua tendência para a diminuição da qualidade do que faz, para surgimento de enfermidades a ponto de alterar negativamente a QV.

Na correlação dos Domínios físico, psicológico e social com o estado civil, verificou-se que não houve diferença significativa na avaliação da QV entre os casados, separados e solteiros, sendo o total geral (92,4%) de professores que consideram possuir uma boa QV. Segundo a pesquisa qualitativa de Beck e Budó (1999), sobre a QV na concepção de um grupo de professores de enfermagem, a família foi considerada a base e a fonte de equilíbrio para a QV e também por ser a família onde as pessoas podem desabafar suas frustrações no trabalho e se auto-regular (SOUZA; REIS; BRENABE, 2003).

5 CONCLUSÃO

A profissão docente vem despertando o interesse dos pesquisadores nas diversas áreas de abrangência, principalmente na relação do docente com o estresse ocupacional e o *burnout*. Não houve o conhecimento de pesquisa existente de QV entre professores no Brasil que utilizaram o WHOQOL-Breve, por isso, a comparação dos resultados foi realizada com pesquisas similares de professores ou com assuntos diferentes, mas que utilizaram o mesmo instrumento de avaliação de qualidade de vida.

Verificou-se que as variáveis independentes sócio-demográficas selecionadas contribuíram significativamente para explicar a influência destas na QV geral dos professores, no entanto, outras informações podem ser agregadas a estas para um aprofundamento em um estudo futuro sobre o mesmo tema ou temas afins:

a) a QV geral avaliada pelos professores do ensino fundamental da rede pública municipal de Palotina-PR, em geral, numa escala de 0 a 100, encontra-se em torno de 60 (ponto de corte 70).

b) os professores estão muito satisfeitos com a sua saúde geral;

c) quando analisados os domínios que compõem esta qualidade de vida percebida, constata-se que os professores acreditam que sua QV é melhor nos Domínios físico, psicológico e social, do que no Domínio meio ambiente;

d) o Domínio meio ambiente foi o que apresentou o menor escore;

e) o número de filhos, a carga horária semanal, o número de escolas que o professor atua e a renda familiar influenciaram significativamente na QV percebida pelos professores;

f) a dificuldade em conciliar a vida profissional com as atividades domésticas e a insatisfação com as oportunidades de atividade de lazer foram dados revelados como determinantes para a avaliação da QV.

Conclui-se com esta pesquisa que, apesar de afirmarem satisfação com a QV geral, os professores do ensino fundamental, com base nos dados sócio-demográficos e estatísticos, apresentaram resultados abaixo da média na maioria dos domínios avaliados.

Portanto, sugere-se entre as propostas educacionais do município, a implantação de uma política de qualidade de vida, bem como rever o plano salarial e encontrar uma maneira eficiente para que o professor possa conciliar a vida profissional com as atividades domésticas, adquirindo mais tempo livre para o lazer. Lembrando que a QV é subjetiva e que ouvir os sujeitos envolvidos é primordial para se obter um resultado satisfatório em todas as instâncias.

Esta pesquisa despertou na pesquisadora o interesse em dar continuidade aos estudos sobre o tema em futuras pesquisas, idealizando-se para o doutorado, uma pesquisa mais aprofundada do assunto.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ALVES, N. **Formação de professores**: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1992.

AMADO, E. **O trabalho dos professores do ensino fundamental**: uma abordagem ergonômica. 2000. 103 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

AMATO, M. S.; AMATO N., V.; UIP, D. E. Avaliação da qualidade de vida de pacientes com doença de Chagas submetidos a transplante do coração. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 30, n. 2, p. 159-60, mar./abr. 1997.

AQUINO, J. G. **Diálogos com educadores**: o cotidiano escolar interrogado. São Paulo: Moderna, 2002.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARBOSA, S. R. C. S. **Qualidade de vida e suas metáforas - uma reflexão sócio ambiental**. 2002. 326 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BARREIRE, S. G. et al. Qualidade de vida de crianças ostomizadas na ótica das crianças e das mães. **Jornal de Pediatria**, São Paulo, v. 79, n. 1, 2003.

BARROS, A. D. **Palotina em destaque**. Palotina-PR: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, 2002.

BARROS, C. A.; GUIMARÃES, L. A. M. Lesões por esforços repetitivos-L.E.R – aspectos psicológicos. In: GUIMARÃES, L. A. M.; GRUBITS, S. (Orgs.). **Série saúde mental e trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. v. 1, p. 73-86.

BATISTA, A. S.; EL-MOOR, P. D. Gestão - eficiência nas escolas. In: CODO, W. (Coord.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 174-82.

BATISTA, A. S.; ODELIUS, C. C. Infra-estrutura das escolas públicas. In: CODO, W. (Coord.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 161-73.

BECK, C. L. C.; BUDÓ, M. L. A qualidade de vida na concepção de um grupo de professoras de enfermagem: elementos para reflexão. **Revista Esc Enf**, São Paulo, v. 33 n. 4, p. 384-54, 1999.

BERLIM, M. T.; FLECK, M. P. A. Qualidade de vida: um novo conceito para a pesquisa e prática em psiquiatria. **Revista Brasileira de Psiquiatria**: revista da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Porto Alegre, v. 25, n. 4, p. 249-52, 2003.

CALMAN, K. C. Quality of life in cancer patients. **J Med Ethics**, v. 10, p. 124-7, 1984.

CARDOSO, W. L. C. D. Qualidade de vida no trabalho: uma articulação possível. In: GUIMARÃES, L. A. M.; GRUBITS, S. (Orgs.). **Série saúde mental e trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. v. 1, p. 89-116.

CODO, W. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é *burnout*. In: CODO, W. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 237-254.

COSTA, M. C. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

DANTAS, R. A. S.; SAWADA, N. O.; MALERBO, M. B. Pesquisas sobre qualidade de vida: revisão da produção cientifica das universidades públicas do Estado de São Paulo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 532-8, jul./ago. 2003.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **A psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana a análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DIOGO, M. J. D. Satisfação global com a vida e determinados domínios entre idosos com amputação de membros inferiores. **Revista Panamericana Salud Publica**, v. 13, n. 6, p. 395-9, jun. 2003.

DURÃES, M. I. C.Influência da fonte de célula (progenitora periférica ou medula óssea) na qualidade de vida de pacientes onco-hematológicos submetidos ao transplante alogênico de medula óssea. **Rev Bras Hematol Hemoter**, v. 24, n. 1, p. 63-4, mar. 2002.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala-de-aula e a saúde dos professores. Bauru: Edusc, 1999.

FARQUHAR, M. Definitions of quality of life: a taxomany. **J Adv Nurs**, v. 22, p. 502-8, 1995.

FERNANDES, E. C. **Qualidade de vida no trabalho**. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.

FERNANDES, L. C. et al. Qualidade de vida e aplicações em migrânea: impacto social, educação e conquistas profissionais. **Migrâneas e Cefaléias**, São Paulo, v. 5, n. 2, jul./ago./set. 2002.

FERRAZ, M. B. **Qualidade de vida**: conceito e um breve histórico. Jovem Médico, v. 4, p. 219-22, 1998.

FLECK, M. P. A. Avaliação de qualidade de vida. In: FRÁGUAS JUNIOR, R.; FIGUEIRÓ, J. A. B. (Orgs.). **Depressão em medicina interna e em outras condições médicas**: depressões secundárias. São Paulo: Atheneu, 2000.

_____. **Versão em português do instrumento de avaliação da qualidade de vida (WHOQOL)**. Disponível em: <http www.ufrgs.br/whoqol1.html>. Acesso em: 20 mar. 2003.

FLECK, M. P. A. et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100). **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 21, n. 1, p 19-28, 1999a.

_____. Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100). **Revista Saúde Pública**, v. 33, n. 2, p. 198-205, 1999b.

_____. Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação da qualidade de vida 'WHOQOL-Bref. **Revista Saúde Pública**, v. 34, n. 2, p. 178-83, 2000.

FONSECA, C. C. O. P. **O adoecer psíquico no trabalho do professor de ensino fundamental e médio da rede pública municipal no Estado de Minas Gerais**. 2001. 226 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FRANÇA, A. C.; LIMONGI, S. Qualidade de vida no trabalho: conceitos, abordagens, inovações e desafios nas empresas brasileiras. **Revista Brasileira de Medicina Psicossomática**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 79-83, abr./maio/jun. 1997.

FRANÇA, A. C.; RODRIGUES, A. I. **Stress e trabalho**: guia básico com abordagem psicossomática. São Paulo: Atlas, 1997.

GOULART, Í. B.; SAMPAIO, J. R. Qualidade de vida no trabalho: uma análise da experiência de empresas brasileiras. In: SAMPAIO, J. R. (Org.). **Qualidade de vida, saúde mental e psicologia social: estudos contemporâneos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. v. 1, p. 19-37.

GUIMARÃES, L. A. M. et al. Prevalência dos transtornos mentais nos ambientes de trabalho. In: GUIMARÃES, L. A. M.; GRUBITS, S. (Orgs.). **Série saúde mental e trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. v. 1, p. 61-70.

HYPÓLITO, A. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas: Papirus, 1997.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS. **Estatísticas dos professores no Brasil**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/censo/2003/estatisticas_professores.pdf>. Acesso em: 15 set. 2004.

JULIÃO, P. **Avaliação em empresa do setor automobilístico a partir do clima organizacional e do sistema da qualidade baseada na especificação técnica ISO/TS 16.949**. 2001. 58 f. Monografia e conclusão de curso (Graduação em Administração) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

KLIGERMAN, J. Câncer e qualidade de vida. **Revista Brasileira de Cancerologia**. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/rbc/n_45/v.02/editorial.html>. Acesso em: 15 jun. 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora**: novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2000.

LIMA, A. F. B. **Qualidade de vida em pacientes do sexo masculino dependentes de álcool**. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LIPP, M. E. N. O stress do professor de pós-graduação. In: LIPP, M. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2003. p. 55-62.

LOUREIRO, M. I. O desenvolvimento da carreira dos professores. In: ESTRELA, M. T. (Org.). **A (in)satisfação dos professores**: estudo de opinião dos professores do ensino secundário do distrito de Bragança. Portugal: Porto, 1997. p. 117-30.

MALAGRIS, L. E. N. O professor, o aluno com distúrbios de conduta e o stress. In: LIPP, M. (Org). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2003. p. 41-53.

MARCONATO, N. **As mulheres professoras**: o ser e o fazer na inserção profissional. 2002. 86 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MARTINS, J. M. **Sujeitos e organização**: co-participes na promoção do bem-estar psicológico e da saúde enquanto elementos da qualidade de vida no trabalho. 2002. 196 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MAURO, M. L. F.; GIGLIO, J. S.; GUIMARÃES, L. A. M. Saúde mental do trabalhador adolescente. In: GUIMARÃES, L. A. M.; GRUBTIS, S. (Orgs.). **Série saúde mental e trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. v. 1, p. 135-55.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria geral da administração**: da revolução urbana à revolução digital. São Paulo: Atlas, 2004.

MEIRA, S. R. Implicações do stress do professor e alunos no processo de alfabetização. In: LIPP, M. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2003, p. 29-39.

MELEIRO, A. M. A. S. O stress do professor. In: LIPP, M. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2003. p. 11-27.

MELLO, G. N. **Magistério de 1º. grau**: da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez, 1982.

MENTA, S. A. **Qualidade de vida de idosos asilados**. 2003. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2003.

MOREIRA, M. M. S. **Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento**. 2000. 100 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.

MORETTI, J.; MURTA, A. L. **Saúde mental e trabalho**: breves considerações. Disponível em: <http://www.sinttilimg.org.br/dowload/saúde-mt.doc>. Acesso em: 10 fev. 2004.

NIV, D.; KREITLER, S. Pain and quality of life. **Pain Pratice**, Tel-Aviv-Israel, v. 1, n. 2, p. 150-61, 2001.

NOVAES, M. E. **Professora primária, mestra ou tia**? São Paulo: Cortes, 1984.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto, 1995. p. 13-34.

ODELIUS, C. C.; CODO, W. Salário. In: CODO, W. (Coord.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 193-236.

OLIVEIRA, V. B. T. C. **Stress ocupacional em uma amostra de professores do ensino médio da rede particular de educação**. 2003. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2003.

PAIVA, O. C. T. **Exposição ao ruído ocupacional e qualidade de vida**. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2003.

PYZALSKI, J. **Stressors in the teacher's workplace**. Disponível em: <http://www.bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online>. Acesso em: 10 mar. 2002.

RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A.; CREPALDI, A. L. Qualidade de vida em doenças pulmonares crônicas: aspectos conceituais e metodológicos. **Jornal Pneumologia**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 207-13, jul./ago. 2000.

REINHOLD, H. H. O *burnout*. In: LIPP, M. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2003. p. 63-80.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto, 1995. p. 63-90.

SANTOS, S. R. **Viva mais e melhor**. Curitiba: Juruá, 1999.

SCHAFFRATH, M. A. S. **Profissionalização do magistério feminino**: uma história de emancipação e preconceitos. Disponível em: <http://www.dnep.org.br/23/textos/0217t.PDF>. Acesso em: 21 jul. 2004.

SCHIPPER, H.; CLINCH, J. J.; OLWENY, L. M. Quality of life studies: definitions and conceptual issues. In: SPILKER, B. (Org.). **Quality of life and pharmaecoeconomics in clinical trials**. 2. ed. New York: Lippincott-Raven, 1996. p. 11-23.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-42, out. 1997.

SILVA, F. P. *Burnout*: um desafio à saúde do trabalhador. **Revista Psi**, v. 2, n. 1, jun. 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n15.htm>. Acesso em: 10 jun. 2004.

SILVA, J. V. et al. Qualidade de vida e as conseqüências do estresse nas organizações. In: CONGRESSO NACIONAL EM GESTÃO, 2002, Niterói-RJ. **Anais**... Niterói, 2002. 1 CD-ROM.

SILVA, M. G. N.; NASPITZ, C. K.; SOLÉ, D. Qualidade de vida nas doenças alérgicas: por que avaliar? **Revista Brasileira de Alergia e Imunopatologia**, v. 23, n. 6, p. 260-9, 2000. Disponível em: <http://www.sbai.org.br./vol236/qual.htm>. Acesso em: 17 fev. 2004.

SOBRINHO, F. P. N. O stress do professor do ensino fundamental: o enfoque da ergonomia. In: LIPP, M. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2003. p. 81-94.

SORRATO, L.; OLIVIER-HECKLER, C. Os trabalhadores e seu trabalho. In: CODO, W. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 89-136.

SOUZA, E. A. P. Qualidade de vida na epilepsia infantil. **Arq Neuro-psiquiatria**, v. 57, n. 1, p. 34-9, 1999.

SOUZA, J. C.; GUIMARÃES, L. A. M. **Insônia e qualidade de vida**. Campo Grande: UCDB, 1999.

SOUZA, S. D. **Qualidade de vida de professores universitários em fase de mestrado**. 2001. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ergonômia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SOUZA, V. L. F.; REIS, R. S.; BRENABE, A. C. Análise da qualidade de vida dos pacientes do grupo de quadril adulto operados com enxerto ósseo. **Acta Ortop Bras**, v. 11, n. 3, p. 176-86, jul./ago. 2003.

SPILKER, B. Introduction. In: SPILKER, B. (Org.). **Quality of life and pharmaecoeconomics in clinical trials**. 2. ed. New York: Lippincott-Raven, 1996. p. 1-10.

STEPHANINI, I. C. **Qualidade de vida dos profissionais de saúde que trabalham com portadores de HIV no Estado de Mato Grosso do Sul**. 2003. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2003.

SZABO, S. The world Health organization quality of life (Whoqol) assessment instrument. In: SPILKER, B. (Org.). **Quality of life and pharmacoeconomics in clinical trials**. 2. ed. New York: Lippincott-Raven, 1996. p. 355-62.

TRÍCOLI, V. A. C. O papel do professor no manejo do stress do aluno. In: LIPP, M. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2003. p. 95-107.

VALLE, A. S.; VIEIRA, I. P. R. Qualidade de vida no trabalho dos servidores técnico-administrativos da Universidade federal de minas gerais. In: SAMPAIO, J. R. (Org.), **Qualidade de vida, saúde mental e psicologia social**: estudos contemporâneos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 39-78.

VASCONCELOS, A. F. Qualidade de Vida no trabalho: origem, evolução e perspectivas. **Caderno de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 23-35, jan./mar. 2001.

WAKABAYASHI, A. **Coping styles and anxiety and physiological responses of teachers in stressful situations**. Disponível em: http://www.bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online>. Acesso em: 30 set. 2004.

WANG, Z.; LAN, Y. L. I. J.; WANG, M. **Appraisal of occupation stress and strain in primary an secondary school teachers**. Disponível em: <http://www.bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online>. Acesso em: 30 set. 2004.

YAMAMDA, B. F.A. **Qualidade de vida de pessoas com úlceras venosas crônicas**. 2001, 175 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário sócio-demográfico

Caro professor(a),

Pedimos um pouco do seu tempo para responder as questões a seguir.

As informações são confidenciais e não serão usadas para qualquer outro fim se não para a dissertação de mestrado a que se destina.

Data: ...../...../2004

Ficha n.: .....

1) Gênero: [ ] feminino [ ] masculino.

2) Idade: ..... anos.

3) Estado civil: [ ] solteiro [ ] casado [ ] separado [ ] viúvo.

4) Número de filhos: .....

5) Renda familiar em salário mínimo: .....

6) Número de pessoas que vivem da renda familiar: .....

7) Tempo de magistério: ..... anos.

8) Carga horária semanal?:..... horas.

9) Número de escolas que trabalha: .....

10) Vínculo trabalhista com o município: [ ] efetivo [ ] contratado.

11) Exerce outra atividade? [ ] sim [ ] não.

12) Número de vínculos trabalhistas com ou sem registro: .....

Obrigada pela sua colaboração !

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome do Projeto: “QUALIDADE DE VIDA DOS PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PALOTINA-PR”.

Nome do responsável pela pesquisa: MARIA DAS GRAÇAS S. Q. BITTENCOURT.

Objetivo e justificativas: A pesquisa vai verificar a qualidade de vida geral dos professores em atividade de ensino na rede pública municipal e na zona urbana do município de Palotina. Os resultados serão divulgados sem a identificação dos participantes.

Eu ..... Idade: ..... RG: .....

Endereço:.....

Declaro consentir em participar, sem nenhum gasto, da pesquisa científica intitulada “Qualidade de Vida do Professor do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Palotina-PR”, de autoria da mestranda Maria das Graças S. Q. Bittencourt, Psicóloga do Serviço de Obras Sociais de Palotina-PR.

Tenho ciência de que minha participação consistirá em responder a um questionário individual e de múltipla escolha. As respostas serão analisadas estatisticamente sem a minha identificação, com posterior redação de trabalho de Tese da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Entrevistado(a) Nome:.....

Assinatura .....

Responsável pela pesquisa Nome:.....

Assinatura .....

Pesquisadora:

(0xx44) 649-5288

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

(67) 312-3605

ANEXO

WHOQOL - ABREVIADO

Versão em Português

PROGRAMA DE SAÚDE MENTAL
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE
GENEBRA

Coordenação do GRUPO WHOQOL no Brasil

Dr. Marcelo Pio de Almeida Fleck
Professor Adjunto Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre – RS - Brasil

Instruções

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. **Por favor, responda a todas as questões**. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha.

Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as **duas últimas semanas** . Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas. Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" apoio como abaixo.

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número 1 se você não recebeu "nada" de apoio.

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe parece a melhor resposta.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem boa	boa	muito boa
1	Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
2	Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre **o quanto** você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6	Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão completamente** você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	médio	muito	completamente
10	Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13	Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão bem ou satisfeito** você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
16	Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19	Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se a **com que freqüência** você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

		nunca	algumas vezes	freqüentemente	muito freqüentemente	sempre
26	Com que freqüência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

Alguém lhe ajudou a preencher este questionário?.....

Quanto tempo você levou para preencher este questionário?.....

Você tem algum comentário sobre o questionário?

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO